

NOTA DE
ESCLARECIMENTO
ABCZ e a rastreabilidade

ABCZ

A REVISTA BRASILEIRA DO ZEBU E SEUS CRUZAMENTOS

ANO 4 • Nº 23 • NOVEMBRO-DEZEMBRO/2004



IMPRESSO ESPECIAL

Contrato 7317234301

ECT/DR/MG-ABCZ

envelopamento autorizado,
pode ser aberto pela ECT.



REGULAMENTO DO SERVIÇO
DE REGISTRO GENEALÓGICO
DAS RAÇAS ZEBUINHAS

REGULAMEN
DE REGISTRO
DAS RAÇAS

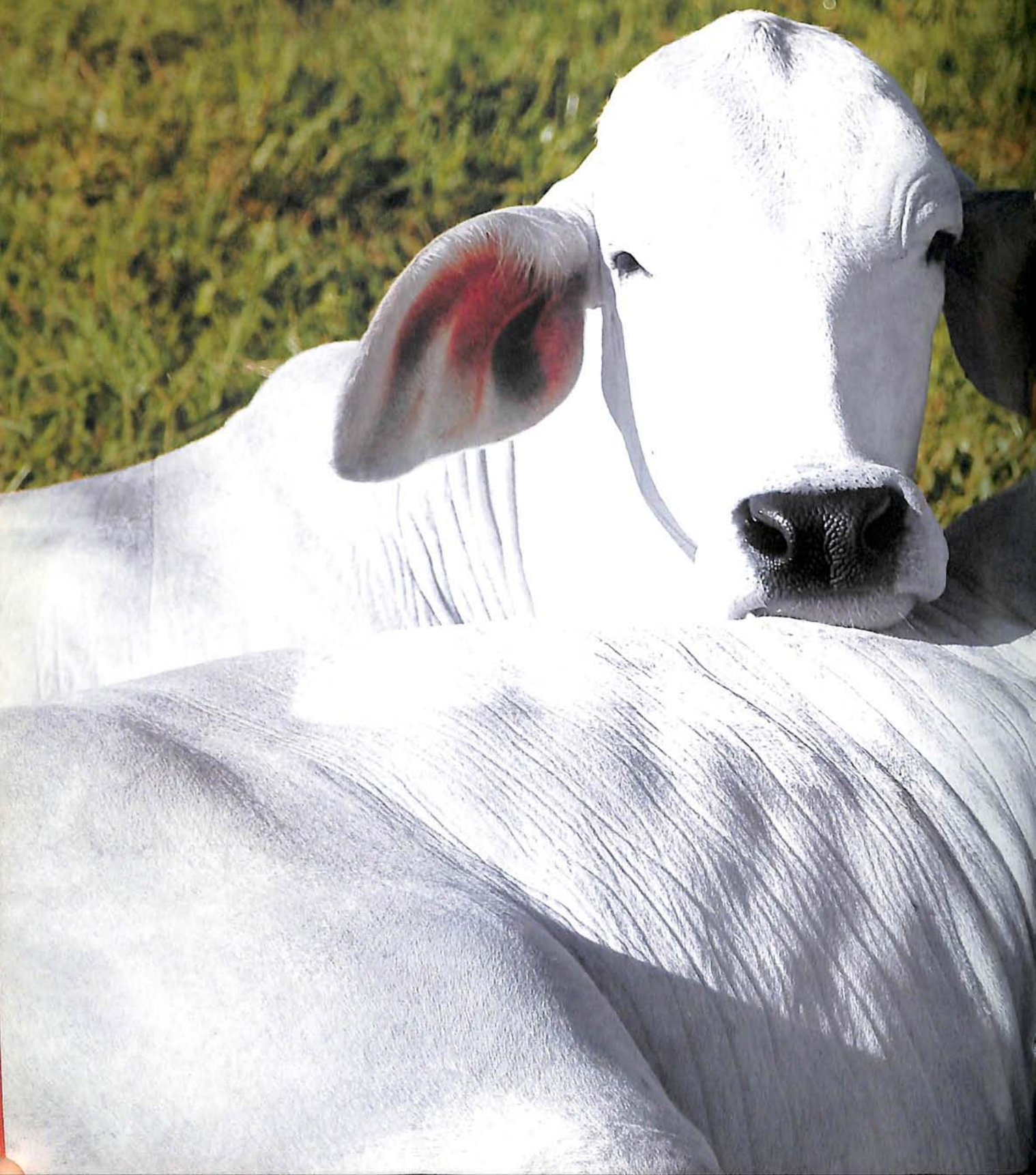
REGULAMEN
DE REGISTRO
DAS RAÇAS

Zebu equilibrado

Racialmente definido, funcionalmente correto



Dupla



aptidão na Terra do Brahman.

Segundo Melhor Criador
Terceiro Melhor Expositor

Parabéns à **1ª EXPO BRAHMAN**

Um sucesso!!!

57 expositores, 491 animais inscritos
5,5 milhões de faturamento
em 7 leilões.

 **BRAHMÂNIA**
CONTINENTAL
A terra do Brahman

Bruno E. Jacintho - (17)3323-3232 - Barretos - SP - fazendacontinental@uol.com.br

O zebu não custa, vale

Ouçõ essa frase desde menino, quando meu pai, Orestes Prata Tibery, criava indubrasil na fazenda São João, em Três Lagoas (MS). Criar zebu é realmente uma dádiva e um privilégio, é sinônimo de qualidade de vida. Quantos empresários não enfrentam seu dia-a-dia preocupados com o dólar, com a Bolsa, com a alta dos juros, com as greves, chegando em casa estressados e de mau humor?

Conheço muitos que começaram a criar zebu e hoje têm na sua propriedade e no seu rebanho a válvula de escape, uma terapia para seus estresses. Principalmente aqueles que se dedicaram a o trabalho de acasalamentos. Eles vêem o resultado da sua intuição com o nascimento dos bezerros e, depois, ao acompanhar o desenvolvimento desses animais – com destaque para os exemplares que são selecionados para as pistas de exposições. Tal sensação só quem a vive pode sentir e explicar.

Atualmente, graças às técnicas modernas de TE e FIV, qualquer pessoa que deseja bem empregar seu capital pode ingressar no mundo do zebu onde a amizade, a lealdade e o companheirismo são as características marcantes de cada criador. O iniciante que, hoje em dia, compra meia dúzia de fêmeas zebuínas de primeira qualidade, adquirindo animais procedentes de trabalhos com linhagens que aprimoraram características desejáveis como as de fertilidade, precocidade, habilidade materna e que preservam as características raciais e a genealogia, estará realizando um negócio seguro e muito rentável.

Para a opinião pública, os valores dos leilões de elite podem parecer extravagantes, mas preços altos eram aqueles que pagávamos quando começamos a nossa criação. Dificilmente o pecuarista abria mão de uma fêmea cabeceira de seu rebanho e, se chegasse a vendê-la, tínhamos uma matriz que produzia apenas um bezerro por ano – sem a garantia de fêmea no produto. Em 1970, pagamos o valor de um avião “Bonanza” por dez bezerras desmamadas do plantel de Torres Homem Rodrigues da Cunha, e consideramos esse negócio como o melhor que já realizamos em toda nossa vida, pois esse

lote formou as melhores famílias da nossa seleção.

Hoje, em cinco ou seis anos de criação, um selecionador tem condições de competir com sucesso nas pistas, em virtude da grande oferta de matrizes de qualidade no mercado, que se multiplicou com as modernas técnicas de reprodução. Ou então, até mesmo quem não tem fazenda pode tornar-se criador de zebu. É o caso das vacas de exceção que são vendidas nos leilões em que o vendedor, na maioria das vezes, tem interesse que ela continue na propriedade para a coleta de embriões em parceria. Nesse processo, o comprador pode contar com produtos para continuar sua sociedade ou, então, para vendê-los em outros remates.

Em contra partida, temos a reclamação geral de que o valor dos machos, atualmente, não está compatível com a qualidade genética dos animais. Na realidade, os preços não estão compensadores, principalmente para aqueles que tratam animais em cocheiras e levam para exposições. Contudo, o curioso é que esses preços acessíveis estão beneficiando bastante a pecuária de corte brasileira. Touros de primeira linha estão sendo usados em vacas de corte que, por sua vez, produzem bezerros com a qualidade que só teríamos daqui a dez anos ou mais.

Com isso, o criador tem um bezerro mais precoce, mais valorizado e bom produtor de carne, além de ficar animado a continuar comprando bons reprodutores. Ninguém perde dinheiro com o zebu. Existem criadores que sempre viveram exclusivamente da zebuicultura, aumentando seus rebanhos, ampliando suas fazendas, criando e educando seus filhos. Graças a Deus e à minha família, nas pessoas do meu bisavô, avô, pai e tios, eu também sou zebuizeiro. Essa é uma corrente forte, pois nossos filhos, que foram criados nesse ambiente, dificilmente vão escolher outros caminhos. Nenhum menino troca um passeio a cavalo, a lida com o gado, a convivência com os vaqueiros e com os tratadores e a emoção das exposições por qualquer outro programa. Por tudo isso, retomo a frase que soa como eterna aos meus ouvidos: o zebu não custa, vale.



Orestes Prata Tibery Júnior,
presidente da ABCZ



TRONCOS E BALANÇAS

Tradição e inovação, com soluções inteligentes para uma contenção ágil e segura

DESAFIO DA BECKHAUSER

- COMPROMISSO COM O PRODUTOR
- BEM ESTAR ANIMAL

A Beckhauser está sempre na busca soluções para o campo. Cria alternativas de melhor custo benefício, inova com matérias primas alternativas e desenvolve produtos que surpreendem às exigências do produtor.

Esforço que vale a pena, pois agrega valor ao seu patrimônio com melhor qualidade no manejo para obter os mais elevados índices de sanidade e produtividade do rebanho.

Arrojada quando introduziu no Brasil o pistão auto-travante nas contenções

Inovadora por difundir pesagem e contenção no mesmo produto – a balança-tronco

Pioneira na difusão de técnicas de manejo racional - foi a primeira empresa a fazer dinâmica de pecuária na Agrishow e Show Rural.

Preferida pelas melhores escolas agrárias do país no fornecimento de equipamentos para uso acadêmico – entre tantas estão a USP – UNESP – ESALQ – UEL – UEM – FAZU

Presente em mais de 20 mil fazendas no Brasil

Quer saber mais e conhecer toda a linha Beckhauser

(Procure um representante mais perto de você)

Ligue: 0800 44 9002 ou 0 xx(44) 421-1000



DDG 0800 44 9002

Visite nosso site e conheça toda linha Beckhauser

Visite: www.beckhauser.com.br

Escreva: tronco@beckhauser.com.br

BRBR E BUBBA HUDGINS
apresentam
JDH SIR ROMEL MANSO 145/1



Ter trazido Sir Romel Manso 145/1 para o Brasil foi uma grande conquista. Para tirá-lo da reserva dos Hudgins, a BRBR fez uma parceria com Bubba, que mantém interesse pelo touro e, a cada vez que vem ao Brasil, gosta mais e mais dele. Romel 145 é filho de Rem Tom 805, neto de Baxter 188. A Alta Genetics, que conhece bem sua base genética, contratou Sir Romel Manso 145/1 por considerá-lo uma excelente opção de sêmen importado.

A genética que produziu Romel Manso 145/1 é toda desenhada para produzir fêmeas de altíssima qualidade. Em todo o seu pedigree, estão touros que produziram excelentes exemplares. E, na linha feminina, estão simplesmente as grandes damas da raça que geraram o famoso Karu Manso 800. Também se encontram aqui três gerações de seleção buscando uma linha baixa cada vez mais limpa, com umbigo completamente corrigido. No Rancho Hudgins, do Texas, obtemos excelentes resultados com o pedigree de Romel 145/1.

Bubba Hudgins


ALTA
GENETICS
Inseminação Artificial

O melhor do melhor

 **BRBR**

BRAHMAN BRASIL

www.brbr.com.br

EDITORIAL

Dezembro é fim de ano, mês de festas e também o período de se refletir, de se fazer um balanço dos meses que ficaram para trás. Em 2004, a pecuária brasileira continuou registrando bons superávits, apesar de alguns deslizos como os casos de febre aftosa no Pará e na Amazônia – insignificantes, para nós, do ponto de vista técnico; alarmantes, porém, para a esfera comercial.

Mesmo assim, fechamos 2004 na categoria de maior exportador de carne bovina do mundo, pelo segundo ano consecutivo, isso sem falar nos avanços registrados no volume de exportações do setor lácteo brasileiro. Contudo, encerramos mais um ano colhendo frutos muito aquém do esperado na produção e na comercialização de produtos (ou subprodutos) como o couro. Nesta edição, trazemos o assunto à tona em duas matérias: uma que trata da cadeia produtiva em si, e outra que aponta para alternativas importantes como a CooperCarne, em Rondônia, que vai proporcionar melhor comercialização não só de carne bovina, mas do couro também produzidos naquele estado.

No que diz respeito à matéria de capa deste número, chamamos a atenção para a atual filosofia de trabalho da ABCZ que preza a condução equilibrada nos processos seletivos do zebu. A inclusão da tabela máxima de pesos nas informações disponíveis aos jurados e a exigência de testes de paternidade, ainda na pista, aos

Grandes Campeões da ExpoZebu, são algumas alterações realizadas pela área técnica que estarão em vigor em 2005 (detalhes nas pág. 29, 30 e 31). Através dessas medidas, a ABCZ quer chegar num zebuino tal qual a chamada de capa desta edição descreve: racialmente definido, funcionalmente correto.

A revista ABCZ, inclusive, passa a publicar, a partir do próximo número, trechos do Regulamento do Serviço de Registro Genealógico das Raças Zebuínas, como forma de incentivar e promover os conceitos definidos para o padrão racial do gado zebu. Para completar, vamos estreiar uma coluna especial da área técnica, que vai trazer dicas indispensáveis a respeito dos processos e serviços desenvolvidos pela ABCZ.

Outro fato de destaque é a Nota de Esclarecimento (págs. 38 e 39) da ABCZ em relação ao seu posicionamento frente à implantação do sistema de rastreabilidade no rebanho bovino brasileiro. Assinado pela Diretoria Técnica da entidade, o texto reporta a preocupação da ABCZ quanto aos processos de segurança alimentar existentes no mundo, e mostra a seriedade com que essa discussão é conduzida desde então.

No mais, temos novidades sobre o projeto Genoma do Boi, sobre a criação de zebu no litoral catarinense, entre outros.

Para todos, desejamos boas festas e muita prosperidade em 2005.

Boa Leitura!



Órgão oficial da Associação
Brasileira dos Criadores de Zebu

Conselho Editorial

Orestes Prata Tibery Júnior, Paulo Ferolla, Gabriel Prata Rezende, Jovelino Carvalho Mineiro Filho, Luiz Antonio Josahkian, Marco Túlio Andrade Barbosa, Randolfo Borges Filho e Agrimedes Albino Onório.

Diretores responsáveis

Jovelino Carvalho Mineiro Filho (Editorial) e Frederico Diamantino Bonfim e Silva (Comercial)

Editor e jornalista responsável

Luciano Bitencourt

Repórteres

Larissa Vieira, Renata Thomazini e Laura Pimenta

Colaboradores

Wellington Campos

Fotos (exceto as mencionadas em crédito)

Maurício Farias e L. Adolfo

Redação

(34) 3319 3826 • revista.abcz@abcz.org.br

Charge e Ilustrações

Issao Ogassawara Jr.

Revisão

Sandra Regina Rosa dos Santos

Departamento Comercial

Miriam Borges (gerente), Euler José dos Santos e Vânia Weitzel

(34) 3319 3983 • meiorural@abcz.org.br

Assinaturas

(34) 3319 3848 • assinatura@abcz.org.br

Projeto gráfico

Dgraus Design • design@dgraus.com.br

Diagramação

Gil Mendes, Cassiano Tosta e Issao Ogassawara Jr.

Produção gráfica

Rodrigo Koury

Scanners

Paulo Crepaldi

Impressão - CTP

Prol Editora Gráfica

Tiragem

13.500 exemplares

Capa

Nativa Propaganda

Diretoria da ABCZ (2001-2004)

Presidente: Orestes Prata Tibery Júnior,

1º Vice-pres.: Jonas Barcellos Corrêa Filho;

2º Vice-pres.: Eduardo Biagi;

3º Vice-pres.: Paulo Ferolla.

Diretores

Aloísio Garcia Borges, Antônio Ernesto W. de Salvo, Aprígio Lopes Xavier, Frederico Diamantino Bonfim e Silva, Gabriel Prata Rezende, Gustavo Garcia Cid, José Carlos Prata Cunha, José Rubens de Carvalho, Jovelino Carvalho Mineiro Filho, Luiz Cláudio de Souza Paranhos Ferreira, Marco Túlio de A. Barbosa, Nelson R. Pineda Rodrigues e Rafael Cunha Mendes.

Superintendências

Geral: Agrimedes Albino Onório. Adm-financeira: José

Valtoirio Mio. Técnica: Luiz Antonio Josahkian.

Informática: Eduardo Luiz Milani. Técnica-adjunta de

Melhoramento Genético: Carlos Henrique Cavallari

Machado. Técnica-adjunta de Genedologia: Carlos

Humberto Lucas. Técnica-adjunta do Depto. de Jurados

das Raças Zebuínas: Moacir

Duarte Gomes.

Assessorias

Jurídica: Gilberto Martins Vasconcelos.

Imprensa: Luciano Bitencourt

Associação Brasileira dos Criadores de Zebu - ABCZ
Praça Vicentino Rodrigues da Cunha, 110 • Bloco 1
C.S. Postal 6001 • CEP: 38022-330 • Uberaba (MG)
Tel.: (34) 3319-3900 Fax: (34) 3319-3838
www.abcz.org.br

foto da capa desta edição: L. Adolfo

Índice geral

DESTAQUE 38 *Nota de Esclarecimento*

04 *pecuária no brasil*

08 Editorial

12 *cartas da índia*

14 Entrevista criador

18 A marca do prejuízo

24 O Equilíbrio entre o peso e o padrão

29 Comunicado ExpoZebu 2005

32 *etc & tal*

34 ETR do mês - Sede

36 *meio ambiente*

40 *tempo técnico*

44 Trabalho Coletivo

48 *artigo técnico*

56 Genética a serviço da pecuária

62 *economia do zebu*

64 Softwares de gerenciamento

66 *campo alegre*

68 Entrevista diretor:

habilidade para administrar

74 *alimento de qualidade*

76 Expo Brahman

80 *pecuária jovem*

82 Zebu no litoral

88 *conexão pecuária*

90 Curso de julgamento

94 Curso de Doma

96 *mercado do leite*

98 Volta por cima

128 *zebu na mesa*

130 *histórias de tiozinbo cunha*



SEÇÕES

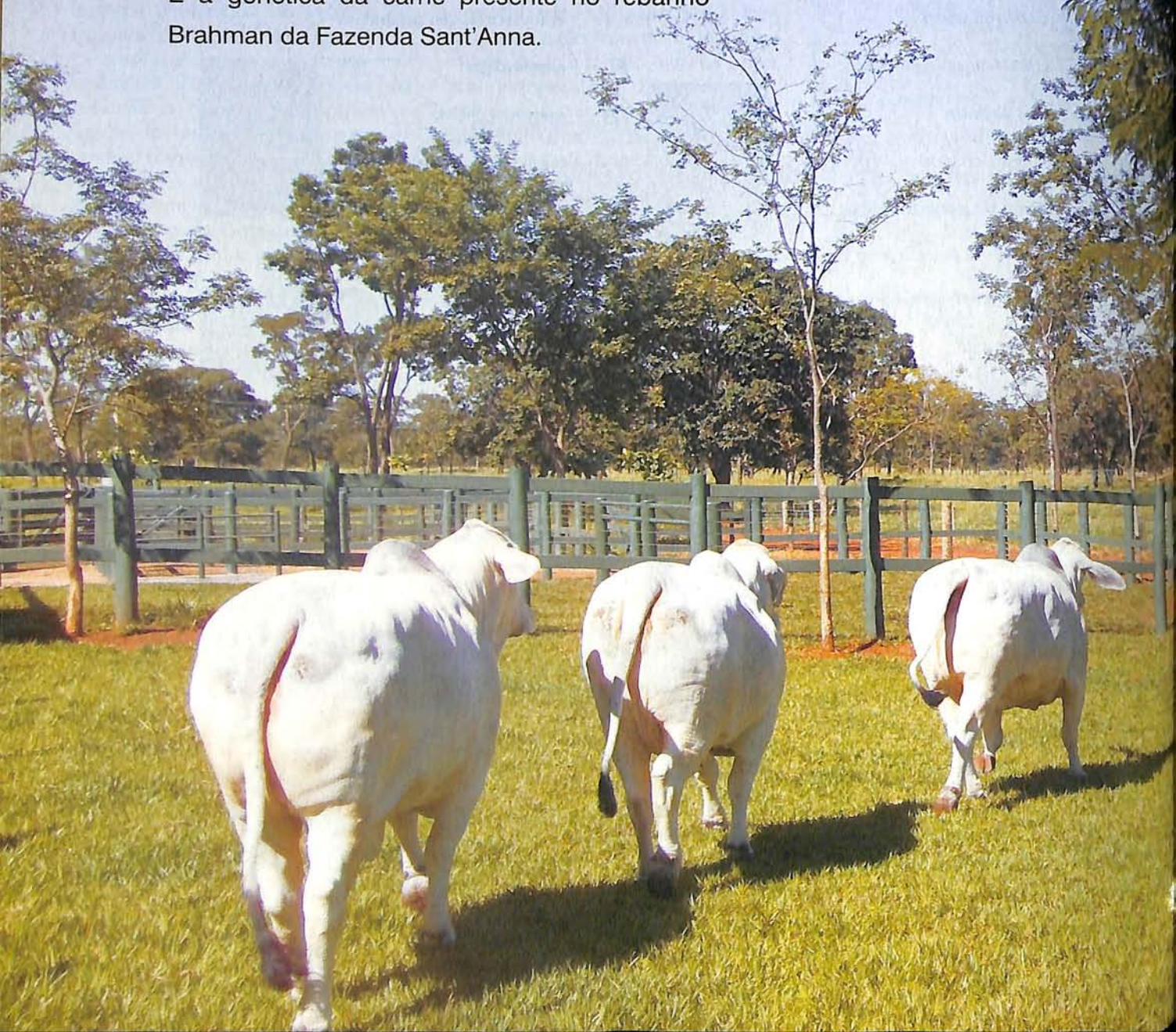
22 cartas & e-mails
122 além da fronteira

123 além do QG
124 registro

125 atacado & varejo
126 ABCZ serviços
127 novos sócios

A genética da carne

O Brahman Sant'Anna não pára de crescer quando o assunto é evolução e melhoramento genético para produção de carne de qualidade. Na busca do Brahman funcional e adequado à criação extensiva, as Fazendas Sant'Anna conseguiram chegar a um plantel rústico, fértil e, principalmente precoce. O que resultou em animais de excelente custo-benefício. É a genética da carne presente no rebanho Brahman da Fazenda Sant'Anna.





FAZENDAS

SANT'ANNA

Rancharia • Cornélio Procópio • Uberaba

www.fazendasantanna.com.br

A GENÉTICA DA CARNE

Em Uberaba:
Rod. BR 050 - KM 198 - (34) 3319-0700

João Martins Borges, um dos pioneiros na importação do zebu da Índia para o Brasil, enfrentou dificuldades para trazer o gado da Ásia, como revela em suas cartas.

A visão da pena do **PIONEIRO**

Ahmedabad, 07 de setembro de 1916

Ao
Cônsul Brasileiro
Calcutá

Prezado Sr. Joakin Nahapiet,

Hoje de manhã recebi sua carta do dia 4, pela qual muito lhe agradeço. Acabei de enviar o seguinte telegrama aos meus sócios no Brasil: "Envidem esforços para induzir Companhia Nacional Tecidos Juta São Paulo enviar uma ordem embarque juta para Joakin Nahapiet Co Hare Street 8 Calcutá para outubro".

Creio que dentro de poucos dias terei uma resposta mas, já que o embarque de juta não é uma coisa decidida, gostaria de saber se sua agência de viagens marítimas poderia fazer a tentativa de reservar lugar para levar meu gado a Santos por qualquer navio que se dirija aos Estados Unidos ou ao Rio da Prata. Creio que no interesse de 200 cabeças de gado qualquer desses vapores aportará no Brasil, onde cargas de café para Nova York são muito fáceis de serem conseguidas. Não aportariam?

É claro que o melhor para mim é enviar o gado junto com a juta mas, desde que o embarque de juta não está decidido, este passo deve ser dado. De modo que se sua agência puder fazer este trabalho, eu pagarei a comissão habitual com todo o prazer. Obviamente nada deve ser ultimado antes de sabermos se a ordem de

embarque de juta vem ou não, mas é sempre bom termos em mãos tantas informações quantas nos seja possível.

Já comprei 160 cabeças de gado.

De V.ª
Gr.ºe Obr.º
João Martins Borges



O trabalho de pesquisa e recuperação desses documentos foi feito pela sobrinha-afim de João Martins Borges, Ida Aranha Borges

O Ano Novo chega nos passos do Brahman.



A Associação dos Criadores de Brahman do Brasil deseja que assim como o Brahman, os seus passos no Ano Novo trilhem um caminho de crescimento, de superação dos desafios e alcancem um merecido sucesso.



Associação dos Criadores de Brahman do Brasil
www.brahman.com.br
(34) 3336-7326



Olho clínico

Com uma vida dedicada à criação de zebuínos, Hélio Lemos conta sua trajetória pelo país e revela sua paixão pelo gir. Jurado da ABCZ, ele explica que para ser um bom selecionador é preciso, antes de qualquer coisa, ter os olhos “calibrados” para saber separar os melhores animais

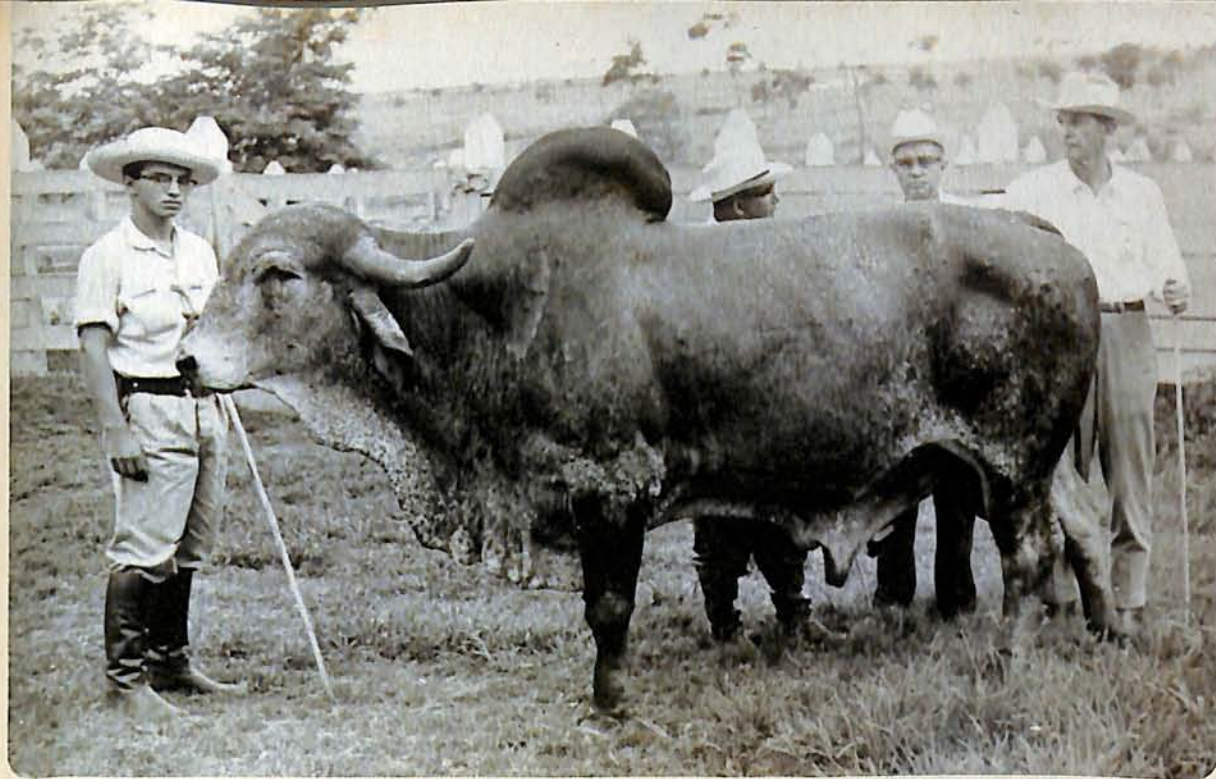
Renata Thomazini

“Pisei nas propriedades dos maiores criadores de zebu do Brasil para aprender a selecionar os melhores animais”. Hélio Ronaldo Lemos faz com orgulho essa afirmação. Começou a criar o gir com o pai em 1938, mas sua história como criador vai além das porteiras da propriedade que hoje possui no estado de Goiás. Frequentou inúmeras exposições pelo Brasil e visitou várias fazendas, algumas de criadores que se tornaram evidentes e verdadeiros ícones na história da pecuária nacional, como é o caso de Torres Homem Rodrigues da Cunha, dono do touro Karvadi - um dos pilares do rebanho nelore no país, e Rodolfo Machado Borges, proprietário da famosa “marca R”, um dos verdadeiros alicerces na seleção dos animais gir.

Hélio faz uma retrospectiva para mostrar o que a raça gir significa para a pecuária brasileira e lembra nomes de touros famosos como Gaiolão, que veio da Índia em 1930. A competitividade entre os criadores de Franca (SP) e Uberaba (MG) também está na ponta da língua. O pecuarista conta que era comum a compra de touros de propriedades localizadas em Franca para abastecer o mercado de vários estados, como Minas Gerais, Goiás, Paraná e o próprio estado de São Paulo.

A convicção de que o gir deve ser melhorado para assumir de vez sua aptidão leiteira é outro ponto de vista que Hélio Lemos defende. Além da raça gir, a nelore também povoa as pastagens de sua propriedade. Por isso, está antenado com as questões que envolvem o gado de corte. Defende remunerações melhores para aqueles criadores que levam a sério a pecuária e investem na seleção dos melhores

foto: L. Adolfo



Ao lado: Chave de Ouro II, filho de Carmem Miranda e avô de Pérola, animais que fizeram parte da história do gir no Brasil

foto: divulgação

animais para abate.

Hélio lembra que foi Pedro Cruvinel Borges quem disse um dia que era na Índia que os produtores encontrariam raças bovinas ideais para serem trazidas para o Brasil. Visionário, mal sabia Cruvinel Borges que o zebu estava fadado a ser o pilar do rebanho brasileiro.

ABCZ: O senhor é um homem dedicado à seleção dos zebuínos. Cria gir e agora está criando nelore. Selecionar é usar bem a técnica ou tem que ter dom?

Hélio Lemos: Desde pequeno convivo com o zebu. A minha família já criava o gir quando nasci. Minha juventude passei viajando por inúmeras propriedades em todo o país para aprender a reconhecer os melhores animais. Acabei convivendo com homens que se tornariam reconhecidos na pecuária pelo potencial dos animais que criam, como Torres Homem, que certamente sabia o tesouro que Dico (José da Silva, braço direito de Torres Homem) havia descoberto ao trazer o Karvadi da Índia. Agucei meus olhos para ver no zebu mais do que peso, tamanho. Acredito que é uma questão de equilíbrio e que é por meio dele que a pecuária brasileira chegou aonde chegou. Tivemos e até hoje temos pessoas que sabem selecionar o zebu atribuindo-lhe precocidade sexual e de peso, harmonia muscular, bons aprumos, mas sem deixar de lado as características raciais. Sem elas, nos perderíamos no caminho e a volta seria muito mais difícil e dispendiosa. Existem aqueles que pensam

"Precocidade sexual e de peso, harmonia muscular, bons aprumos, mas sem deixar de lado as características raciais"

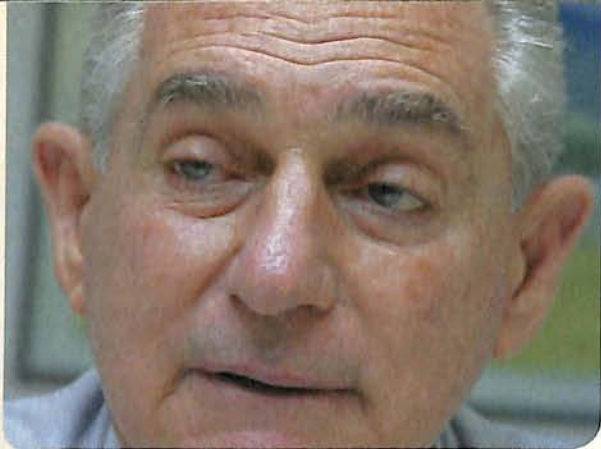
que selecionar é criar animais pesados, que impressionam. Quem tem o olho clínico, sabe que não é assim. É um processo demorado no qual é importante saber dosar produção com raça. Para um rebanho alcançar seu melhor ponto é preciso persistência.

ABCZ: Como o Sr. classifica a necessidade de material genético indiano para reprodução no país? O gir enfrenta esse problema?

HL: É resultado de alguns acasalamentos inadequados, na minha opinião. Enfrentamos no Brasil um problema que pode ser resolvido com os acasalamentos corretos, feitos com habilidade e responsabilidade. Na Índia, não acredito que tenham animais melhores que os nossos, mesmo porque eles não se preocupam com seleção naquele país. Se formos importar genética, tem que ser com cuidado e critério, porque tem muita coisa lá que nem devemos ter o trabalho de trazer para cá. O refrescamento de sangue não deve ser visto como "salvador da pátria" e sim como mais uma ferramenta a ser utilizada. Se não obedecermos critérios, podemos estragar tudo o que já conquistamos em termos de melhoramento genético.

ABCZ: A que o senhor atribui o alto valor genético que o gir possui e que está despertando interesse de vários países atualmente?

HL: Não há como falar desse assunto sem mencionar o Celso Garcia Cid, que eu considero a pes-



soa que realmente abriu as portas da Índia para que os criadores brasileiros descobrissem o fabuloso potencial do zebu. Ele sabia que se trouxesse o gir para o Brasil mudaria a história da pecuária nacional. Sabia da existência do Krishna (touro valioso na Índia) e quis aproveitar a genética desse animal para formar o plantel. Ele resolveu ir até a Índia depois que viu fotos que eu lhe mostrei, no final dos anos 1950. As fotos eu ganhei do Pedro Cruvinel Borges. Ele mandou seu gerente para buscar o Krishna. Depois da primeira importação, outras vieram. O trabalho de criadores sérios, que souberam disseminar outros animais importantes em nosso rebanho também deve ser reconhecido. É essa continuidade e esse amor ao gir que coloca a raça em um patamar de grande valorização internacional.

ABCZ: *Mas antes das importações do Celso Garcia Cid já havia zebu trazido da Índia no Brasil. Os animais não eram de qualidade?*

HL: Antes do Celso trazer os animais não existiam touros de grande valor genético. As importações interessantes começaram depois de 1920. Na importação dos anos 1930 vieram o Gaiolão, que foi para o tio Nilo; o Gandhi, que foi para a Bahia e é pai de dois genearcas, um deles o Bey, que veio para o Rodolfo Machado Borges; e o White que foi para o doutor Evaristo Soares de Paula, em Curvelo (MG). Os animais precursores da qualidade do zebu no Brasil vieram dessa importação que mencionei, do Ravísio Lemos. Mas a demanda por touros melhoradores ainda era grande e o Celso Garcia Cid acabou tendo um papel importante quando fez a sua importação.

ABCZ: *Sua família teve acesso a essa genética que veio diretamente da Índia?*

HL: Meu tio Nilo descobriu o Gaiolão que veio na primeira importação. Ele comprou o touro e acasalou com vacas descendentes de animais importados. Eram cerca de 50 cabeças, mas que formaram um belo plantel.

ABCZ: *E o senhor acompanhou seu tio nessa trajetória de seleção?*

HL: Ainda era menino quando comecei a lidar com os animais e a prestar atenção no jeito como meu tio selecionava o gado. Por volta de 1938 passei a acompanhá-lo. Meu tio criava seu rebanho na fazenda Taquaral, que era do meu bisavô, e que meu pai herdou, alugando parte para criar o gado. Creio que aí começou uma geração que melhorou muito a qualidade do gir no Brasil. O Gaiolão foi acasalado com a Fortuna, animal de excelente conformação, e foi gerado o Guilherme II – que foi chamado assim em homenagem a um rei europeu – que também foi importante na história do gir.

ABCZ: *O senhor lida com outras raças, além do gir?*

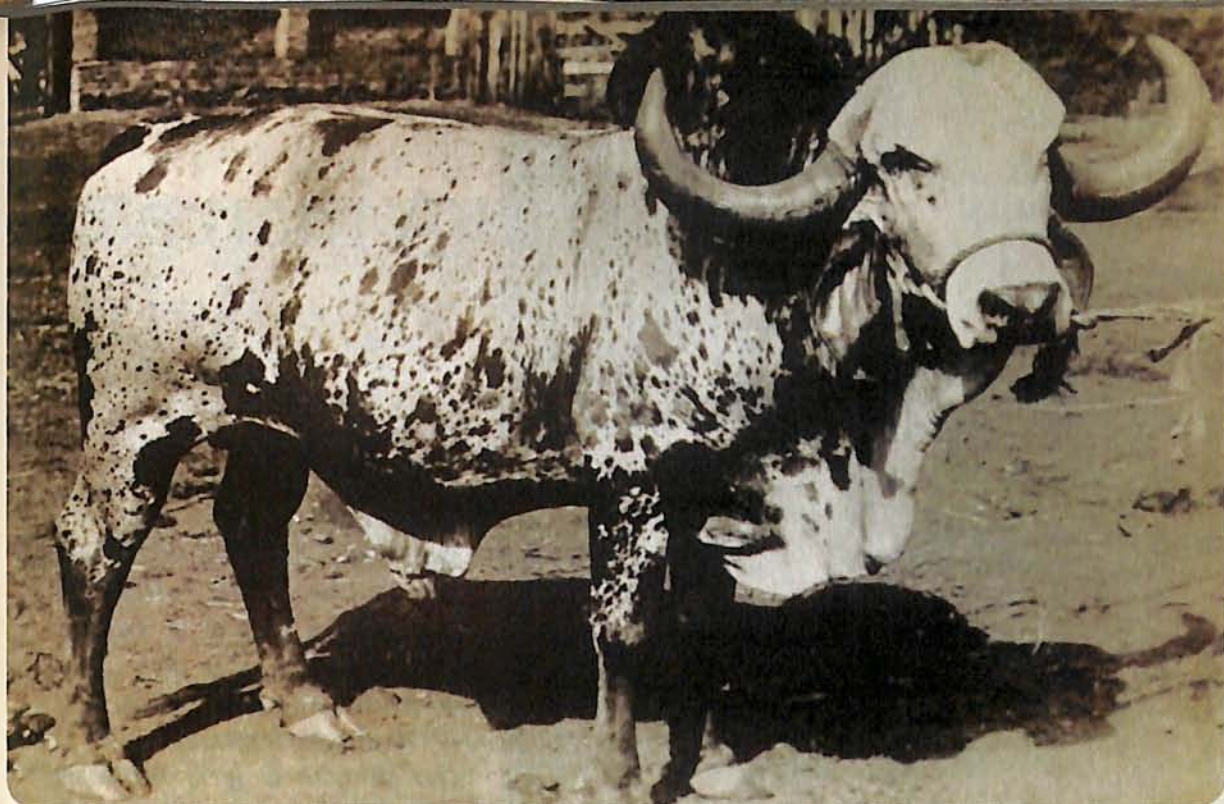
HL: Acompanhei o nelore desde a segunda importação. Meu negócio é selecionar zebu, independente da raça. Por isso aprendi a ver o melhor em cada animal, seja ele guzerá, gir, nelore.... Rodei o Brasil inteiro e pisei em várias exposições, buscando me aprimorar. Acredito no potencial do zebu e sei que a vinda desses animais para o Brasil mudou a história desse país na pecuária. Mas nada disso seria possível sem a visão dos criadores que acreditaram nesse potencial e enfrentaram vários obstáculos para trazer esses animais.

ABCZ: *Quanto à qualidade da carne do gir, apesar da raça estar bastante voltada à aptidão leiteira, o sabor é um dos diferenciais?*

HL: Sem dúvida. O sabor da carne do gir é inconfundível. As outras raças de corte agora estão se aprimorando para dar mais maciez e sabor à carne, mas esses são atributos que no gir já são conhecidos há anos. Acredito que o segredo esteja na própria estrutura da carcaça do gir, que é mais arredondada, permitindo um desenvolvimento muscular com melhor conformação.

ABCZ: *Como o senhor vê o comércio da genética, no caso, do gir?*

HL: O gir não tem um número grande de cabeças no Brasil como o nelore. Isso é um fato. Precisamos adquirir animais que somem na qualidade dos que temos aqui, mas no mundo inteiro o nosso rebanho é o melhor, por isso, torna-se difícil buscar lá fora o que precisamos. A não ser na própria Índia, onde, apesar dos criadores não se preocuparem muito com seleção, pode-se ter exemplares capazes de contribuir com “sangue novo”. Quanto à negociação entre o Brasil e outros países interessados na nossa genética zebuína, acredito que devemos atender da melhor maneira, mas sem nos esquecer de que a prioridade em relação aos melhores animais deve sempre ser o comércio interno.



Ao lado: imagem de touro gir antigo, que pertence ao arquivo de Lemos

foto: divulgação

ABCZ: *E quanto aos protocolos sanitários para o comércio externo, como o senhor os vê?*

HL: Têm que ser regularizados com urgência, para evitar contrabando de material genético, principalmente. Ninguém quer fazer negócios ilegais, mas a burocracia emperra o avanço desse comércio. Muitas vezes são apenas barreiras políticas, não têm nada a ver com a sanidade. É importante dar o caminho correto para que todos possam segui-lo. É muito difícil deixar tudo para a fiscalização, ela acaba falhando em algum ponto. Por isso, tem que existir os protocolos para nortear os negócios.

ABCZ: *O senhor acredita que a raça gir está conquistando mais terreno no Brasil?*

HL: É aí que entra a união de idéias. Os criadores brasileiros precisam encontrar um caminho comum para seguir. Não há como fazer um trabalho que impulse o gir ou qualquer outra raça sem essa união. É preciso ter bom senso e encontrar maneiras de dialogar, mesmo que existam algumas divergências. Elas sempre irão existir, mas é possível amenizá-las em nome dessa raça, que na minha opinião é a cara do Brasil porque tem rusticidade, beleza e um grande potencial produtivo.

ABCZ: *O senhor fala muito das fêmeas. Acredita que são o pilar da raça?*

HL: Valorizo muito as fêmeas porque são elas que carregam a cria no ventre durante a sua formação, que dão à luz e cuidam até que o animal consiga se cuidar sozinho. Na raça humana também é assim. Por isso, valorizo as mulheres também (risos). O sexo femi-

no é que realmente domina a vida e a conduz em toda a sua graça. No caso dos bovinos, as fêmeas gir são exemplo de habilidade materna e têm boa produção leiteira para que a cria se desenvolva com saúde. Dá para perceber a feminilidade nas novilhas, bezerras e vacas adultas. Por isso, outro ponto importante deve ser observado pelos selecionadores: a caracterização racial.

ABCZ: *É um ponto fundamental, ou acaba sofrendo restrições em detrimento da produção?*

HL: Se perdemos as características raciais, como designar cruzamentos e estudar melhores acasalamentos, se nem sabemos com qual raça estamos lidando? Perdemos o norte. Concorde? Uma cabeça bem caracterizada pode não ser avaliada em um frigorífico para render mais ao criador, nem mesmo é contabilizada para determinar a produção leiteira de um animal. Mas, seguramente, é da caracterização racial que saem parâmetros para classificar um indivíduo que amanhã ou depois poderá contribuir com sua genética para a evolução do rebanho brasileiro. Se não temos as letras, o caminho, como podemos traçar os mapas até nosso objetivo? Precisamos saber com quais animais estamos lidando para entender como utilizá-los melhor. Para isso serve a raça, e ela só pode existir se tivermos critérios que classifiquem os animais dentro de cada uma delas. Se não for pela beleza de se ter animais puros e que contribuem com seu tipo e características físicas para com a existência de uma determinada raça, que seja pela coerência, pela visão empresarial de que a raça é que dá o ponto de partida para qualquer estudo, para qualquer investimento.



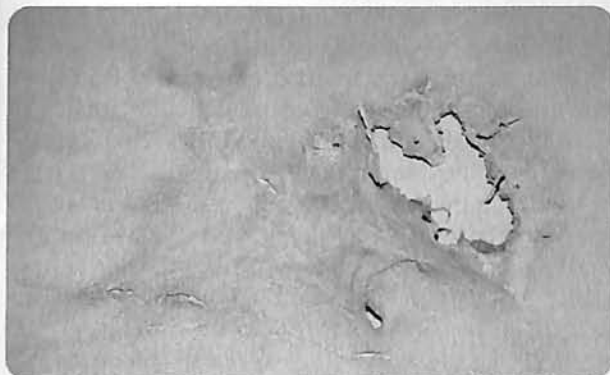
A marca do **prejuízo**

O Brasil deixa de ganhar todos os anos mais de dois bilhões de reais com a falta de qualidade do couro produzido. Um dos desafios do setor é implantar a remuneração pela matéria-prima de qualidade

Cento e vinte e três mil carros populares, 55 mil apartamentos no valor de R\$ 40 mil, cada um, 400 mil motocicletas. É o que daria para comprar com os R\$ 2,2 bilhões deixados de ganhar todos os anos pelo Brasil por causa da desqualificação do nosso couro no mercado internacional. O montante também serviria para custear por vários meses as despesas com salários de 200 mil novos funcionários, total de postos de emprego que poderiam ser gerados caso a matéria-prima fosse melhor aproveitada.

Em uma economia sustentada pelas vendas externas do agronegócio, como é a brasileira, um prejuízo de bilhões de reais tem impacto muito maior. Afinal, esse valor está bem próximo do arrecado com a exportação de couro em 2003. As remessas do produto para outros países cresceram mais de 10,2% no ano passado, saltando para US\$ 1,06 bilhão de acordo com dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Alta ainda maior registrou o couro acabado. O volume de negócios elevou

foto: L. Agollo



Ao lado: couro com qualidade prejudicada pela ação de parasitas

fotos: L. Adolfo

29,5%, o que correspondeu a quase US\$ 469 milhões, atingindo 44% da exportação total de couros. Só com a comercialização de produtos de couro made in Brazil, como sapatos, foram quase US\$ 1,4 bilhão no ano passado.

Mercado não falta. Os Estados Unidos compraram 91,5% de todos os produtos de couros brasileiros, seguidos do Reino Unido e Canadá. O grande gargalo está na qualidade do produto. Enquanto apenas 5% do couro produzido pelos norte-americanos apresentam algum tipo de defeito, mais de 90% da produção brasileira chegam aos curtumes apresentando problemas como: marcas de fogo em áreas nobres (Veja quadro "Como marcar corretamente o gado"), cicatrizes provocadas por cercas de arame farpado, farpas de madeira, degradações causadas por ectoparasitas (como carrapatos e bernes), esfolas precárias que causam furos e cortes, má conservação das peles após o abate.

É em cada um desses defeitos que escoa o prejuízo bilionário do Brasil. O rastro do desperdício começa a ser traçado na propriedade rural e segue até o frigorífico. "A possibilidade de acontecer algum estrago no couro é maior na fazenda porque é ali que o animal passa a maior parte de sua existência. Cerca de 80% dos defeitos acontecem no transporte da fazenda ao frigorífico e os outros 20% dentro da indústria", explica Creusa Batista, coordenadora do Programa Brasileiro da Qualidade do Couro do Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB).

O projeto tem metas audaciosas e pretende chegar a 19 estados, 500 mil pecuaristas, 180 frigoríficos, 18 mil trabalhadores e mais de mil universitários. Uma delas é remunerar melhor o pecuarista pelo couro sem marca a fogo ou com o sinal oposto em local correto. Hoje, o frigorífico paga pela matéria-prima uma porcentagem fixa e independente do estado de conservação. Quando o boi é vendido à indústria frigorífica, 57% do total pago ao pecuarista corresponde ao corte de traseiro, 22% ao de dianteiro, 9% à ponta de agulha, 5% aos

sub-produtos e 7% pelo couro verde. O pagamento vem embutido no preço final do bovino. Como esse montante é fixo, o pecuarista não recebe nem um centavo a mais se conservou melhor o couro que seu vizinho.

"Não existe premiação pelo bom couro". Quem atesta é o pesquisador da Embrapa Gado de Corte, Alberto Gomes. Enquanto isso, amargamos a estatística de produzir apenas 10% dos couros de alta qualidade. Muito pouco para um país que abate mais de 41,2 milhões de cabeças por ano. O processamento do couro atinge 34 milhões de unidades. Na estatística feita pelo IBGE, a maioria dos estados das regiões Norte e Nordeste não registraram processamento da matéria-prima nos últimos oito anos. Em contrapartida, o Centro-Oeste conseguiu elevar a produção.

Mesmo diante deste cenário, as exportações vêm ganhando fôlego. Passamos de 192.396 toneladas – a maioria do tipo wet blue, que é a pele apenas curtida – há quatro anos para 246.262 toneladas em 2003, segundo dados do Anualpec 2004. O desempenho só não é melhor porque grande parte das 16 milhões de peças remetidas ao exterior é material de baixo valor agregado. O mercado paga em torno de US\$ 30 pela peça do wet blue. Quando o couro é exportado como semi-acabado, do tipo Crust, o valor da unidade atinge US\$60. Uma peça acabada, prontinha para confecção, não sai por menos de US\$90. Países como a Itália importam do Brasil o produto sem acabamento final, processam a matéria-prima por lá e depois exportam para todo o mundo o couro brasileiro em forma de sapatos, bolsas e roupas de grife a preços "salgados".

Enquanto isso, a indústria calçadista concorrente, como o furacão chinês, cresce. A China exportava 20 milhões de pares de calçados em 1985, produção correspondente a um quinto da nossa à época, que era de 100 milhões de pares. Em 2002, a exportação chinesa já atingia mais de 1 bilhão de

pares, uma movimentação financeira de US\$ 16,5 bilhões com mais de 2,5 milhões de empregos gerados. O faturamento do Brasil ficou bem aquém, cerca de US\$ 3,3 bilhões e 600 mil empregos.

Caminhos a seguir

Estancar a sangria de R\$2,2 bilhões desperdiçados todos os anos com a desqualificação do couro é uma ação que só será bem feita se envolver toda a cadeia produtiva. O Programa Brasileiro da Qualidade do Couro pretende reduzir para menos de 10% a marcação a fogo em local incorreto no gado. "No Norte e Nordeste do país, os estragos são absurdos. Em alguns Estados, a média de marca a fogo chega a oito em um único animal. Não há como remunerar defeitos. Enquanto isto estiver acontecendo, a política de remunerar melhor o pecuarista que cuida do couro de seu rebanho vai demorar a ser implantada em todo o Brasil", alerta Creusa.

Do outro lado da moeda, o criador não encontra, na maioria das vezes, o incentivo necessário para acabar com o problema dentro da porteira. Uma saída seria transformar obrigatória a Classificação do Couro com melhor remuneração para quem entregar um produto de qualidade, assim como aconteceu este ano com a carcaça. A Embrapa Gado de Corte está desenvolvendo um projeto para definir essa classificação de forma mais ampla e próxima da realidade do campo. No ano passado, o governo federal publicou uma Instrução Normativa classificando a matéria-prima em cate-

gorias, mas até agora a iniciativa teve pouca aplicação prática. Em algumas regiões de Minas Gerais e Goiás, existe o pagamento extra pelo couro de qualidade, porém, são ações isoladas.

Outro desafio da cadeia produtiva do couro é diminuir a incidência de ectoparasitos no couro bovino para menos de 20% nas regiões infestadas. O grande vilão neste caso é o berne, parasita que mais causa prejuízo à matéria-prima. Um único buraco provocado pela larva em uma parte nobre da pele do bovino faz a classificação do couro cair para a sexta categoria. Entre 10 e 20 perfurações, o valor comercial da peça reduz em até 40%. O berne reduz os ganhos também dentro da porteira. De acordo com a Embrapa Gado de Corte, animais com 20 a 40 parasitas chegam a perder entre 9% e 14% de peso. Ou seja, além da queda da qualidade do couro, menos carne, menos leite, crescimento retardado e pré-disposição a adquirir enfermidades.

O problema é comum em todo o país e na América Latina em geral, principalmente nos meses de altas temperaturas e chuvas abundantes. Raças européias e animais cruzados são alvos mais fáceis do parasita. Nos rebanhos leiteiros formados por raças européias, o manejo inadequado também favorece a maior incidência do parasita. Segundo o pesquisador Alberto Gomes, isso acontece porque os taurinos e os cruzados têm o hábito de descansar à sombra nos horários mais propícios ao aparecimento de moscas. São elas que levam os ovos da *Dermatobia hominis* (nome científico da

Ao lado: o pesquisador Alberto Gomes

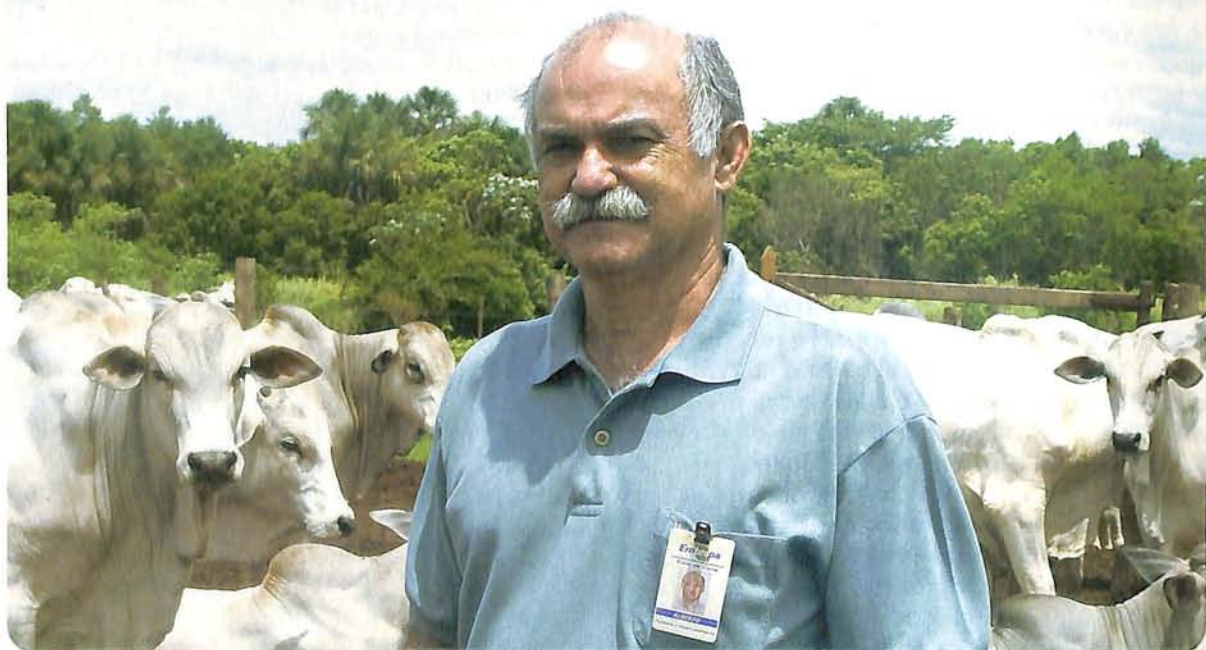


Foto: divulgação



Ao lado: animais com incidência de bernes

fotos: divulgação

mosca que produz o berne) até a pele do animal.

Pastagem suja e mais próxima aos córregos, vegetações densas, carcaça ou resíduos de matéria orgânica jogadas no solo favorecem o aparecimento das vetoras. A dica é manter o ambiente sempre limpo e higienizado, pulverizando galpões, baias e dando destino adequado às esterqueiras. A medida ajuda a evitar a proliferação dos insetos. Quem é adepto da homeopatia e da fitoterapia prefere tratamentos naturais. Uma opção é o produto homeopático feito do próprio berne que o criador fornece ao gado junto com o sal mineral. Apesar de muitos pecuaristas atestarem a eficiência do método, os pesquisadores vêem a iniciativa com ressalvas por não haver comprovação científica. Já os produtores de leite orgânico aprovam a homeopatia. Cabe ao criador definir qual tratamento,

químico ou alternativo, adapta-se melhor a sua realidade.

Uma vez que apenas um berne já reduz drasticamente o valor comercial do couro, reduzir o aparecimento das moscas é essencial. Instalada a larva na pele do bovino, é difícil acabar com o problema sem causar danos ao couro. Isso acontece porque os ovos depositados pelas moscas ficam ali por 14 dias e quase imperceptível. Quando aparece já é tarde demais, pois já há a lesão. Entre 30 e 45 dias, o berne cai e penetra no solo onde permanece até nascer a mosca. "Falta estudar mais a doença para encontrarmos tratamentos preventivos", explica Gomes. Descartar do rebanho os bovinos suscetíveis ao problema e escolher raças mais resistentes são medidas importantes a serem tomadas.



Como marcar corretamente o gado

A marcação a fogo em local incorreto diminui o valor comercial do couro. Veja abaixo como e onde marcar seus animais sem comprometer a qualidade da pele

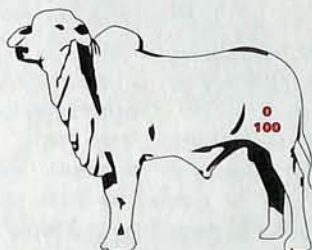


Orelha direita:

Tatuagem do número do Registro Genealógico Definitivo da mãe do produto

Orelha esquerda:

Tatuagem da série alfabética do criador e do número de Registro Genealógico de Nascimento do Produto



Perna esquerda:

- Marca do Criador
- Série Alfabética do criador (opcional)
- Número do Registro Genealógico de Nascimento



Face direita:

- "Carimbo do ano" ou "de era" (último algarismo do ano de nascimento).

Vida saudável

Sou sócio da ABCZ e gostaria de saber de que maneira posso enviar uma matéria de saúde bucal para a próxima edição. Quero parabenizar o Dr. João Antonio Prata pela palestra ministrada "Cuidados com o coração". É isso que precisamos: doar um pouco de cada associado profissional de saúde passando informações gerais a respeito desse tema para os demais associados e colaboradores da entidade. Parabéns à ABCZ por esse incentivo.

Atenciosamente,

*Dr. José Carlos de Carvalho Jr.
Campinas (SP)*

José Carlos, agradecemos a sua carta e os seus elogios. Quanto ao material sobre saúde bucal, o Sr. pode enviá-lo para o e-mail revista.abcz@abcz.org.br, apesar de a revista ABCZ não possuir uma editoria específica de saúde, ficando a divulgação desses assuntos restrita aos eventos desse gênero que acontecem com o apoio da entidade. No entanto, estaremos repassando seu material para o setor que cuida da nossa área de saúde, que já manifestou interesse pelo mesmo.

Notícia importante

Caro Orestes Prata Tiberly Júnior,

Estamos na atividade pecuária de cria, recria e engorda há mais de duas décadas. Há dois anos, resolvemos vender nosso rebanho para formar um plantel de gado PO. Verifiquei recentemente que durante aquele período em que iniciava minhas aquisições os preços estavam muito aquecidos, por isso foi de suma importância a assessoria de profissionais reconhecidos e que nos aconselharam com cuidado e paciência na escolha do nosso gado. Se analisarmos os preços atualmente, a queda de valores é visível, mas ainda que esses preços sofram outra ligeira queda, o que eu não acredito que ocorrerá, acreditamos que a zebuicultura de elite vai nos trazer um bom retorno.

Temos assistido às entrevistas de renomados pecuaristas, onde na maioria das vezes o conteúdo é sempre muito parecido. Coloca-se o Brasil como exemplo de celeiro mundial da

carne; fala-se que o nosso rebanho bovino é o maior do mundo e que as exportações estão sempre aumentando. Contudo, a matéria que segue anexa ("O lobby da vaca". Revista Exame, 13 de outubro de 2004, págs. 72 e 73), podendo ser divulgada, poderia nos mostrar uma face mais realista da nossa atual situação. Além dos dados contidos nessa matéria, os preços da arroba no Mercado Comum Europeu se encontra por volta de E\$ 53 a E\$ 54, o equivalente a R\$ 190,00. Isso, sem falar que os produtores europeus recebem anualmente a cifra de R\$ 3 mil por cabeça em forma de subsídios. Seria muito otimismo da nossa parte acreditar que o poder aquisitivo da população vai aumentar rápida e suficientemente, e que o consumidor logo vai pagar, pelo quilo de carne, um valor que remunere de forma mais justa o pecuarista brasileiro.

A minha intenção é somente contribuir para que uma reportagem como aquela, que trata do absurdo dos subsídios, chegue ao conhecimento da massa pecuarista, para que a mesma possa se armar de argumentos a fim de conquistar esse mercado. Só assim seria possível alcançar uma remuneração mais digna ao pecuarista brasileiro, dando-lhe oportunidade de continuar no campo com a sua atividade.

Um forte abraço,

*Marco Mammana
Fazenda Porto Bonito
Itaquiraí (MS)*

Sr. Mammana,

Agradecemos a sua carta, e gostaríamos de cumprimentá-lo pelo sucesso obtido em seu novo empreendimento pecuário. Fizemos questão de reproduzir suas palavras justamente para chamar à atenção de nossos leitores para a excelente matéria que o Sr. cuidadosamente nos enviou. A revista Exame é sinônimo de profissionalismo e realmente produziu um material muito importante para os pecuaristas do Brasil. Quem se interessar pode acessar o portal www.exame.com.br, onde consta também o relatório sobre subsídios agrícolas na União Européia.

Revista ABCZ

Nesta tarde de chuva resolvi dar uma parada e ler a última edição da nossa revista, e por ela adentro matar saudades e ver novidades.

Em minha idade é sempre fácil a gente se impressionar com a marcha do tempo, mais ainda quando uma reunião ou uma publicação condensa e revive informações. Foi assim a minha rápida leitura deste número da nossa revista onde na capa o Orestinho toma posse e posa melhor que galã da Globo. Uma alegria vê-lo assumir finalmente um cargo e responsabilidade à altura de sua genética e sua vida.

Por dentro da revista fui caminhando às vezes rápido outras vezes lento – tudo na medida dos múltiplos e variados assuntos permeados.

Vejo sólido e responsável o sonho de tantas diretorias da ABCZ por uma revista própria, exclusiva e noticiosa. Anteriormente tínhamos apenas o nosso Informativo, com suas limitações naturais de espaço. Agora a nossa revista pode estacionar nas mesas e salas de espera dos grandes empresários e órgãos do Governo, sem vergonha das Veja ou Isto é da vida.

Li e vi muita coisa importante, inclusive os avanços do nosso agribusiness e da nossa tecnologia em pecuária. Muita coisa me impressionou, a ponto de me estimular a escrever estes parabéns e um certo comentário para o Orestinho e sua jovem diretoria.

Meu passado como diretor justifica e talvez até me obrigue a apontar uma consideração nascida ali na página 38 com o artigo importante do dr. Fernando Penteadinho Cardoso – homem da maior respeitabilidade em nosso meio.

O dr. Fernando comenta Sisbov e Cia – ou seja o nosso processo de cadastramento e rastreamento do rebanho nacional. Quero dar-lhe toda a possível adesão, e repico em cima dos seus argumentos.

No resto, e como sempre, bola pra frente!

*João Gilberto Rodrigues da Cunha
Médico e ex-presidente da ABCZ
Uberaba (MG)*



30 Natais comemorando o nascimento de carreiras de sucesso

Há trinta anos assumimos o compromisso de construir o futuro.

*Hoje, quando olhamos para trás, percebemos quantos
grandes futuros aqui começaram.*

*Formamos profissionais competentes, vencedores
e preparados para enfrentar o mercado e a vida.*

*Toda nossa emoção vai se transformar
numa grande festa, que vai
durar 365 dias e se chamar 2005.*

*Com essa mesma alegria, desejamos a você um
Feliz Natal e um Ano Novo repleto de
motivos para comemorar.*

www.fazu.br

Mantenedora: Fundação Educacional para
Desenvolvimento das Ciências Agrárias - FUNDAGRI

30 anos
fazu
FACULDADES ASSOCIADAS DE UBERABA

Mais que uma opção. Um diferencial.



O equilíbrio entre o peso e o padrão

Acima:
pista de julgamento
da ExpoZebu;
no detalhe,
o diretor Técnico,
Nelson Pineda;
em seguida,
Pilades Prata
Tibery

Na década de 1980, o presidente da ABCZ Orestes Prata Tibery Júnior acumulou prêmios com a vaca nelore Dádiva. Bicampeã tipo frigorífico em Uberaba, Orestinho levou a matriz para disputar o seu tricampeonato nacional. Aquela época marcou a transição dos animais baixos para os pernaltas, e, de um campeonato praticamente ganho, Orestinho teve que amargar a cena de assistir aquela vaca ir para a “cerca”.

“O tio Pilades (Prata Tibery) é quem julgava. Ele separou a Dádiva, que era baixinha. Não adiantava reclamar, pois ele seguia à risca o que mandava o regulamento da ABCZ”, disse o presidente da entidade ao defender a importância do juiz avaliar os zebuínos com base no padrão racial. “Hoje, percebo uma verdadeira dissonância entre o que determina o regulamento e como agem os juízes nas exposições”, reclamou.

Até pouco tempo atrás, segundo Orestinho, quando os tratadores levavam para a pista os animais que disputariam o Grande Campeonato e os alinhavam em seus respectivos lugares, era possível, a partir de uma rápida olhadela no catálogo, apontar qual seria o exemplar campeão: aquele que era maior e mais pesado.

Essa cena, que tornou-se típica dos julgamentos, foi herança da terceira fase do processo de seleção de zebuínos, que teve início nos fins da década de 1970 e se estendeu até a década de 80 (ver box), segundo o superintendente Técnico da ABCZ, Luiz Antonio Josahkian. No entanto, crescer e ganhar peso foi um conceito que atravessou com toda força a década de 90, mesmo com uma nova fase de seleção em andamento, e fez prevalecer a tendência de alguns selecionadores em cultivar o peso final alto e a elevação do porte dos reprodutores, machos ou fêmeas.

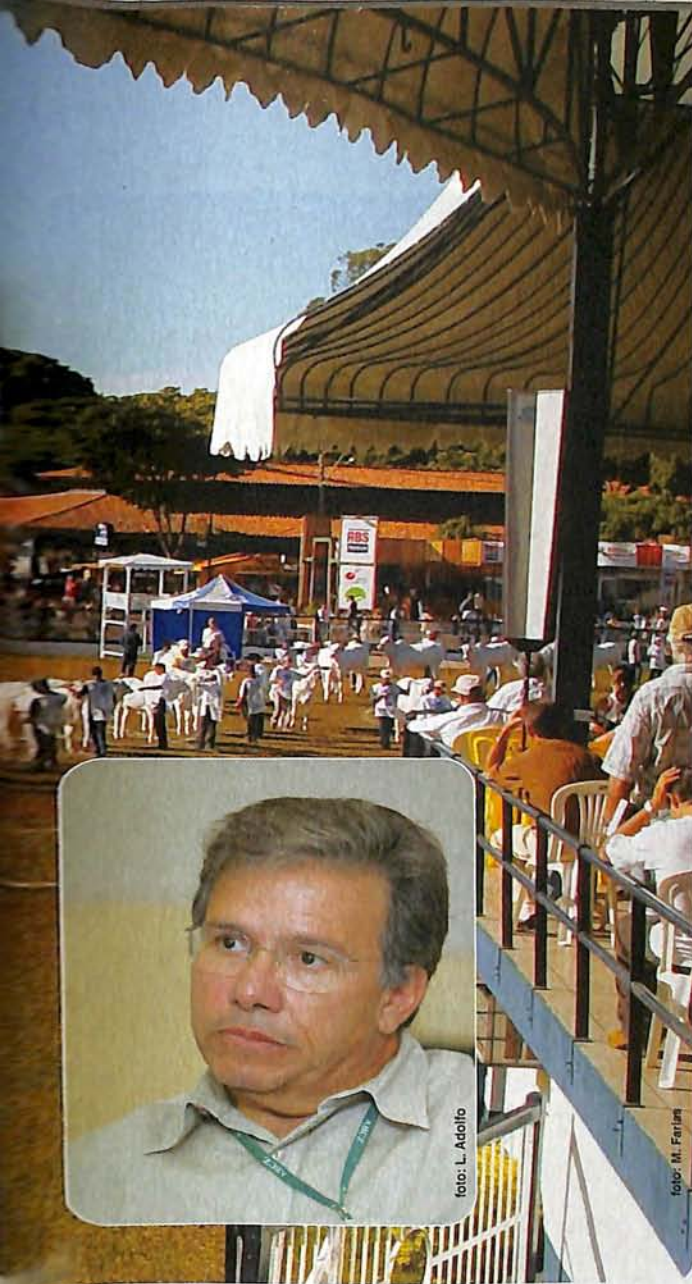


foto: L. Adolfo

foto: M. Farlam

“Em 1990, foi reaberta a discussão quanto ao biotipo ideal de animal a ser selecionado. Foi uma demonstração de maturidade, com os selecionadores entendendo a importância de se desenvolver um animal com características em equilíbrio e não, tão-somente, voltado para o tamanho e o peso”, disse Josahkian, ao pontuar que, a partir de 2004, essa realidade veio à tona, com exemplares mais equilibrados recebendo as primeiras e principais premiações nas feiras de todo o país.

“Não faz um ano que estamos constatando essa reviravolta nas exposições. Essa visão já deveria ter sido adotada e generalizada há mais de dez anos”, salientou Luiz Antonio Josahkian.

Contudo, a concorrência nas pistas de julgamento é, sem dúvida, a maior justificativa para o fato de vários criadores utilizarem touros que são indesejáveis em seus plantéis. “Já vi animais

Presidente Orestinho diz que o Regulamento do Serviço de Registro Genealógico é a bíblia do zebu; características como o peso sofrem novos critérios de avaliação

Luciano Bitencourt

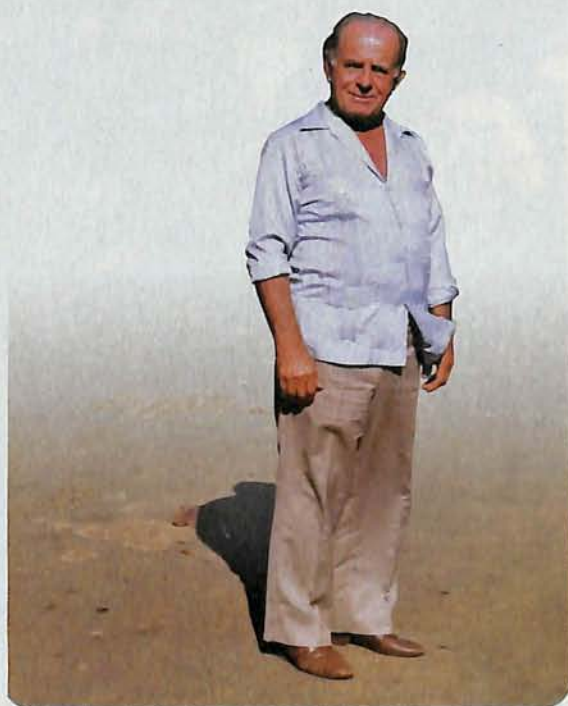
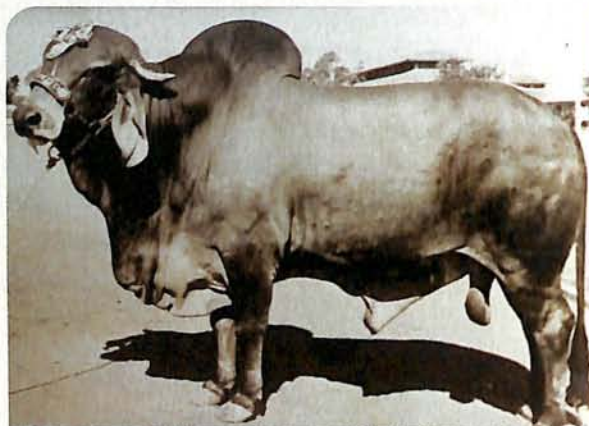


foto: divulgação

premiados que não possuem características ideais de padrão, apesar de serem muito bons em alguns aspectos”, afirmou o presidente da ABCZ, Orestes Prata Tibery Júnior, ao reconhecer também que os juízes são induzidos a atuar valorizando em demasia o peso em função das informações que recebem na ficha de julgamento.

Ou seja, nos últimos anos, as características raciais ficaram em segundo plano como quesito fundamental para se obter o troféu, sendo que o mais importante foi medir se o macho pesou 1.600 gramas/dia e a fêmea mais de 1.500 gramas/dia. “É preciso voltar a julgar dentro do padrão racial”, reforçou. “Temos que tomar uma providência. O criador precisa saber que a ABCZ está sensibilizada para mudar esse estado de coisas. Muitos criadores estão reclamando.”



fotos: M. Farias / divulgação

- De 1934 a 1960: Preocupação fundamental em identificar raçadores e matrizes com superioridade em tipo racial. Os padrões das raças, que haviam sido estabelecidos na década de 30, precisavam ser ratificados pela seleção para, conseqüentemente, terem seus valores reconhecidos pelo mercado. Fase conceitual e de inegável importância no processo histórico da seleção zebuina.

- De 1960 até meados da década de 70: Inicia-se uma fase de culto ao peso, então tomado como medida absoluta de superioridade. As importações de novo material genético da Índia em 1960 e 1962 inauguraram um novo ciclo na seleção, especialmente para a raça nelore. Essa fase trouxe contribuições muito importantes para a zebuicultura, mas também acentuou a predisposição quase natural do ser humano para a seleção unidirecionada para peso.

- De fins da década de 1970 até final da década de 80: Nítida tendência de procura por animais com alto desempenho em ganho de peso. Pouca preocupação podia ser verificada nos critérios de seleção para a composição de tecidos (ossos, músculos e gordura) no corpo dos animais. Uma busca acentuada de peso final muito alto, associada à elevação do porte dos animais – principalmente em termos de altura –, marca esse ciclo e deixa uma forte tendência que persiste até os dias atuais, embora com enfoques diferenciados. Essa fase foi, entre outras coisas, conseqüência da adoção do modelo norte-americano “new type”, que no Brasil recebeu o nome de moderno novilho de corte. A transposição pura e simples dos conceitos do “new type” para os sistemas brasileiros de produção é uma herança até hoje questionável: o tipo morfológico dos taurinos requeria mudanças pela tendência em acumular muita gordura. O oposto dos zebuínos.

- Do início dos anos 90 até os dias atuais: São reabertas as discussões quanto ao modelo de animal a ser selecionado. Uma visão holística da seleção torna-se compulsória frente à competitividade internacional gerada pela globalização. A compreensão de que animais são modelos biológicos muito mais complexos do que podem explicar somente altas taxas de crescimento e ganho em peso faz da seleção uma ciência mais difícil de ser entendida, mas seguramente menos frágil do ponto de vista de sustentação da atividade ao longo do tempo. Selecionar ficou mais difícil, ou pelo menos mais complexo, do que a simples adoção do modelo de foco único – o peso – determinara até então. A percepção inequívoca de que requeremos mais dos animais do que simplesmente crescer e ganhar peso modificou a forma e o conteúdo dos critérios de seleção. (Fonte: L.A. Josahkian).

Primeiro passo

Em novembro passado, a diretoria da ABCZ reuniu-se na sede da entidade com membros do seu corpo técnico e com selecionadores de zebu oriundos de diversos estados do país. Em pauta, a característica “peso” nos julgamentos. Depois de uma discussão exaustiva, que durou quase duas semanas, o grupo concluiu que a tabela de pesos máximos sugerida pela ABCZ será incorporada ao regulamento (ler Comunicado, págs. 29, 30 e 31).

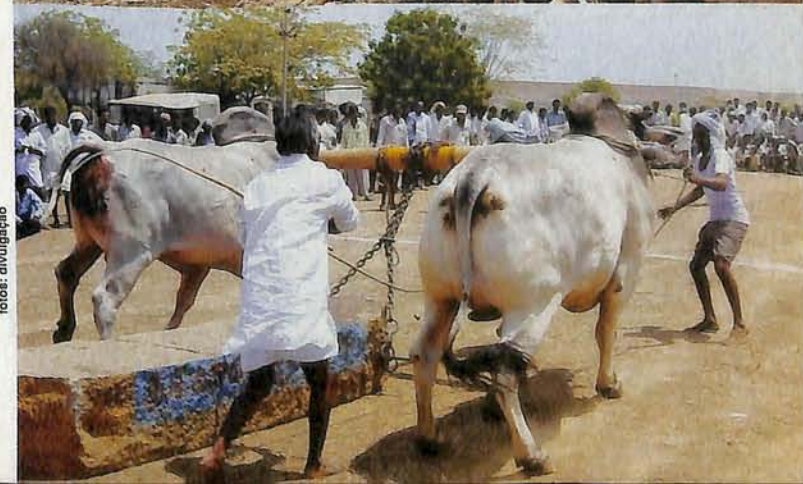
“A tabela vai sinalizar aos criadores, jurados e a todos os segmentos envolvidos, que o objetivo da seleção é a busca por animais equilibrados, harmonizados nas diferentes funções que se requer deles”, explicou Josahkian. “Assim, estamos distanciando claramente as possibilidades que as raças zebuínas, em destaque a nelore, têm para se aproximar do gigantismo”, concluiu.

De acordo com Nelson Pineda, diretor técnico da ABCZ, a tabela de pesos deverá permanecer em operação sem ser reajustada até que os objetivos dessa medida sejam alcançados, ou seja, até que o critério de seleção seja trabalhado basicamente com características de interesse econômico.

Outra decisão tomada pelo grupo foi a de retirar o ganho em peso diário (ponderal) da ficha de julgamento. Permanecem o peso, as outras medidas morfométricas e os indicadores do estado reprodutivo das matrizes. Nos julgamentos de pré-classificação, os jurados vão trabalhar somente com avaliação visual, valorizando a funcionalidade e o equilíbrio dos animais, e descartando eventuais defeitos. Todas as medidas serão disponibilizadas assim que ocorrer a classificação dos 12 finalistas, dos campeonatos e dos grandes campeonatos.

O superintendente técnico Luiz Antonio Josahkian informa que, quanto ao comentário dos técnicos, a recomendação é a de que o jurado faça suas considerações num tempo máximo de 3 minutos.

A necessidade de aumentar os esforços da ABCZ, no sentido de esclarecer ao seu corpo de jurados que a obediência ao padrão racial é fator relevante nos julgamentos, foi o ponto principal da discussão realizada na sede da ABCZ. “Tais medidas, tomadas em conjunto, poderão conduzir à escolha e à disseminação de um modelo de animal mais adequado e eficiente para produzir nos sistemas de produção predominantes no Brasil ou em demais regiões tropicais onde a genética zebuína desperta grande interesse”, enfatizou o diretor Nelson Pineda. A expectativa da diretoria da ABCZ é que a ExpoZebu 2005 seja o principal reflexo dessas novas diretrizes.





“Nós precisamos cuidar da carcaça do zebu, da sua precocidade e do seu acabamento. Não podemos ter exageros. É preciso reviver o padrão racial, que está esquecido. Meu tio Pilades, sempre que ia julgar, levava o regulamento no bolso. Quando havia uma reclamação de um tratador ou mesmo do próprio criador, ele tirava o padrão e dizia: ‘nós temos uma regra a seguir, essa é a nossa bíblia’. Hoje em dia isso não acontece. Não se dá mais atenção para o regulamento.”

“Já ouvi juiz dizer que o ideal para a fêmea nelore é aquela que tem o perfil retilíneo, sendo que essa característica é permissível e não ideal. Vamos trabalhar em cima disso, o juiz tem que respeitar o padrão racial. Senão vira bagunça, com cada um impondo a sua maneira de julgar. Retilíneo nos machos é desclassificante. Tem touro premiado que tem o perfil retilíneo. Dizem que isso é bobagem, coisa subjetiva. Não é subjetivo. Isso foi bastante estudado. O que tomamos como base? Como um espelho? Os zebuínos importados.”

“Uma vez eu ofereci, através da Expoinel, um troféu chamado Pylades Prata Tibery, para a melhor caracterização racial de macho e de fêmea. O próprio tio Pylades era quem julgava. A pista ficava lotada, principalmente de alunos e de estudantes. Os criadores não gostavam muito porque, muitas vezes, o tio Pylades pegava uma rês Grande Campeã, levava para o julgamento e lá o animal perdia em caracterização para outra. Depois de muita reclamação, deixamos o julgamento livre, o criador não era obrigado a levar seus animais. Perdemos uma aula muito importante.”

Palavras de Orestes Prata Tibery Jr.

Ao lado e na pág. anterior:
coluna de imagens de zebuínos
existentes atualmete na Índia;
na origem, animais continuam demonstrando
características importantes de raça,
rusticidade, carcaça, força e beleza

Principais alterações no Regulamento da Expozebu 2005

Após intensas discussões, todas subsidiadas pelos posicionamentos das associações promotoriais das raças zebuínas, a diretoria da ABCZ aprovou o formato final das regras que irão valer para a 71ª edição da ExpoZebu, que acontece em Uberaba em maio do ano de 2005.

As principais alterações são apresentadas a seguir, o que não dispensa uma leitura atenta do regulamento na sua totalidade, o qual estará disponível no site www.abcz.org.br.

- O número máximo de animais que poderão participar do evento será limitado a 2 mil exemplares, sendo observados rigorosamente os prazos para inscrição ou o esgotamento das vagas, o que ocorrer antes (veja calendário de atividades);

- Será adotada uma tabela de pesos máximos, por sexo e idade em meses, única para todas as raças. Animais que na pesagem oficial ultrapassarem os pesos ali estabelecidos ficarão fora de julgamento. Continua em operação a tabela de pesos mínimos. Com essa medida, a ABCZ consolida a tendência tecnicamente correta de conduzir a seleção das raças zebuínas para biótipos mais equilibrados e que harmonizem as diferentes funções que se requer dos animais, distanciando, de forma clara, a possibilidade de que as raças zebuínas sejam conduzidas ao gigantismo (veja tabela);

- Definiu-se também pela retirada do ganho em peso diário (ponderal) e da diferença de tabela da ficha de julgamento, permanecendo o peso, as outras medidas morfométricas e os indicadores do estado reprodutivo das fêmeas.

- Nos julgamentos de pré-classificação os jurados trabalharão somente com avaliações visuais, sendo que todas as medidas só serão disponibilizadas quando da classificação dos doze finalistas (quando em categoria) ou dos campeonatos e grandes campeonatos. Categorias sem pré-classificação serão julgadas com o uso de todas as informações. Os jurados serão recomendados a

fazer suas considerações em um tempo máximo de 3 minutos;

- A modalidade de julgamento a ser adotada será, no caso de raças com mais de 50 animais, o julgamento pontuado com 3 (três) jurados com comunicação entre eles e, no caso de raças com número inferior a 50 animais, jurado único.

- Todo e qualquer recurso utilizado para maquiar os animais, tais como tintura nos chifres ou cascos, tentativas de escurecimento da pigmentação da pele, dentre outras, acarretará na desclassificação do animal para julgamento;

- Todos os campeões, campeãs e reservados/reservadas serão obrigatoriamente submetidos à exame de qualificação de paternidade e maternidade por tipagem sanguínea ou DNA, independentemente de já terem sido qualificados em testes anteriores. O procedimento de colheita do material para análise será feito impreterivelmente dentro do Parque Fernando Costa por técnico credenciado pela ABCZ. O material da mãe do produto será colhido na propriedade onde ela se encontrar, igualmente por técnico credenciado pela ABCZ. O pai do produto, quando tiver resultados já disponíveis oriundos de centrais de inseminação artificial, não precisará de novo exame se tais resultados forem compatíveis para as análises necessárias. Os resultados do julgamento desses animais só serão ratificados caso os exames qualifiquem pai e mãe do produto. Casos de incompatibilidade serão submetidos às penalidades previstas no regulamento do registro genealógico das raças zebuínas e os prêmios serão cancelados.

- A observação rigorosa do padrão racial em sua totalidade deverá nortear a escolha dos animais, conduzindo os trabalhos de julgamento no sentido da busca de animais equilibrados entre aqueles racialmente definidos e funcionalmente corretos;

- Animais do campeonato Grã-Senior (raças Gir e Gir Mocha) não poderão integrar conjuntos progênie de pai e mãe e conjunto família.

TABELA DE PESOS MÁXIMOS PARA TODAS AS RAÇAS

IDADE (MESES)	MACHOS
8	430
9	470
10	510
11	550
12	580
13	610
14	640
15	690
16	720
17	750
18	780
19	810
20	840
21	870
22	900
23	930
24	960
25	990
26	1010
27	1030
28	1050
29	1080
30	1110
31	1130
32	1150
33	1170
34	1190
35	1210
36	1220
37	1230
38	1240
39	1250
40	1260
41	1270
42	1280
+ de 42	1300

IDADE (MESES)	FÊMEAS
8	370
9	400
10	430
11	460
12	490
13	520
14	550
15	580
16	610
17	630
18	650
19	670
20	690
21	710
22	730
23	750
24	770
25	790
26	800
27	810
28	820
29	830
30	840
31	850
32	860
33	870
34	880
35	890
36	900
+ de 36	900

A - CALENDÁRIO BASE

DIA/MÊS	OCORRÊNCIA
24.01	Início das inscrições
07.03	Encerramento das inscrições
15.04	Último dia para substituição de animais
23.04	Entrada de animais procedentes de mais de 700 km
29.04	Recepção, identificação e mensuração dos animais
30.04	Recepção, identificação e mensuração dos animais
01.05	Recepção, identificação e mensuração dos animais
02.05	Pesagem dos animais
03.05	Inauguração da Exposição – Início do Concurso Leiteiro
04.05	Início dos trabalhos de Julgamento
06.05	Encerramento do Concurso Leiteiro
10.05	Encerramento dos trabalhos de julgamento

B - CONCURSO LEITEIRO

DIA/MÊS	HORÁRIO	ORDENHA
03.05	14:00	De esgota
03.05	22:00	Primeira
04.05	06:00	Segunda
04.05	14:00	Terceira
04.05	22:00	Quarta
05.05	06:00	Quinta
05.05	14:00	Sexta
05.05	22:00	Sétima
06.05	06:00	Oitava
06.05	14:00	Nona

C - JULGAMENTO DAS RAÇAS

DIA/MÊS	Das 07:30 às 12:30 hs	Das 14:00 às 18:00 hs
04.05 (quarta-feira)	Nelore • Indubrasil Tabapuã • Guzerá	Indubrasil • Tabapuã Pré-classificação Nelore
05.05 (quinta-feira)	Nelore • Nelore Mocho Tabapuã • Guzerá	Indubrasil • Gir (dupla aptidão) Gir (aptidão leiteira) • Pré-classificação Nelore
06.05 (sexta-feira)	Nelore • Nelore Mocho Tabapuã • Guzerá	Gir (dupla aptidão) • Gir (aptidão leiteira) Tabapuã • Pré-classificação Nelore
07.05 (sábado)	Nelore • Nelore Mocho Guzerá • Brahman	Gir (dupla aptidão) • Gir (aptidão leiteira) Gir Mocha • Guzerá • Pré-classificação Nelore
08.05 (domingo)	Nelore • Nelore Mocho Guzerá • Brahman	Gir (dupla aptidão) • Gir (aptidão leiteira) Gir Mocha • Pré-classificação Nelore
09.05 (segunda-feira)	Nelore • Nelore Mocho Brahman	Gir Mocha • Cangaian Sindi • Pré-classificação Nelore
10.05 (terça-feira)	Nelore • Nelore Mocho Brahman	

Nosso **Brasil rural**

(notas de viagem- excertos)

Fernando de Noronha/PE

Quando a aeronave aterrissa em Fernando de Noronha, já se pode notar, dos lados da bela pista, cerrada vegetação de "Leucaena". Como teria chegado lá, uma vez que se trata de espécie originária da Península do Yucatán, no Golfo do México? Ninguém sabe, mas, conhecendo a história da ilha, pode-se encontrar a resposta.

Em 1942, durante a II Guerra Mundial, Fernando de Noronha esteve sob administração das forças militares dos EUA, que lá construíram uma base de transferência aérea para a África. Naquele tempo, o avião "tira prosa" era o DC 3, um bi-motor de asa baixa, que pousava bem inclinado, com apoio em duas rodas dianteiras e uma rodinha traseira sob a cauda. A base era necessária para reabastecimento, antes do salto sobre o Atlântico, rumo a Dakar no oeste africano. Daí para os campos de batalha!

Acontece que, àquela altura, os americanos se preocupavam em re-vegetar as ilhas do Pacífico e utilizavam a "Leucaena" para esse fim, semeada por avião sobre terras desnudas que ocupavam durante o conflito. Fizeram o mesmo em nossa ilha e a leguminosa mexicana "virou praga", ninguém prevendo que um dia pudesse vir a ter ligação com a raça nelore, seja dos rebanhos de elite que hoje ensejam o esplendor das pistas e dos leilões milionários.

O fato é que, 20 anos depois, seja em 1962, quando os mineiros de Uberaba trouxeram famosos reprodutores da Índia, os animais ficaram por cerca de 6 meses de quarentena em Fernando de Noronha, por medida de segurança sanitária. Certamente a "Leucaena", que é avidamente consumida pelos bovinos, serviu de forragem para o grande Karvadi, Golias, Taj e seus ilustres companheiros, procedentes da região de Ongole, lá do outro lado do mundo.

Imperatriz/MA

A segunda maior cidade do Maranhão, em plena bacia amazônica, é escala do Airbus que liga S. Luiz à Brasília. Servida por um ramal da E. F. Carajás-Itaqui, da CVRD, está hoje no caminho da soja rumo ao porto de exportação. Anos atrás a cidade ostentava um grande número de farmácias e drogarias, plenas de luminosos, certamente muito além da demanda dos doentes. Informaram que continua a mesma, embora tenha crescido muito, aliás como todo o interior do Brasil.

No sobre-vôo para Balsas, mais ao sul, em bi-motor fretado, notam-se os campos nativos invariavelmente queimados na fase final dos meses secos chamados de "verão" (abril/novembro). Explicaram que a queima se justifica tanto para ensinar uma brotação mais palatável e mais rica, como para eliminar ervas venenosas que, deixadas, iriam causar prejuízo mais tarde para o gado.

Nota-se também extensa faixa de uns 10 km de largo, na direção Leste/Oeste, de latossolo roxo originado de um antigo derrame de diábase. Um solo fértil, cultivado desde tempos coloniais, em que se localizam hoje vastos canaviais.

Balsas/MA

Era uma pacata cidade às margens do rio do mesmo nome, até a chegada dos gaúchos, nos anos 80, à busca de terra barata em clima chuvoso, para plantar soja. Tanto a cidade, como o rio, tiram o nome do sistema tradicional de transporte desde as terras férteis nas cabeceiras até o ponto de maior calado. Os antigos lavradores construíam balsas para levar, rio abaixo, os cereais que produziam rio acima. Os produtos eram a seguir transferidos para barcos, rumo ao Rio Parnaíba e às povoações



Fernando Penteadó Cardoso é engenheiro-agrônomo e presidente da Fundação Agrisus

consumidoras. A madeira das balsas servia para lenha, e os balseiros retornavam a pé, carregando nas costas o sal, os tecidos, os remédios e outros itens de interesse da população que havia se localizado, há muito, nos solos produtivos próximos das nascentes desse rio, cuja correnteza permitia o tipo de transporte fluvial que lhe deu o nome.

Uruçuí/PI

Está mais a Leste, às margens do Rio Parnaíba, logo abaixo da foz do Rio das Balsas. Cidade antiga, entreposto da histórica navegação fluvial, localiza-se no extremo norte do cinturão da soja, a ocidente do Meridiano 44º W, com 3 milhões de hectares

apropriados para produção de grãos. Desse potencial já foram abertos e são cultivados 280.000 ha, que se comparam a 25.000 ha cinco anos atrás. Esse ponto estratégico veio justificar um grande investimento de indústria esmagadora de soja, com sua rede de estabelecimentos coletores, com projeto de refino e enlatamento, para suprimento dos mercados do NE com óleo vegetal e farelo de soja, e exportação dos excedentes. O Governo do Estado, por sua vez, já abriu a rodovia trans-cerrado, de norte a sul, para ser pavimentada nos próximos anos, assegurando o escoamento da produção prevista para o futuro, tendo possivelmente como centro comercial a cidade de Bom Jesus. 

Aviso aos associados e criadores

A ABCZ estará fechada no período de 20 de Dezembro a 18 de Janeiro, em todo o país, em virtude de suas Férias Coletivas.

As comunicações de Dezembro terão o prazo de protocolo prorrogado até o final de Janeiro.

Superintendência Administrativo Financeira da ABCZ

Feriados e Recessos de 2005

- 07 de Fevereiro (segunda)

Recesso

- 08 de Fevereiro (terça)

Carnaval

- 09 de Fevereiro (quarta)

Cinzas – Expediente após as 12 horas

- 02 de Março (quarta)

(só na sede) Aniversário de Uberaba

- 24 de Março (quinta)

Semana santa

- 25 de Março (sexta)

Paixão

- 21 de Abril (quinta)

Tiradentes

- 13 de Maio (sexta)

Recesso Expozebu (só na sede)

- 26 de Maio (quinta)

Corpus Christi

- 27 de Maio (sexta)

Recesso

- 7 de Setembro (quarta)

Independência

- 12 de Outubro (quarta)

Nª. Sra. Aparecida

- 02 de Novembro (quarta)

Finados

- 15 de Novembro (terça)

Proclamação da República

- 23 de Dezembro (sexta)

Encerramento das atividades (Férias coletivas)



Na era da tecnologia

ABCZ aposta na internet para facilitar a vida dos associados de todo o Brasil

Larissa Vieira



Acima: Carlos Lucas (Genealogia), que ressalta a praticidade da informática para os RGNs e RGDs

Resolver pendências ou solicitar serviços à ABCZ sem sair de casa. Hoje, já é possível fazer pela internet procedimentos como Comunicações de Nascimento, de Cobertura, de FIV, de TE e Autorização de Transferência (ADT). Tudo on-line, instantâneo. No sistema tradicional, o tempo de conclusão desses serviços é de 15 dias – se tudo estiver preenchido corretamente e desde que não haja dependências – devido ao fato da documentação ser enviada, geralmente, via correio para a sede da ABCZ.

Como o volume de registros tem crescido nos últimos anos, o atendimento on-line é apontado como a principal ferramenta para reduzir o tempo de execução dos serviços. De acordo com o Departamento de Genealogia, cerca de 104.933 (RGN e RGD) foram feitos entre janeiro e setembro de 2004 pelos técnicos da sede. Nos últimos nove anos, a demanda pelo registro de zebuínos vem andando a passos largos tanto na unidade de Uberaba quanto nos Escritórios Técnicos Regionais (ETRs) espalhados pelo Brasil afora. Em 1995, a sede fechou os nove primeiros meses do ano com 53.827 RGNs e RGDs. Em 2002, esse número já tinha dobrado, chegando a 119.011. No ano passado, nova alta. Os técnicos registraram 146.229 animais. Desse montante, quase 43 mil foram de RGD e 62.088 de RGN.

No mesmo ritmo, está o crescimento do número de sócios atendidos pela sede. Em 2002, cerca de 580

criadores solicitavam serviços diretamente para o Departamento de Genealogia em Uberaba. Hoje, a equipe do DDG atende 1.800 produtores, alta de quase 320% em apenas dois anos. Novos funcionários foram contratados para agilizar os processos. Mesmo assim, o superintendente técnico-adjunto de Genealogia da ABCZ, Carlos Humberto Lucas, alerta para a importância do criador utilizar com maior frequência as comunicações on-line. “É a forma mais rápida e fácil de realizar processos como, por exemplo, a ADT. Muitas pessoas podem achar que, por ser um procedimento informatizado, tudo é complicado e só pode ser feito por um expert em informática. Pelo contrário. O programa foi desenvolvido para ser simples e seguro”, explica Carlos Lucas.

Quem optar pelas comunicações via internet, terá apenas de fazer um cadastro simples na página da ABCZ (www.abcz.org.br). O criador definirá uma senha para garantir que apenas ele, ou alguém de sua confiança, tenha acesso às informações. Logo após, já é possível começar a fazer as comunicações on-line. Lembrando que para ADT on-line é preciso assinar um contrato com a ABCZ. Enquanto a ADT on-line é concluída imediatamente após a digitação dos dados, a ADT feita da forma tradicional demora no mínimo duas semanas para ser concluída em função do tempo gasto para a documentação chegar até a sede via correio.



"É possível fazer pela internet procedimentos como Comunicações de Nascimento, de Cobertura, de FIV, de TE e Autorização de Transferência (ADT)"

Fotos: L. Adolfo

Pela internet também será possível, em breve, acompanhar cada etapa dos serviços solicitados. Com um simples acesso à página da entidade na internet, o criador saberá qual o profissional designado para atendê-lo, em que fase encontra o processo ou o que falta para ele ser concluído.

Na outra ponta do atendimento, a rede mundial de computadores também tornou-se ferramenta usual. Muitos técnicos da ABCZ já saem a campo equipados com um microcomputador portátil onde têm acesso, via internet, ao Sistema de Genealogia da entidade. A inovação, lançada em maio deste ano, foi batizada de SigenNet. Os profissionais recebem informações sobre os serviços que irão prestar na fazenda, além da lista de animais a serem inspecionados ou registrados. É possível acessar, por exemplo, as planilhas de controle do Registro Genealógico de Nascimento (RGN) e Registro Genealógico Definitivo (RGD).

Os dados coletados na propriedade rural são transferidos na mesma hora para o banco de dados central da ABCZ, em Uberaba. Na sede, um funcionário recebe os dados e emite o certificado de conclusão do serviço. O criador recebe em casa o certificado. Antes, o técnico anotava as informações coletadas em planilhas de papel e só as repassava ao Sistema de Genealogia quando retornava de viagem, semanas depois.

Por trás de toda essa evolução tecnológica há uma série de investimento em infra-estrutura tanto de

equipamentos quanto de pessoal para garantir agilidade no atendimento ao associado. Quem vai até a sede da ABCZ para solicitar algum tipo de serviço também conta com diversos recursos e facilidades. Os criadores passam por um atendimento prévio. De acordo com a necessidade, eles são encaminhados para o setor competente.

O trabalho da equipe técnica da sede não está restrito ao atendimento dos associados em Uberaba. Os serviços realizados pelos 22 escritórios da entidade têm o apoio do Departamento de Coordenação dos Órgãos Executores, batizado de COE, que funciona na sede. "Trabalhamos de forma interligada com os ETRs para agilizar a execução de tarefas. Para isso, utilizamos ferramentas como a internet", informa Celso Humberto de Macedo, gerente do COE. 🐾

**DDG da sede
(acima):
atendimento
nacional**

Linha direta com a sede

Departamento de Genealogia (DDG)

(34) 3319-3948

abczcoe@abcz.org.br

Departamento de Coordenação dos Órgãos Executores (COE)

(34) 3319-3942

suportecoe@abcz.org.br

Saúde e meio ambiente no meio rural

Todos os cidadãos têm uma grande responsabilidade em relação à construção de um ambiente saudável. Cuidar do meio ambiente não é preocupar-se apenas com animais da fauna nativa ameaçados de extinção, árvores ou ecossistemas em processo de degradação. Um meio ambiente saudável também implica em melhores condições de saúde para as pessoas envolvidas. É preciso, então, preocupar-se e agir a partir de concepções que possam permitir a existência de uma qualidade de vida que seja favorável e acessível para toda a humanidade. Um ambiente saudável é, antes de tudo, um ambiente que possibilita a promoção da saúde humana e que evita o aparecimento das doenças, seja no campo ou na cidade.

Nesse sentido, é preciso considerar a questão ambiental como integrada às circunstâncias gerais que determinam a vida, inclusive nos seus aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais. Por isso, defender um ambiente saudável casa-se com a defesa do desenvolvimento econômico e social, o que inclui a diminuição das desigualdades sociais e da pobreza.

No meio rural, é preciso uma atenção redobrada às questões ambientais se o objetivo é a promoção da saúde. Mas, devem-se considerar certas recomendações em linhas gerais, a serem discutidas, e não como verdades absolutas.

É preciso, por exemplo, atenção especial aos problemas relacionados à poluição das águas, superficiais e subterrâneas, que afetam a saúde de humanos e animais. É preciso cuidar para evitar a proliferação de vetores de doenças. É preciso resolver o problema dos resíduos sólidos e líquidos resultantes das atividades agropecuárias, mas também dos resíduos domésticos dos moradores do meio rural. Muitos ainda adotam práticas incorretas, que prejudicam tanto o ambiente quanto a saúde diretamente. Não se pode esquecer que as duas coisas estão relacionadas. Tanto queimar o lixo, principalmente plástico, quanto enterrar, principalmente produtos tóxicos, pode comprometer a qualidade ambiental e afetar a saúde das pessoas. Acima de tudo, é preciso cuidar para que não ocorra contaminação dos ali-

mentos, e isso está relacionado, fechando a cadeia, com a qualidade do que é produzido nas propriedades rurais, sejam produtos de origem animal ou vegetal.

Atitudes coerentes com a preservação do meio ambiente e com a promoção da saúde compreendem a condenação do desperdício, a adoção de princípios elementares de saneamento básico, o respeito às diferenças culturais e religiosas, além da melhoria dos processos de produção. A busca pelo desenvolvimento no meio rural deve considerar o uso adequado de tecnologias modernas e atualizadas ao lado do controle do desmatamento, do aproveitamento correto do solo e dos inevitáveis cuidados com os recursos hídricos na propriedade. Atualmente, a bacia hidrográfica onde se situa a propriedade é considerada como uma unidade de planejamento das ações e das intervenções produtivas. Que se forneça às plantas e aos animais o que eles necessitam, mas o excesso é tão prejudicial quanto a falta. Deve-se tomar cuidado, portanto, com o uso indiscriminado dos insumos agrícolas. Eles custam caro e, mesmo levando-se em consideração seus efeitos benéficos imediatos, sua utilização indiscriminada e excessiva pode comprometer a saúde das pessoas. É o que se verifica com o uso de antibióticos, agrotóxicos e etc.

Os cuidados com o meio ambiente e a saúde humana envolvem a manutenção da diversidade das espécies. A simples presença de árvores na paisagem rural é indispensável. A valorização e a exploração das espécies nativas não diminui a importância das exóticas. Muitas espécies criadas e cultivadas hoje no país vieram de fora, vieram com os escravos e com os imigrantes e se adaptaram muito bem.

É preciso pensar na localização geográfica da propriedade, incluindo questões climáticas, que envolvem insolação, quantidade e frequências das chuvas, temperatura, sem esquecer dos aspectos culturais do local.

São as escolhas que se fazem e a maneira de conduzir a atividade produtiva que possibilitarão a sustentabilidade econômica e ambiental, garantindo a saúde de todos os envolvidos. É uma questão que envolve ética e responsabilidade social.



Renato Muniz Barreto de Carvalho é geógrafo, professor universitário e coordenador do curso de Educação Ambiental da Fazu, em Uberaba

Motto® Mundial *Cercou, tá cercado.*

DURA 3 VEZES MAIS

TRIPLA GALVANIZAÇÃO

TORÇÃO ALTERNADA

ECONOMIA DE MOURÕES

QUALIDADE SUPERIOR



Motto®
Mundial

contém

500m



800 - 727 2000

www.belgobekaert.com.br

Arames de Qualidade



Belgo Bekaert Arames

O desconhecimento gera incredulidade

Muito tem se falado sobre o papel da ABCZ na implantação do Sistema Brasileiro de Certificação de Origem Bovina e Bubalina (Sisbov): ataques gratuitos, alguns sem fundamentos e, sobretudo, sem conhecimento da postura real frente ao sistema de identificação animal proposto como início do processo de rastreabilidade da carne bovina brasileira.

É necessário lembrar que o Brasil tomou a decisão de levar à frente a implementação do sistema de rastreabilidade depois de ter dificuldades com a União Européia em rastrear a procedência de quase cem cabeças de gado, importadas da Hungria e da Áustria, entre 1980 e 1996, dentro da classificação, imposta por Bruxelas aos seus parceiros comerciais, de risco geográfico da EEB (Encefalopatia Espongiforme Bovina), a doença da vaca louca.

Legalmente, todo importador do mercado comunitário é responsável por seus produtos comercializados e a UE não pode impor obrigações de rastreabilidade a fornecedores de outros países. Porém, o importador tem a responsabilidade de saber a origem de seu produto e, na prática, os importadores europeus acabam por requerer que os fornecedores tenham o sistema de rastreabilidade implementado em seus países, o que levou o Brasil a optar pelo Sisbov de forma a facilitar o comércio com a Europa. A implantação do sistema brasileiro de rastreabilidade funcionou como pré-requisito e os certificados de exportação à UE apenas são emitidos se a carne contiver a etiqueta do Sisbov, que hoje, nada mais é do que um banco parcial de dados dos bois brasileiros. A agenda de rastreabilidade no Brasil foi determinada pelo governo brasileiro e nunca foi uma exigência explícita da União Européia. Sempre foi colocado pela ABCZ que a decisão de criar o Sisbov foi tecnicamente correta, mas a sua implementação sempre foi questionada por nós, que procuramos a sua viabilização de forma simples, coerente e, sobretudo, com benefícios para o pecuarista.

O que é inquestionável é a necessidade que tem o Brasil – se quisermos consolidar nossa posição de vanguarda como exportadores – de antecipar as tendências e acompanhar a dinâmica nas principais vertentes de inovação, a fim de garantir a capacidade de incorporar, de forma contínua e sustentada, avanços simultâneos nos sistemas de retro-alimentação da produtividade e da qualidade da nossa carne. Para que isso ocorra a velocidades comparáveis ou superiores à velocidade de avanço tecnológico dos nossos competidores, que estão, todos, com o processo de rastreabilidade em andamento, o Brasil necessitará definir, de forma rápida, uma estratégia para lidar com incertezas geradas pela desinformação daqueles que adotaram

posições extremas e irracionais de que o boi do capim não precisa cumprir requisitos que os mercados globalizados impõem e que nunca participaram do processo de negociações entre governo e setor produtivo para tentar uma saída para o Brasil sem comprometer a nossa imagem, sem que esta postura, diga-se de passagem, represente a nossa concordância incondicional com algumas das normativas que foram editadas sobre o tema da rastreabilidade bovina brasileira.

Boa parte das críticas feitas ao sistema foi apontada pela ABCZ no dia do lançamento do Sisbov no governo anterior quando fomos surpreendidos pela obrigatoriedade, enquanto todas as negociações apontavam para a voluntariedade inicial do processo. Fomos os primeiros a apresentar formalmente um projeto de Certificação de Propriedade na Câmara Setorial da Carne baseado nas seguintes premissas: o Banco de Dados Nacional (BDN) do Sisbov deveria ser reestruturado para o registro de propriedades, visando a certificação de origem através do cadastro nacional de propriedades do Sisbov e dos protocolos de controle de propriedades definidos pela SDA/Mapa, sendo que a responsabilidade de implantação ficaria a cargo das Secretarias Estaduais da Agricultura. Continuamos a defender a implantação de um processo voluntário que permitisse criar um novo patamar de negócio que valorizasse de forma justa o produtor, modular para aprender a lidar com diferentes situações e sistemas de produção, inteligente para aproveitar as estruturas estaduais de defesa animal, tecnicamente consistente utilizando sistemas com possibilidade de crescimento a um custo baixo para o produtor e, sobretudo, flexível para atender diferentes sistemas de produção. Também fomos os primeiros a propor a “linkagem” do banco de dados das associações delegadas do Serviço de Registro Genealógico de Gado Puro ao banco de dados do Sisbov. Também fornecemos subsídios e prestamos esclarecimentos sobre conceitos de rastreabilidade à Câmara dos Deputados, antes da audiência pública no Congresso Nacional. Essa audiência levou a uma ampla discussão sobre a viabilidade do Sisbov e desencadeou as últimas alterações do sistema. A ABCZ esteve sim no centro de discussões, exercendo e defendendo a sua classe e seus interesses.

É incorreto dizer que a UE não faz nenhuma exigência. Ela impõe regras de regulamentação de mercado. Seria bom que os incrédulos tomassem conhecimento de que a Comunidade Européia fixou de forma clara as medidas e os métodos que definem as novas diretrizes a serem adotadas e são evidentes as referências que concernem à abertura dos mercados globais à carne bovina brasileira. As garantias de manutenção de eleva-

dos padrões de segurança alimentar e suas diretrizes foram definidas de forma clara no Livro Branco Sobre a Segurança dos Alimentos da UE (Comissão das Comunidades Europeias, Bruxelas, 2000), cuja leitura é importante quando se deseja antecipar tendências para adaptar-se às barreiras não tarifárias que vão e/ou estão sendo impostas ao agronegócio brasileiro. De forma sucinta, estas são as novas exigências às quais o Brasil precisa adequar-se:

Legislação

Torna-se indispensável um conjunto de medidas destinadas a melhorar e tornar coerente o corpo da modernização da legislação que abrange todos os aspectos associados aos produtos alimentares da sua origem até o consumidor. O novo quadro jurídico deverá abranger toda a cadeia, incluindo a produção de alimento para animais, estabelecer um nível elevado de proteção da saúde do consumidor e atribuir claramente a principal responsabilidade pela produção de alimentos seguros à indústria, aos produtores e aos fornecedores. Normatizar os controles capazes de seguir os produtos ao longo da cadeia produtiva e ter sempre como base pareceres científicos reconhecidos internacionalmente. Basear-se no princípio da precaução e criar condições de tomar medidas de salvaguarda rápidas e eficazes em resposta a emergências sanitárias em toda a cadeia alimentar.

Segurança dos alimentos

A abordagem deverá ser global e integrada, conduzindo a uma política alimentar mais coerente, eficaz e dinâmica, que provocará uma mudança capaz de sanar as atuais e múltiplas lacunas dos serviços de defesa animal limitados pelos seus atuais procedimentos setoriais e rígidos, que têm restringido a capacidade de responder com rapidez e flexibilidade aos riscos para a saúde humana. Deverão ser desenvolvidos procedimentos de execução mais rápidos e fáceis de utilizar. A análise de risco deve constituir a base da política de segurança alimentar tendo sempre em conta o princípio da precaução através da rastreabilidade dos alimentos para consumo humano e dos alimentos para animais, bem como dos respectivos ingredientes. Convém sublinhar que esse rastreamento inequívoco total é uma questão complexa que deve tomar em conta a especificidade dos diferentes setores e produtos.

Informação aos consumidores

Para que os consumidores considerem que as ações propostas conduzem a uma verdadeira melhoria dos padrões de segurança dos alimentos e retomem o consumo, é necessário que sejam devidamente informados. Os consumidores têm o direito de esperar que

lhes sejam fornecidas informações úteis e claras sobre a qualidade e os constituintes dos alimentos, de forma a poderem escolher com conhecimento de causa. A política de transparência a todos os níveis da produção deverá contribuir fundamentalmente para aumentar a confiança dos consumidores na política de segurança dos alimentos.

Política ambiental

A produção e o consumo de alimentos é fundamental em qualquer sociedade e tem consequências econômicas, sociais e, em muitos casos, ambientais. Embora a proteção da saúde seja sempre prioritária, as questões ambientais devem ser levadas em consideração, no âmbito da política alimentar. Além do mais, o estado e a qualidade do ambiente, dos ecossistemas, podem afetar diversas fases da cadeia alimentar. A política ambiental desempenha, pois, um papel importante quando se trata de garantir ao consumidor a segurança dos alimentos.

É óbvio que ninguém obriga o Brasil a implantar um ou outro sistema, mas precisamos antecipar tendências e este tem sido o tom da política da ABCZ frente ao Sisbov, uma posição responsável, provocando discussões nos fóruns adequados, com críticas fundamentadas e, sobretudo, gerando conhecimento.

A criação da ABCZ Certificadora foi uma atitude responsável frente a uma obrigatoriedade – sempre contestada por nós – de rastrear duplamente os zebuínos portadores de registros PO e LA, mas nos termos da lei. Naquele momento foi a melhor solução sem dúvida para rastrear os animais que deveriam obrigatoriamente estar na base de dados do Sisbov para participar de leilões e exposições, situação que hoje já está modificada, graças a ações nas quais a ABCZ sempre esteve presente. Sempre defendemos que o papel de uma certificadora não é a identificação animal e sim ser o terceiro agente capaz de auditar e validar a conformidade de processos, produtos e propriedades. Esta é a nossa visão e os rumos que estamos tomando na velocidade permitida pelas normas em vigor, ditadas pelo ambiente institucional.

Podemos afirmar que ABCZ teve atitude, ousadia, maturidade e compromisso com a nossa classe e com os interesses nacionais, frente a todas as discussões sobre o Sisbov. São inundadas as críticas geradas pelo desconhecimento sobre a postura transparente e ética da entidade frente à discussão de temas de importância capital para a pecuária brasileira.

Finalmente podemos afirmar que, após três anos de dedicação a este tema, o Sisbov precisa evoluir para ser um sistema factível de ser implantado no país. Mas querer negar a sua importância para o futuro da carne brasileira é simplesmente desconhecimento das tendências mundiais.

Por dentro da genética - última parte

Contextualizando a genética nos processos de julgamento

Finalizando a seqüência relativa ao tema que iniciamos há duas edições, vamos tentar utilizar os conceitos que foram trabalhados contextualizando-os no julgamento para a seleção de corte.

Em julgamento de gado de corte é necessário analisar uma questão decisiva: com o que trabalhamos no julgamento? Essa resposta tem que ser entendida plenamente pelo jurado: embora usemos indicadores fenotípicos, nós trabalhamos na verdade tentando identificar o valor genético dos animais.

É esse conceito que deve construir a base de raciocínio de julgamento em gado de corte. Indicadores fenotípicos são de extrema importância e fundamentais, e são, a rigor, os elementos, mensuráveis ou não, que o jurado tem à sua disposição para chegar a um veredicto.

A escolha deve recair, em julgamento de gado de corte, naqueles animais que, se fossem abatidos, produziram a melhor carne, a mais suculenta, a mais saborosa, a mais rentável, a mais compatível com os anseios do mercado; e esses atributos têm que estar além dos animais, considerando serem esses animais potencialmente produtores de reprodutores. E para isso o jurado terá que utilizar todas as informações apresentadas, sejam sob a forma de peso, altura, comprimento, medidas obtidas por métodos de ultra-sonografia, características reprodutivas, todas elas reunidas sob as determinações de um padrão racial e, de forma muito particular, conhecer o comportamento genético de cada uma das características consideradas, dando a cada um dos fatores em análise a devida importância no contexto de melhoramento genético.

O jurado para exercer sua função com clareza de objetivos precisa interiorizar a questão de que, embora esteja trabalhando com fenótipos, espera-se dele que avance um pouco mais na sua avaliação e consiga prever o mérito genético dos indivíduos. Não é uma tarefa fácil já que confusões de toda ordem estão profusamente sendo apresentadas no julgamento. Cabe ao jurado remover o desconhecido em um julgamento e aproximar sua decisão, tanto quanto pos-

sível, de resultados que conduzam a uma estabilidade e segurança científicas.

O pressuposto básico do melhoramento genético é o de que nossa matéria-prima para trabalhar são exatamente as diferenças verificadas entre os animais. Diferenças essas observadas fenotipicamente e que têm um complicador nas pistas de julgamento. Revendo alguns conceitos básicos de genética, consideremos uma definição de fenótipo: fenótipo é tudo aquilo que nós podemos ver, avaliar, quantificar de alguma forma (grupos sanguíneos são fenótipos, embora não possamos vê-los e sejam dependentes de técnicas laboratoriais). Sabemos também que um determinado fenótipo é o resultado líquido da ação do meio ambiente sobre o genótipo. A equação básica do melhoramento pode ser assim colocada:

FENÓTIPO = GENÓTIPO + AMBIENTE

Na parte do ambiente que determina o fenótipo, nós podemos colocar todas e quaisquer interferências externas que atuem sobre o indivíduo, seja o clima, a alimentação, o manejo sanitário, a presença de promotores de crescimento, o uso de polivitamínicos, o manejo de uma forma geral, incluindo exercícios, caminhadas, confinamento extremo, entre outros.

Na parte genética da equação podemos de uma forma simples entender que existem os efeitos não aditivos e os efeitos aditivos dos genes. No primeiro grupo – o dos efeitos não aditivos – estão a dominância, a recessividade, a co-dominância e a sobre-dominância para aqueles efeitos que ocorrem entre alelos de um mesmo par de genes; e os chamados efeitos epistáticos (que têm basicamente as mesmas manifestações dos anteriores) mas que ocorrem em função da ação de pares diferentes de genes (não alélicos).

Os efeitos não aditivos podem ser considerados como um dos grandes modificadores dentro das populações ao lado das recombinações gênicas que ocorrem durante a meiose (crossing-over), porque sofrem grandes efeitos da segregação mendeliana no momento da formação dos gametas.



Luiz Antonio Josahkian é superintendente-técnico da ABCZ

Olhando a questão de uma forma mais simplificada, os efeitos não aditivos dependem em grande parte de uma formação e conjunção dos genes encontrada de forma muito peculiar nos pais, que se desfaz no processo de multiplicação das células sexuais e que têm uma chance infinitamente pequena de se recombinarem da mesma forma quando da formação do zigoto. Isso leva à perda parcial ou total daquele fenótipo (ou pelo menos da diferença que ele significava no momento da seleção) quando esses indivíduos são usados na reprodução.

Por outro lado, os efeitos aditivos são aqueles proporcionados por cada um dos genes que determina uma característica, independentemente de sua localização nos cromossomos. Os efeitos aditivos em geral são pequenos em cada um dos genes que interagem para formar um fenótipo, mas por outro lado são cumulativos. Eles ainda são predizíveis e realizáveis. Por isso mesmo, são esses efeitos que são incessantemente procurados e maximizados em programas de melhoramento.

Em melhoramento, o parâmetro que mede o efeito genético aditivo em uma característica é chamado de herdabilidade. A herdabilidade no seu sentido restrito (h^2) (que é a usualmente empregada no melhoramento) pode ser interpretada como sendo o quanto da variação fenotípica total observada na característica é proveniente dos efeitos aditivos dos genes. A herdabilidade varia de 0 a 1 para uma dada característica, varia de característica para característica, de população para população e ao longo do tempo para uma mesma população sob seleção.

Pelo fato de que a herdabilidade nos indica as possibilidades de progresso genético em uma característica sob seleção, aquelas que apresentam essa estimativa em níveis moderados a altos devem e podem ser priorizadas para determinar a escolha dos melhores animais.

Há que se fazer uma ressalva nesse aspecto com relação às características ligadas a reprodução, usualmente tidas como de baixa herdabilidade na maior parte da literatura sobre o assunto.

No caso dessas características, dois aspectos precisam ser considerados antes de enquadrá-las como secundárias em um processo seletivo:

1) As estimativas de h^2 para esse grupo de características vêm sendo questionadas ultimamente, acreditando-se que na verdade o seu componente aditivo seja maior do que o que vem sendo relatado, ou pelo menos assim o seriam em populações que nunca tenham sido selecionadas para essas características;

2) Independente da h^2 , a reprodução tem um impacto econômico sem par em qualquer programa de melhoramento, o que, por si só, determina sua inclusão e prioridade na ordem de escolha dos animais.

A reprodução funciona como um relógio biológico, indicando a harmonização do animal com o ambiente. Se a reprodução não vai bem, seguramente os critérios que estão sendo utilizados estão conduzindo a população para desequilíbrios funcionais. Raças com problemas reprodutivos estão condenadas a uma lenta extinção.

Outro conceito de genética, que é inerente ao julgamento, é a classificação das características em dois grandes grupos: as quantitativas e as qualitativas.

O primeiro grupo (quantitativas) provavelmente é o de maior interesse para uma seleção baseada em conceitos econômicos, já que abrange a maioria das características ligadas à produção e reprodução. Para um melhor entendimento do que são esses grupos de características podemos utilizar os referenciais da tabela 01.

Na seleção (e por extensão, nos julgamentos), utilizamos características desses dois grupos: qualitativas e quantitativas. Existe três formas de se utilizar essas informações e que se constituem nas práticas de seleção.

São conhecidos três modelos básicos: 1) seleção em tandem; 2) seleção por níveis independentes de descarte; e 3) índices de seleção.

A seleção em tandem consiste em se eleger uma única característica por geração e praticar a seleção até que se atinja o objetivo almejado naquela característica. Ela tem a vantagem de maximizar o diferencial de seleção para a característica eleita, já que nenhuma outra característica desvia nosso foco de escolha dos animais e, conseqüentemente, maximizar o ganho genético naquela característica. Por outro lado, pelo fato de não olhar o animal como um todo, pode gerar desequilíbrios na população em outras características, além do fato de que a próxima característica a ser trabalhada pode ter correlação negativa com a anterior, determinando sua regressão, o que é conhecido em melhoramento como "efeito gangorra", ou seja, perde-se na geração seguinte os ganhos genéticos obtidos anteriormente. Dificilmente esse tipo de seleção atende aos interesses de qualquer rebanho. Em geral, são requeridas dos animais múltiplas funções e, a não ser em casos extremos e de especificidade muito grande, esse tipo de seleção seria recomendado.

A seleção por níveis independentes de descarte baseia-se na adoção de limites mínimos ou padrões preestabelecidos que os animais devem atender simultaneamente em várias características para serem escolhidos como geradores da próxima geração. Embora não seja o método mais preciso e adequado de seleção, é o mais utilizado, muitas vezes até mesmo de forma inconsciente. Na prática habitual de seleção, sempre buscamos conciliar nos animais a

tabela 01

Características quantitativas	Características qualitativas
• São determinadas por muitos pares de genes, daí serem denominadas também de poligênicas, que produzem, cada um, pequeno efeito sobre a característica; • Sofrem grande ação do meio ambiente; • Apresentam uma variação contínua de valores (no peso à desmama por exemplo, entre dois animais, um de 160kg e outro de 180kg, sempre poderá ocorrer um valor intermediário, indefinidamente); • Pela razão acima, os indivíduos não formam classes que se excluem entre si (por exemplo, não é possível, em um lote de bezerras à desmama, dividi-lo em dois grupos fenotipicamente uniformes: um com todos os animais com 180kg e outro grupo de animais com 160kg. Sempre existirá uma variação entre um animal e outro); • Por sofrerem grande influência do ambiente, nem sempre o fenótipo é um indicador seguro do genótipo do animal.	• São determinadas por um ou poucos pares de genes que produzem grandes efeitos; • Sofrem pouca ou nenhuma ação do meio ambiente; • Apresentam características de "sim" ou "não" (por exemplo, pelagem branca ou preta, ausência ou presença de chifres); • Da mesma forma, pela razão acima, é possível separar o mesmo lote em animais mochos ou com chifres (embora nas raças zebuínas existam manifestações intermediárias); • Nessas características, o fenótipo é um indicador mais seguro do genótipo do animal.

melhor combinação de um conjunto de características de interesse econômico ou de preferência pessoal. Por exemplo, ao apartarmos um lote de touros ao sobreano, nós buscamos um grupo de animais que atendam ao padrão étnico, que tenha bons aprumos, boa cobertura muscular, bom desenvolvimento testicular, etc. Quando as características que estamos buscando apresentam correlação genética positiva, esse tipo de seleção fica favorecido. No julgamento, esse é o método utilizado. É claro que quanto maior o número de características adotadas, menor será o progresso genético em cada uma delas. Em outras palavras, uma das causas que determinam o ponto ótimo para o progresso genético é sabermos determinar quantas e quais características devem ser realmente consideradas e como elas devem ser priorizadas. A inclusão de características em demasia, principalmente aquelas de pura preferência pessoal, deve ser evitada na seleção. No julgamento, a situação não é diferente. Cabe ao jurado determinar um conjunto de características mínimo necessário, ordená-las segundo as prioridades econômicas e segundo o seu componente aditivo (herdabilidade). Por exemplo, em julgamento de uma raça de corte priorizar a cor da pelagem em detrimento do peso ou da conformação (desde que as pelagens em questão atendam ao padrão da raça) é uma atitude pouco ou nada alinhada com a seleção moderna. Ao se adotar um critério como esse, se ganha na cor (que é um ganho muito relativo) e poder-se-ia estar perdendo em outras características (pode ser que o melhor animal em peso e conformação não atenda ao padrão cor estabelecido).

De qualquer forma, é um método mais adequado que o anterior porque conduz a população a atingir um mérito genético total mais equilibrado.

O terceiro tipo – índices de seleção – a rigor, se constitui na seleção tecnicamente mais correta por estabelecer uma ponderação bioeconômica entre todas as características sob seleção. O índice considera o valor relativo das características desde sua herdabilidade (que como vimos, determina a resposta à seleção), o seu valor de mercado e as prováveis correlações indesejáveis que possam existir entre elas. De uma certa forma, seleção por índices seria a aplicação dos níveis independentes de descarte de forma não empírica ou intuitiva, como acontece nesse tipo de seleção. O método tem ainda a vantagem adicional de permitir, exatamente pela ponderação entre as características, que ligeira inferioridade em uma característica possa ser compensada por uma superioridade em outra. Embora seja o método mais adequado, ele é pouco utilizado, primeiro pela dificuldade em se estabelecer ponderações realmente adequadas entre as características em jogo, e, em segundo lugar, pela dificuldade adicional de manter o índice com uma construção bioeconomicamente adequada ao longo do tempo ou mesmo no momento de sua construção.

Na prática do julgamento, embora não exista a adoção formal de índices para classificação do animal, o jurado, individualmente, estabelece ponderações entre as características de forma intuitiva e na maioria das vezes acertada. Para uns, o aspecto peso final pode ser mais importante, para outros, a conformação, outros ainda privilegiam a fertilidade, e todos

estabelecem uma ordem e um fator de peso/ponderação para todas elas. Como existem diferenças de conceitos entre os jurados, é claro que em determinados momentos a escolha final dos indivíduos tende a ter discrepância. Considerando a necessidade intrínseca de mantermos a variabilidade genética para possíveis e futuros progressos genéticos, ou até mesmo para se resgatar genótipos que circunstancialmente tenham sido preteridos pelo mercado e resurgem como de real interesse para a seleção, essas diferentes concepções do que é ideal passam a ter um valor absoluto. Dificilmente alguém, ou grupos/corporações, detém conhecimento suficiente para unidirecionar toda uma população sem que isso possa ter uma grande margem de incerteza.

Contextualizando esses conceitos no julgamento, suponhamos uma categoria de animais do sexo masculino, de 16 a 18 meses de idade, e consideremos apenas os fenótipos peso e conformação. Apenas para facilitar o raciocínio, adotemos como sendo o ordenamento ideal o critério de escolha inicial pelos animais de maior peso (o que não é necessariamente verdadeiro no momento atual da seleção). O que o jurado faz é exatamente procurar os animais com as maiores diferenças em peso no grupo em julgamento e isso implica em maior diferencial entre esse grupo mais pesado e a média total do grupo para essa característica. Quando ele passa a examinar dentro desse grupo pré-selecionado as qualidades de conformação dos animais, pode ser que aqueles mais pesados não correspondam ao biótipo desejado e serão excluídos, o que irá determinar uma redução entre a média do novo grupo (os animais que reúnem simultaneamente melhor peso e conformação) e a média geral do grupo inteiro.

O resultado do peso e/ou da conformação do animal escolhido (ou da média do grupo selecionado) e a média geral do grupo é chamado de diferencial de seleção. Uma parte desse diferencial foi determinada por fatores ambientais (não herdáveis) e outra por fatores genéticos, que, como vimos anteriormente, têm um componente aditivo e um não aditivo.

Entre os fatores genéticos, a parte aditiva que implicou nessa maior diferença desse indivíduo (ou desse grupo) em relação à média geral do grupo é a que, como vimos, realmente interessa.

A não aditiva é difícil de ser estimada e por isso é desconsiderada. As características em foco nesse caso – peso e conformação – têm em geral herdabilidade de média a alta, o que significa dizer que a diferença desse indivíduo deverá ser, em boa parte, transmitida a seus filhos (ou aditiva).

Voltando à questão de como é composta a diferença entre esses indivíduos, temos que considerar que uma boa parte dela é devida ao ambiente pro-

porcionado aos animais.

Todo o raciocínio acima seria totalmente válido se todos os animais em disputa tivessem tido as mesmas chances de alimentação e demais cuidados suplementares. Como isso nunca é totalmente válido no julgamento (a não ser pelo fato de que, em geral, todos os indivíduos foram manejados em ambientes extremos e ótimos), parte da percepção dos jurados na aplicação dos conceitos de melhoramento são infrutíferas ou se perdem por interações genético-ambientais que estão além do conhecimento do jurado. Talvez, também por isso, Lush tenha dito, há quatro décadas, que as exposições nunca viriam a ser o exercício pleno do melhoramento, mas as considerou como um local excelente para troca de idéias e apresentação do potencial máximo das raças.

Por outro lado, negar a contribuição das pistas de julgamento para a formação do plantel nacional de raças zebuínas seria também um erro primário. Seguramente muito de positivo foi feito e muitas mudanças foram processadas, amparadas nos modelos de exposições.

Uma situação futura mais confortável e que poderá acomodar essas discordâncias fundamentais começam a se formar no mercado. Quem sabe, em breve, poderemos contar com um sistema de acesso às pistas que controle em boa parte as diferenças ambientais extremas de um manejo de uma propriedade para outra, reconduzindo as diferenças observadas pelos jurados nas pistas à sua condição necessária de diferenças realmente genéticas e herdáveis.

Por ora, é bastante razoável validar os trabalhos e a contribuição dos resultados de julgamentos considerando que todos os animais receberam as melhores condições ambientais para expressarem seu potencial genético, o que, se por um lado não nos autoriza a transferir toda a realidade das pistas para todos os sistemas de produção de forma plena, nos garante, por outro, uma relação verdadeira entre os animais naquela situação e, adicionalmente, uma razoável parcela de possibilidades de ganhos genéticos em outros sistemas.

Em julgamento temos que considerar que nossas inferências partem de um ambiente otimizado, onde as condições ambientais proporcionadas aos animais foram plenas, indistintamente, o que valida as diferenças observadas e premiadas, mesmo que em algum momento isso possa não ser totalmente válido. Provavelmente, mais do que as possíveis perdas que podem ocorrer, provocadas pela interação genótipo ambiente, resida na determinação correta de quais características devem ser consideradas na definição do biótipo adequado dos animais, o grande sucesso do julgamento como modificador de populações. ☞

Trabalho coletivo



Para conseguir mais espaço no mercado interno e externo, pecuaristas estão apostando no trabalho em equipe

Larissa Vieira

"A união faz força". Quem nunca ouviu esse ditado antes ou o colocou em prática em algum momento da vida? Não é difícil encontrar pelo mundo afora exemplos de ajuda mútua entre os homens nos momentos difíceis. Histórias como a dos mercadores chineses que viviam às margens do rio Yang-Tsé, há 400 anos antes de Cristo. Eles precisavam atravessar diariamente o rio, mas, muitas vezes, acabavam naufragando. A saída para acabar com o prejuízo foi organizar grupos de dez comerciantes e fazer o transporte das caixas em barcos diferentes. Assim, quando ocorria um naufrágio, o prejuízo era dividido entre todos, evitando que o dono da embarcação e sua família sofressem privações durante muito tempo.

O agronegócio brasileiro coleciona uma série de exemplos de cooperação como saída para algum tipo de problema. Seja por questões econômicas, seja por falta de estrutura adequada ou pelo excesso de burocracia imposto pelo mercado interno e externo, os pecuaristas têm encontrado formas de desviar das "pedras" que aparecem no meio do caminho. Talvez o exemplo mais conhecido seja das cooperativas de leite. Elas são responsáveis por 39,70% da produção agropecuária nacional. Hoje, o setor vive um momento mais promissor com melhores preços pagos ao produtor, apesar de ainda não ser o valor capaz de conferir uma margem de lucro maior. Das 7.355 cooperativas existentes no

país, cerca de 1.519 são do setor e outras 1.115 de crédito, segundo dados da Organização das Cooperativas do Brasil. Os estados considerados grandes bacias leiteiras, como Minas Gerais e São Paulo, são os locais onde se concentram o maior número de sociedades desse tipo.

A pecuária de corte e o setor de genética também apostam na união de forças para conquistar mais espaço no mercado. É o que está acontecendo em Rondônia. O estado tem um rebanho de aproximadamente 5,4 milhões de cabeças, segundo dados do Anualpec 2004, e abate mais de 1,15 milhão por

Acima: rebanho em fazenda goiana; ao lado, Celso Vieira, sócio da CooperCarne, em Rondônia

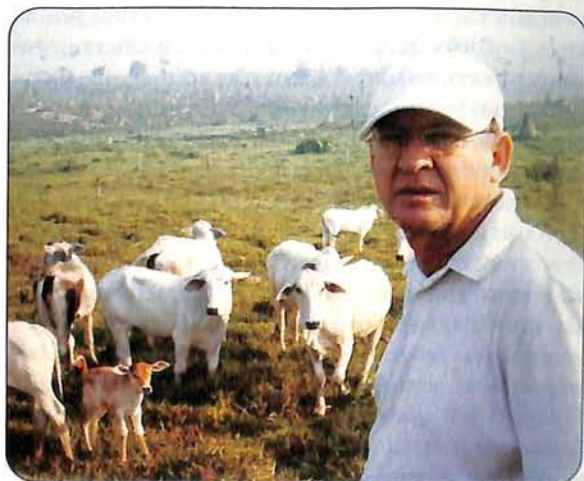


Foto: divulgação

ano. Para aproveitar a grande oferta de animais para abate na região e conseguir preços mais altos pela arroba, criadores rondonianos decidiram fundar uma cooperativa de carne, a CooperCarne. "Vamos vender todas as partes aproveitáveis do boi, inclusive o couro. Hoje, não recebemos nada por ele. Como todo o lucro será dividido entre os cooperados, a expectativa é de incrementar em 50% o preço pago pela arroba", anima-se o pecuarista e um dos sócios da CooperCarne, Celso Vieira. O valor da arroba, a prazo, em Rondônia variou entre R\$ 44,1 e R\$52,4 em 2003. Este ano, está por volta R\$49,8.

Quando estiver em funcionamento, provavelmente no final de 2005, a cooperativa deve abater mil cabeças por dia. Parte da produção chegará ao mercado internacional. Antes mesmo de abrir as portas, a cooperativa já recebeu a visita de compradores da Itália e Estados Unidos. O interesse dos norte-americanos vem ao encontro da notícia de abertura do mercado deles para a carne bovina brasileira *in natura* no prazo máximo de um ano, divulgada pelo o governo brasileiro.

O investimento inicial da cooperativa de carne rondoniense é de R\$ 20 milhões. A estrutura física está sendo construída na cidade de Pimenta Bueno, sul de Rondônia. A expectativa é de gerar mais de 500 empregos. O associado adquire pelo menos uma cota, que corresponde a 100 cabeças. "Fizemos pesquisa de mercado antes, inclusive no Paraguai, onde existe iniciativa semelhante. Tivemos uma boa receptividade do mercado com vários compradores nos procurando", informa Vieira.

Do Sul do Brasil vem outro exemplo de união para facilitar a vida dos pecuaristas. Os produtores de Sant'Ana do Livramento (RS) resolveram enfrentar a crise pela qual atravessa o setor da pecuária de corte gaúcha reativando uma planta frigorífica do município. Em agosto deste ano, eles fundaram a Cooperativa Santanense e já programam para dezembro a abertura da indústria. Depois de quase dois anos fechado, o frigorífico será reaberto com produção inicial de 800 abates, apesar de ter capacidade para 600 abates por dia.

O investimento inicial será de R\$ 300 mil. A cidade tem um rebanho de 625 mil bovinos e abate 66 mil anualmente, mas há dificuldades de escoamento. "Vamos ter o controle do nosso produto. A princípio, a produção será destinada ao mercado interno, mas já estamos trabalhando para atender os clientes de outros países. As despesas da empresa serão pagas com a venda do couro e subprodutos. A expectativa é de pagar no mínimo 20% a mais

pela arroba", informa o presidente da Cooperativa, Leonardo Santana Fernandes. O frigorífico é habilitado para exportação.

Valorização de touros

Se entre os criadores de gado de corte as cooperativas estão ganhando força, iniciativas semelhantes já fazem parte do dia-a-dia de muitos pecuaristas que investem na produção de tourinhos. Cada vez mais popularizam-se pelo país provas voltadas para seleção de reprodutores com o intuito de comercializar animais a preços mais acessíveis. De Goiás, surgiu o "Grupo Provados a Pasto", fruto da união de cinco criadores. "Queremos melhorar a qualidade do rebanho voltado para produção de bezerros selecionado touros de boa genética, mas com preços próximos da realidade do criador", diz Ana Luísa Consoni Guimarães, uma das fundadoras do Provados a Pasto. A prova é aberta a todos criadores de nelore, padrão e mocho, independente da propriedade ser pequena, média ou grande. Além disso, eles podem inscrever quantos animais acharem necessário.

O teste acontece nos pastos de fazendas localizadas nas cidades goianas de Quirinópolis, Iporá e Itapira Pua. A cada três meses 150 novos machos entram para avaliação. Eles passam por fase de adaptação, pesagens inicial, intermediária e final. Quando atingem as idades de 12 e 18 meses, é medido o perímetro escrotal. Os que obtiverem as melhores DEP's (Diferença Esperada de Progenie) no final da prova são colocados a venda em pregões. "Realizamos até três leilões por ano dos animais classificados como superior e de elite. O dinheiro vai direto para o dono do touro. É uma

Centro: Lima, do CAT, que atende do pequeno ao grande produtor; abaixo, integrantes do Provados a Pasto



forma de agregar valor ao rebanho brasileiro. O mercado caminha para avaliações constantes e utilização apenas de reprodutores provados", declara Ana. A média por cabeça alcançada tem sido de R\$ 4 mil.

Minas Gerais é outro pólo de provas deste tipo. No Triângulo Mineiro, existe o Centro de Avaliação de Touros (CAT). A estrutura é parecida com a aplicada pelo grupo goiano, inclusive a filosofia de facilitar a venda de touros. "É uma prova bem democrática, pois atende desde o pequeno até o grande produtor", conta Maurício Jorge de Lima, gerente do CAT. Os bovinos participam de prova de ganho de peso, medidas de perímetro escrotal, área de olho de lombo, avaliação racial.

Esta é a 5ª edição da prova, que é voltada para todas as raças zebuínas. Desta vez, participam 220 touros. As pesagens acontecem em intervalos de 56 dias. As DEP's deste 5º grupo devem ser divulgadas no final de outubro. Os classificados como superior e elite seguem para leilão. "Muitos proprietários de animais comercializados nesses eventos acabam comprando bovinos de outros participantes", diz Lima. As médias por cabeça são em torno de R\$3.650,00. Cerca de 3,8 mil touros já passaram pela avaliação do CAT.

Fim das barreiras

No caso do segmento de genética zebuína, o excesso de burocracia nas negociações internacionais é que levou a ABCZ, empresas do ramo e outras associações a se unirem para superar os problemas. Vários protocolos sanitários firmados entre o Brasil e países da América Latina, África, Austrália, estavam ultrapassados emperrando as exportações. Até mesmo com o país berço do zebu, a Índia, o comércio bilateral estava emperrado.

Em 2002, o Brasil conseguiu exportar apenas 29.519 doses de sêmen enquanto a venda geral, incluindo o mercado interno, ficou em 7 milhões, segundo dados da Associação Brasileira de Inseminação Artificial. Na contramão da pequena comercialização internacional, o setor apresentava na época uma demanda crescente por sêmen, embrião e animais vivos do rebanho nacional. De olho nesse nicho de mercado, pecuaristas e empresas do setor genético criaram, em 2003, o consórcio de exportação Brazilian Cattle Genetics (BCG).

O grupo conseguiu o apoio da Apex-Brasil, agência responsável pela inserção de novas empresas exportadoras no mercado internacional que pela primeira vez firmou convênio na área de genética bovina. Hoje, um ano depois da criação do BCG, o consórcio contabiliza a negociação de 11 protocolos sanitários. Com o governo da Venezuela, já foi acer-

tada a liberação do comércio bilateral para sêmen, animais vivos e embriões. Em outros casos, conseguiu-se autorização para a exportação de alguns produtos. É o que acontece com a Angola e Colômbia que já deram cartão verde para comércio de sêmen.

Já com China, Peru, Equador, Egito, África do Sul, Austrália e Moçambique a conversa entre os governos deve chegar a um acordo em breve. As negociações com a Bolívia estão mais adiantadas e encontram-se em fase de conclusão. "O sucesso do Brasil na produção de carne e leite à base de pasto, essencialmente utilizando animais zebuínos, tem despertado o interesse de vários países do mundo. Entretanto, as negociações dos protocolos são muito lentas e existem países querendo comprar nossa genética mas não podemos concretizar as vendas simplesmente porque o protocolo não existe, como é o caso da China. Como estamos entrando com maior força no mercado, falta pessoal para negociar dando margem a barreiras não tarifárias. Um exemplo é o Egito, que nos proíbe de exportar animais vivos com uma lei de 30 anos atrás devido à mosca-da-bicheira (*Cochliomya hominivorax*). A evolução na área de medicamentos durante essas três décadas permite solucionar o problema apenas com um controle na pré-quentena. Não estamos falando de um vírus ou bactéria letal, mas de um inseto. E por não conseguirmos contestar esta medida tecnicamente, estamos fora de um mercado de mais de US\$ 200 milhões anuais somente em bovinos vivos para os países árabes", diz o gerente executivo do BCG, Gerson Simão.

O mercado árabe hoje é dominado pela Austrália, apesar do Brasil ser mais próximo do Egito do que o país da Oceania. Além disso, os preços dos australianos são mais salgados. Os pecuaristas brasileiros teriam condições de comercializar a valores melhores. Outro fruto da união do consórcio é a inserção do zebu em países nunca antes imaginado, como a China. O BCG esteve presente em duas feiras chinesas, além de outras 10 exposições internacionais em vários países divulgando a genética zebuína brasileira. Hoje, o grupo tem 16 associados.



Foto: divulgação

Ao lado:
animais em pro-
grama de avali-
ação

Couro queimado é sinal de gado desvalorizado

As perdas relacionadas
ao maltrato do animal
podem chegar a 10%.

Uma perda de até
60 kilos por cabeça.

10 Mandamentos da Melhoria da Qualidade

- | | |
|---|---|
| 01 Nunca fazer cerca com arame farpado; utilizar somente arame liso. | 06 Fazer marcação do gado nos locais adequados, tais como cara, pescoço e canela, com no mínimo 11cm de diâmetro. |
| 02 Não usar ferrão pontiagudo, nem cães, para o manejo do gado. | 07 Fazer a descorna do gado. |
| 03 Manutenção periódica no combate aos ectoparasitas (carrapato, berne, mosca do chifre, sarna e piolho). | 08 Balancear a alimentação do gado com suplementos minerais. |
| 04 Mantenha sua pastagem limpa. | 09 Escolher um veículo adequado para o transporte de seu rebanho até o frigorífico, evitando carrocerias com pontas de madeira ou pregos. |
| 05 Vistoria periódica nos currais, evitando pontas que possam furar o gado. | 10 Gado bem tratado produz melhor resultado. |



Unidades Fabris Matriz - Ubertândia/MG (34) 3218 0800 • Filiais - Goiás - Itumbiara/GO (64) 3433 0100
Frizzo Couros/Nova Esperança do Sul/RS (55) 250 1400 • Frizzo Calçados/Nova Esperança do Sul/RS (55) 250 1133
Borna/Mococa/SP (19) 3656 1441 • Paranaíba/MS (67) 668 3870 • Santiago/RS (55) 251 6798
Rooms Franca/SP (16) 3727 1355 • São Paulo/SP (11) 6967 6901 • Novo Hamburgo (51) 581 1669
Horizonte/MG (31) 3272 3062 • Goiânia/GO (62) 293 6622



Braspelco

É Brasil, Peles e Couros

A MAGIA DOS LEILÕES

Benaias Aires Filho

Pretendemos apresentar e discutir neste artigo, o incremento da realização de leilões como forma de comercialização de bovinos no Brasil.

A popularização dos leilões é recente no País. Nos últimos 10 anos a modalidade se expandiu de forma vertiginosa e hoje é o principal instrumento de comercialização, tanto do mercado de reposição de animais como de animais de elite. Os remates se tornaram o principal elemento de comercialização na pecuária, já que atendem os interesses do vendedor, aumentando seu poder de barganha e ampliando sua venda, e ao possibilitar que, ao invés de vender seu produto na propriedade, ele o coloque em exposição a um maior leque de compradores, o que permite incrementar o valor da sua mercadoria. Tais eventos também reúnem, num mesmo recinto, produtos e compradores potenciais, quebrando assim o poder de oligopsônio¹ destes últimos, além de possibilitar a oferta de animais a um número maior de compradores ao mesmo tempo, aumentando a concorrência. Por outro lado, os pecuaristas participantes, potenciais compradores, ficam mais bem informados, de uma forma geral, sobre os preços, que podem ofertar a um produto.

O papel do leiloeiro, como representante dos vendedores é de extrair uma parte do excedente do comprador recebendo preços mais altos que aqueles recebidos na negociação individual na propriedade.

I – Os leilões na história e sua tipologia

É em Heródotos² que encontramos a mais antiga referência a este tipo de comercialização, onde ele descreve a venda de mulheres na Babilônia, em torno do século V a.C. No período de declínio do Império Romano, o leilão era a forma de comerciali-

zação mais comum de produtos oriundos de saques.

É enorme a quantidade de mercadorias vendidas através de leilões: objetos de arte, antiguidades, direito de exploração de telecomunicações, produção agrícola, etc. No leilão, se observa um conjunto claro de regras que rege seu funcionamento e apesar dos leilões serem conhecidos como uma

venda pública, onde os artigos ou mercadorias são vendidos para aquele que oferece o maior lance de compra, o termo leilão é tanto usado para a venda como para a compra de bens, sendo que no caso da compra o critério de escolha é o menor lance.

São descritos na bibliografia³, quatro tipos básicos de leilões: o leilão inglês, conhecido como leilão oral ou de lances ascendentes; o leilão holandês, conhecido como o de lances descendentes; o leilão de lance

fechado de primeiro preço; o leilão fechado do segundo preço, denominado também leilão de Vickrey.⁴

O tipo inglês é o mais utilizado na venda de animais. Neste tipo de leilão, o preço se eleva até que um lance final prevaleça, que é feito através de um leiloeiro que obtém os lances dos compradores e anuncia ao público o maior lance apresentado. O que melhor caracteriza este tipo de leilão é o torna mais transparente, é que a todo o momento os compradores estão cientes do maior lance ofertado. Mundialmente, esta forma de leilão é usualmente utilizada na venda de trabalhos de arte e de antiguidades, no Brasil, é muito utilizado na venda e compra de animais, principalmente nos leilões de gado de elite, que é a preocupação central deste artigo.

O chamado leilão holandês é o contrário do inglês. No início do leilão, o leiloeiro apresenta um valor alto como preço inicial do bem e o diminui

"A popularização dos leilões é recente no Brasil, nos últimos 10 anos, ele se expandiu de forma vertiginosa e hoje é o principal instrumento de comercialização, tanto do mercado de reposição de animais como de animais de elite e ele se torna o principal elemento de comercialização"

1 Estrutura de mercado em que há apenas um número reduzido de compradores. • 2 Heródotos – História, livro I § 196, pp.82, Ed. UNB, Brasília, 1985. • 3 Ver Meneses, Flávio M. Uma introdução à teoria dos leilões. Revista de Econometria, v. 14 n. 2 p. 235-255, nov. 1994/março 1995, Rio de Janeiro, RJ. • 4 Vickrey é considerado um referencial na literatura econômica sobre leilões e sua mais importante contribuição é: Vickrey, W. Counterspeculation, auctions and competitive sealed tenders. Journal of Finance, New York, 16: 09-37, 1961.



sucessivamente até que um comprador esteja de acordo com o lance ofertado. Esta modalidade é usualmente utilizada na venda de peixes em Israel, fumo no Canadá e na venda de flores na Holanda⁵, no país, é na comercialização de flores em Holambra (SP) que encontramos essa modalidade de leilões. O terceiro caso de leilão é o denominado de lance fechado do primeiro preço, onde cada potencial comprador faz um lance fechado e a mercadoria acaba adquirida pelo comprador que faz o lance mais alto. Um dos problemas dessa modalidade de leilão é que cada comprador pode apresentar somente um único lance, ao contrário do tipo inglês, onde os compradores podem observar os lances de seus adversários e concorrentes e assim revisar seus próprios lances, que possibilita uma maior transparência no jogo da compra.

O último tipo de leilão é o de lance fechado do segundo preço, ou seja, os compradores fazem os lances fechados sendo que o lance mais alto define o comprador que fica com a mercadoria e o segundo maior lance define o valor a ser pago, esta modalidade de leilão raramente é utilizado na prática.

Uma rápida observação no cotidiano dos leilões realizados no Brasil nos indica que existe uma variação desses quatro tipos de leilões.

Uma outra particularidade dos leilões de gado no Brasil é a utilização da ação denominada de "defesa", onde o criador-vendedor no momento em que seu produto está em leilão, pode oferecer um lance e assim proteger seu produto, face a lances que ele julga que estejam abaixo do preço real do animal, nesse momento ele deve pagar a comissão relativa ao leiloeiro. Este tipo de empreitada, que praticamente só é observada em leilões de gado de elite, apresenta alguns inconvenientes: o vendedor ao proteger sua venda pode levar a imagem que ele estaria inflacionando seu produto, e por outro lado, podendo comprometer a transparência do leilão.

Um outro elemento teórico que devemos ressaltar é a existência da "maldição do vencedor". Isso pode ocorrer no momento em que um comprador na busca de obter uma estimativa do real valor de um bem, que no início do leilão é desconhecido para ele, como no leilão do tipo inglês onde os valores são crescentes, acaba levando prejuízo, ao valorizar um produto que não daria o

retorno esperado em termos de lucratividade. Um exemplo clássico é, num momento de empolgação, o comprador oferecer um lance a um produto superior a seu valor de mercado.⁶

Por outro lado, o número de participantes envolvidos num leilão influencia de forma dúbia o resultado do mesmo. Se por um lado, quanto maior a presença de compradores, maiores serão as necessidades dos participantes submeterem lances de forma agressiva. Mas, por outro lado, o aumento do número de participantes aumenta as chances de que o vencedor superestime o valor do objeto colocado à venda, o que caracterizaria a "maldição do vencedor".

Uma característica peculiar: há leilões onde o produto de venda é inicialmente desconhecido pelo comprador, como no caso do gado de elite, e particularmente no caso do leilão inglês, irá gerar um aumento de expectativa da receita, visto que como o leilão é basicamente oral, os compradores oferecem lances de forma agressiva.

Outra característica dos leilões é o princípio de "linkage", onde na medida em que um leilão se desenrola, cada rematante utiliza as informações dos seus concorrentes na avaliação do bem. Isto reduz a possibilidade da "maldição do vencedor" e faz com que os rematantes ajam de forma mais agressiva num leilão do tipo inglês do que num tipo de leilão selado.

Assim, os compradores estão numa posição desfavorável face ao vendedor, se o preço está efetivamente ligado a variáveis exógenas ao leilão, ligadas a informação privada dos participantes. Seguindo essa assertiva, a política do vendedor de revelar toda a informação que ele possui sobre seu produto é relevante, e assim, quanto mais o preço do bem estiver ligado às informações do vendedor, mais o pressuposto excedente do vencedor será reduzido.

O papel da informação é relevante, sua revelação de forma pública aumenta a receita esperada. Nenhuma política leva a um aumento maior no preço esperado do que a de sempre revelar toda a informação. Assim, a honestidade é a melhor política quando se trata de transparência de informações num leilão, sobretudo num de gado de elite, onde os participantes geralmente se conhecem.

É claro, que nenhum mecanismo de leilão vai determinar os preços finais diretamente em termos

"Quanto maior a presença de compradores, maiores serão as necessidades dos participantes submeterem lances de forma agressiva. Mas, por outro lado, o aumento do número de participantes aumenta as chances de que o vencedor superestime o valor do objeto colocado à venda, o que caracterizaria a 'maldição do vencedor'"

5 Segundo Macaffee, R.P. & Mcmillan, J. "Auctions and bidding". Journal of Economic Literature, 25: 699-738, 1987. 6 Em entrevista com o leiloeiro João Alves Barros da leiloeira Leilomaster, ele nos afirmou que raramente esta "maldição" poderia ser observada num leilão de gado de elite e dificilmente num leilão de gado de reposição, onde as margens são extremamente restritas, mas pessoalmente ele observou este fato num leilão de automóveis, onde o lance ganhador superou o preço do veículo leilado no mercado e o arrematante levou uma estrondosa valia dos presentes ao leilão.

7 Ver Milgrom, P. & Weber, R.J. A theory of auctions and competitive bidding, Econometrica, v. 50, n. 5, p. 1089-1122, 1982.

de preferências dos participantes e da informação. Assim, os preços dependem somente do que os rematantes revelam e da informação dos vendedores, uma boa estratégia de informação aumenta a ligação existente com o preço esperado e isso tende a aumentá-lo.

Outro aspecto relevante é a existência de uma certa simetria entre os participantes de um leilão de gado de elite, geralmente freqüentado por representantes de empresas de seleção animal e de pecuaristas renomados.

Dois são os tipos de risco de um participante de leilão: o primeiro de não vencer o leilão; e o outro, vencendo o leilão, estimar o risco em relação aos lucros esperados de sua compra.

No primeiro caso, em se tratando do tipo inglês, sua permanência estrategicamente está relacionada até que o preço do bem ultrapasse o valor que ele hipoteticamente visualiza por aquele animal. No segundo tipo de risco, que existe em função da incerteza em face de lucros futuros, não influenciará na eficiência do leilão como instrumento de venda.

Se os retornos do investimento são muito incertos, a avaliação de cada comprador avesso ao risco será mais baixa, o que reduzirá a receita esperada. Por outro lado, se as expectativas de lucro são maiores, espera-se um aumento na receita esperada no leilão.

Um outro problema no leilão é a possibilidade de colusão, onde se supõe que alguns compradores combinem entre si de fazer lances "falsos", e somente um deles truar⁸ de forma séria, mesmo observando que existe uma forte possibilidade de os rematantes quebrarem o pacto. No leilão inglês, supõe-se que se algum rematante truar de forma séria é ele que mais valoriza o bem, se alguém também quiser disputar o bem, seu preço vai aumentar até que ele saia fora, mas o primeiro ainda vai vencer. Assim, quanto maior a possibilidade de colusão, menor será a receita esperada de um leilão. A comprovação de uma colusão é extremamente difícil, embora bastante factível.

II – A gênese dos leilões de gado no Brasil

O aparecimento do leilão de gado no Brasil está associado aos criadores de gado do Sul do Brasil, ao contrário, das vendas de obras de arte e antiguidades.

Segundo Hasegawa, os leilões de gado foram

introduzidos no Rio Grande do Sul na década de 40 do século passado, principalmente por uruguaio⁹. Já era tradicional o comércio de gado através deste mecanismo de venda tanto no Uruguai como na Argentina. O leiloeiro se apresenta como um errante cavaleiro, que viajava de propriedade em propriedade oferecendo seus préstimos. Somente na década de setenta é que o leilão se institucionaliza e se populariza através das feiras de terneiros no Rio Grande do Sul.¹⁰

Posteriormente, a realização de leilões acompanha a fronteira agrícola brasileira, onde nas décadas de 1980 e 90 é observada uma certa profusão desses eventos nos estados do Mato Grosso e em Goiás. O leilão se afirma como importante instrumento de comercialização e podemos observar sua

explosão em meados da década de 1990. Segundo uma revista especializada na área, os leilões de elite representavam 289 eventos em 1993 e pulam para 864 realizações no ano de 2003.¹¹

Por outro lado, os leilões de gado de reposição se constituíram em importante instrumento de arrecadação

da UDR¹² no período de elaboração da nova constituição brasileira e se torna fundamental visto que, segundo um de seus principais líderes: "nós escolhemos os leilões, porque o fazendeiro retira mais facilmente dez vacas de seu rebanho, do que dez cruzados do bolso."¹³

III – Um momento ímpar de observação: o leilão-show

Inicialmente é importante enumerar alguns aspectos do universo da população bovina brasileira. Existem, grosso modo, dois troncos comuns de raças bovinas, os taurinos, que compreendem as chamadas raças européias e as raças zebuínas, originárias da Índia, e que melhor se adaptaram ao clima brasileiro. Basicamente 85% do gado brasileiro é de origem zebuína. Assim, é imprescindível ressaltar o papel exercido pela ABCZ¹⁴ no controle genético da raça zebuína brasileira.

É impossível tecer comentários sobre os denominados leilões de elite, sem se referir ao enorme avanço genético que podemos observar na pecuária brasileira nos últimos 30 anos.

Na França, ao mesmo tempo em que existem leilões de venda de gado, sobretudo em mercados, existe uma modalidade de leilões que se assemelha a um ritual de passagem, ou seja, vendas que são realizadas nas propriedades realizadas por agricul-

⁸ Segundo o Dicionário Aurélio: Iludir com declarações mentirosas. • ⁹ É importante ressaltar que a sede da Associação Latinoamericana de Leiloeiros se situa neste país. • ¹⁰ Hasegawa, Marcos Minoru. O mercado de reposição da pecuária bovina de corte no estado de São Paulo. Dissertação de Mestrado apresentada à ESALQ/USP, Piracicaba-SP, 1995, p. 23. • ¹¹ Revista DBO. DBO editores Associados. ano 23, n.282, abril 2004. • ¹² União Democrática Ruralista. • ¹³ Ronaldo Calado. Folha de São Paulo, 08.08.1988. • ¹⁴ Associação Brasileira de Criadores de Zebu – criada em 1939, é responsável pelo serviço de registro genealógico das raças zebuínas no Brasil.



tores que partem para a aposentadoria, momento, no entanto, que está longe de ser festivo¹⁵.

No Brasil, a venda de gado de elite, fruto de um enorme trabalho de melhoramento genético, eram realizadas, em exposições e feiras agropecuárias, onde os pecuaristas levavam seu plantel para participar de concursos e expor seu produto, ou nas suas propriedades, onde o vendedor estabelecia um valor para sua produção. Os leilões aparecem como importante instrumento de venda, onde o proprietário pode ao mesmo tempo oferecer seu produto para um maior número de compradores e, se utilizando as performances do leiloeiro, elevar seu preço.

De certa forma, esses eventos fazem parte de práticas sociais complexas que dificilmente seriam apreendidas plenamente se ficassem restringidas ao universo de uma só disciplina. A chamada "teoria dos leilões", que apresentamos anteriormente, se refere essencialmente sobre a tipologia e a estratégia dos compradores, e não se reportam à análise, daquele que consideramos o ator principal desta peça, o leiloeiro. Assim, pretendemos estabelecer uma certa etnografia de um leilão e assim compreendermos melhor seu mecanismo de funcionamento.

Os leilões de elite há muito deixaram de se tornar assunto de amadores. Os eventos contam com a existência de leiloeiras que patrocinam festas em locais suntuosos e com características de show, com enorme produção, utilizando forte apelo publicitário, deixando de ser mero evento de caráter econômico, onde, a compra e a venda de animais passa a se constituir num acontecimento social, com recursos de imagem, participação de atores de novelas e de duplas de música sertaneja, além de decoração típica, numa produção que mais se assemelha a um show artístico.

É enorme a diversidade e quantidade de profissionais envolvidos neste tipo de evento, desde arquitetos, cenógrafos, iluminadores, completo serviço de buffet e forte publicidade na mídia. Nesse tipo de acontecimento, muito mais que a venda em si, se busca a criação de todo um ambiente propício a levar os potenciais compradores a oferecer lances levando em conta não somente aspectos racionais, mas sobretudo emocionais. É um momento ímpar onde podemos observar, o que Bourdieu levanta como a necessidade de se distinguir: "... sabendo que o hábito é uma manifestação simbólica, onde o senso e o valor dependem tanto

daqueles que a percebem como aquele que a produz, podemos compreender que o hábito de usar de bens simbólicos, e em particular daqueles que são considerados como atributos de excelência, constitui uma das marcas de "classe", ao mesmo tempo que o instrumento por excelência de estratégias de distinção, ou seja, na linguagem de Proust, a arte infinitamente variada de marcar distâncias".¹⁶

Assim, em um leilão, particularmente de elite, não há razão da existência de um "consumo ostentatório" que Bourdieu enumera como "exibicionismo inocente",¹⁷ mais facilmente presente numa exposição agropecuária¹⁸, onde é maior a diversidade de participantes do que em um recinto distintivo como dos leilões.

Quanto ao aspecto do marketing, é facilmente

perceptível a evolução que observamos neste segmento de mercado. De certa forma, a venda de animais em leilões sofreu, nas últimas décadas, uma mudança de enfoque, fruto de uma radical mudança no comportamento dos produtores rurais. Num primeiro momento, o leilão era visto pelos pecuaristas como um

meio de comercialização de animais de baixa qualidade, que se constituíam em refugos, o que levou a um certo receio e mesmo a dúvidas quanto a procedência e mesmo honestidade do produtor que colocava seus produtos à venda.

No Brasil, as propriedades rurais estão fisicamente muito dispersas. Talvez essa seja, sem sobra de dúvidas, a principal causa do aparecimento e da consolidação dos leilões como importante instrumento de comercialização, uma vez que proporciona reunir, num mesmo ambiente, um número significativo de vendedores e de potenciais compradores.

Por outro lado, houve uma mudança no perfil dos pecuaristas brasileiros, onde podemos observar um maior incremento de profissionais liberais bem sucedidos em outras áreas da atividade econômica, oriundo do meio urbano.

Mas, posteriormente, o leilão venceu esse primeiro momento e passou a se constituir em importante e interessante instrumento de exposição e comercialização dos animais expostos. Assim, a explosão dos leilões, provocou uma substancial mudança e alterou profundamente a estrutura da pecuária nacional, sobretudo a partir do momento, em que o pecuarista, é obrigado a produzir o que o mercado deseja e valoriza, adotando e assimilando práticas e técnicas visando a apresentação de um

"...houve uma mudança no perfil dos pecuaristas brasileiros, onde podemos observar um maior incremento de profissionais liberais, bem sucedidos em outras áreas da atividade econômica, oriundo do meio urbano..."

15 Ver Remy, Jacques. *Désastre ou couronnement d'une vie? La vente aux enchères à la ferme*. Revue Rurale n. 03, ARF, Paris, 1998. • 16 Bourdieu, Pierre. *La distinction - critique sociale du jugement*. Les éditions du Minuit, Paris, 1979, pp.70. • 17 Bourdieu, Pierre. *Idem*, op.cit. pp. 31. • 18 Ver o interessante trabalho de Neves, Delma Pessanha. *Exposições agropecuárias: redimensionamento social dos pecuaristas*, mimeo, 1996.



produto melhorado (transferência de embriões, inseminação artificial, nutrição, manejo, etc).

O leilão torna-se um referencial de preços, sobretudo no mercado de animais de elite. Os preços obtidos pelos animais das diversas raças sinalizam tendências de mercado e são amplamente divulgadas pela imprensa, seja ela a especializada ou não. A realidade dos preços permite aos pecuaristas uma maior clareza quanto à evolução e um maior planejamento do negócio.

O leilão tornou-se também um momento particular de "vitrine", tanto para expositores como para compradores, sedimentando e ampliando características de distinção que enumeramos anteriormente. A repercussão dos leilões é sempre forte e significativa, além de ocupar um grande espaço na mídia, são vistas através de informativos das associações de produtores e pela variedade enorme de veículos como revistas, canais de tv e os suplementos agrícolas de jornais.

Outro aspecto importante, é que o leilão passou a oferecer um espaço interessante para patrocinadores, seja através de menção nos folhetos e convites, seja em mala direta para os criadores, e mesmo no local dos eventos, que se tornou um showroom de implementos agrícolas, de automóveis importados. Enfim, a oferta de toda uma gama de produtos de alto valor agregado e de artigos de luxo, direcionada a um público de alto poder aquisitivo.

Embora a venda dos animais, na maioria das vezes, seja realizada em parcelas, diretamente entre vendedor e comprador, já surge o patrocínio e a participação de bancos comerciais nos leilões. De certa forma, o ganho é mútuo: aos pecuaristas possibilita-se diminuir os custos de organização, uma vez que, de outra forma, ele se responsabilizaria pelas inadimplências¹⁹, caso elas houvessem. Para os bancos, o fato de atingir um público alvo de alta renda, concentrado num mesmo ambiente.

IV - A arte de vender mais e melhor: a profissão do leiloeiro

O histórico da realização de leilões no Brasil se confunde com a biografia de um leiloeiro: Trajano Silva, que assiste na década de 50 aos primeiros leilões de gado realizados na propriedade rural da família em Uruguaiana (RS). A figura do leiloeiro se confunde com a do mascate, que adentrando o Brasil afora, comprava e vendia animais. Posteriormente aparecem as primeiras empresas

leiloeiras e hoje elas atingem a cifra de 300 empresas Brasil afora²⁰.

No caso brasileiro, é de 1933 a regulamentação da profissão de leiloeiro²¹ e em 1961 foi criada a profissão de leiloeiro rural²².

Ao contrário dos "commissaires-priseurs" franceses, onde é exigido para o exercício da profissão, além do diploma em direito, uma especialização em história da arte, no Brasil, as exigências são básicas, pois estabelecem a necessidade de registro numa Junta Comercial, na perspectiva de oferecer fé pública a seus atos e no caso dos leiloeiros rurais, a necessidade de ser credenciado pela Associação Rural ou Federação de Agricultura do estado em que atua. A priori, seria vedada a participação de leiloeiros credenciados num estado da federação, trabalhar em outro, mas segundo declaração de leiloeiros, isso não é muito observado, visto que, no caso de leilões de gado de elite, "como são leilões particulares, o melhor é não interferir, embora pela legislação isso não seja permitido"²³.

V - Os rituais de um leilão

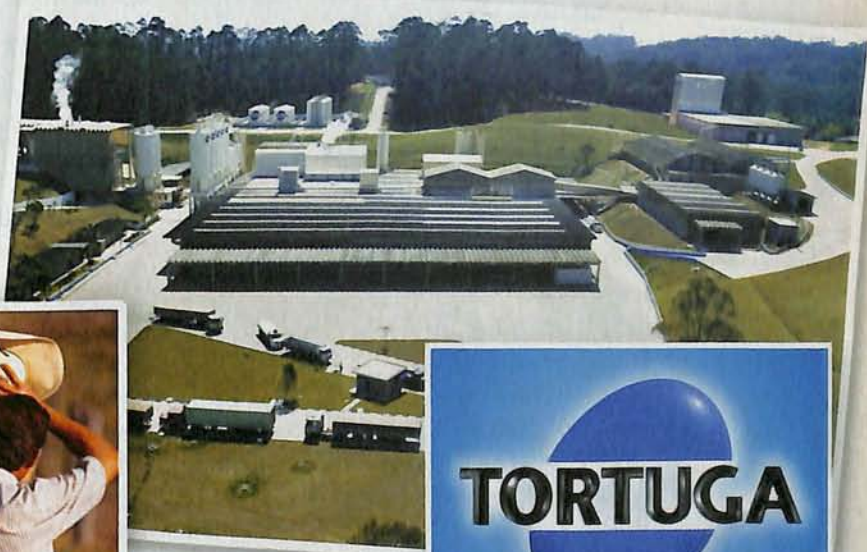
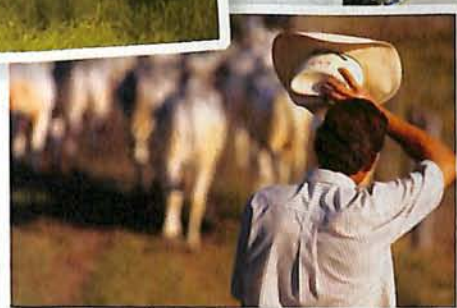
Primeiramente, é necessário enfatizar que nossas observações se resumem aos leilões de elite. Geralmente, esses eventos não são fruto de um único pecuarista. Na grande maioria das vezes, existe a apresentação de um produtor renomado que traz consigo seus convidados, outros proprietários que assim como apresentam animais para o evento, se tornam compradores em potencial.

O ritual se assemelha a um grande evento. Inicialmente, todos os participantes ficam à vontade para examinar mais detalhadamente os animais, que podem ser observados em um recinto próximo ao local do efetivo leilão. A entrada não é franqueada a todos. A existência de uma lista de convidados ou de pessoas que se inscreveram anteriormente serve como filtro ao público em geral. O local do evento é cuidadosamente preparado, é criado todo um ambiente para a ocasião.

No início, os promotores do leilão se apresentam juntamente com seus convidados, os representantes da categoria se fazem presentes e fatalmente fazem uso da palavra, com um discurso já pré-estabelecido. Queixas face "à política agrícola, demora de liberação dos recursos por partes dos bancos oficiais e por fim enaltecendo o importante papel e trabalho daqueles que, apesar das dificuldades do setor, se propõem a dar continuidade a 'um métier

"O leilão tornou-se também um momento particular de "vitrine", tanto para expositores como para compradores"

19 Nas entrevistas que realizamos, tanto com pecuaristas como com leiloeiros, nos afirmaram que as inadimplências são mínimas, ou quase inexistentes. • 20 Revista DBO. DBO Editores Associados, ano 23, n.282, abril 2004. • 21 Decreto n. 21.981 de 19 de Outubro de 1932. • 22 Lei n. 4.021 de 20 de Dezembro de 1961. • 23 Entrevista Barros.



TORTUGA 50 ANOS O FUTURO SEMPRE PRESENTE

Volte no tempo, lembre-se dos seus primeiros passos, das primeiras aventuras, do primeiro dia na escola. Tanta gente fez planos e se orgulhou de você, te desejaram dias sempre melhores, criaram expectativas para seu futuro, fizeram parte do seu crescimento, da sua história. E hoje, o presente continua aí, caminhando ao lado do seu futuro, cheio de novos desafios, de novas conquistas, de novas amizades. A vida é assim mesmo. Experiência se ganha com o tempo. A cada minuto se cresce um pouquinho mais. Os visionários nunca são compreendidos à sua época, mas lá na frente são, sempre, reconhecidos. Então, continue caminhando, tenha orgulho do chão que você pisa. E, nunca, nunca se esqueça: O futuro está sempre presente.

Tortuga 50 anos - o futuro sempre presente



tão desvalorizado". A presença de transmissão ao vivo do leilão por algum canal de televisão confere credibilidade ao evento, mas o mais impressionante é o papel exercido pelo encantador de palavras, o astro maior deste show: o leiloeiro.

Antes de nos reportar a esse personagem, é necessário apresentar o universo do leilão. Após todo um trabalho de divulgação, marketing digno de um grande evento, chega a hora do show.

Os animais são apresentados por um domador²⁴ e os lances são recolhidos por um pisteiro, o melhor ator coadjuvante do leiloeiro.

Alguns compradores preferem se acomodar no recinto, onde estão os pisteiros de sua confiança. Eles acabam conhecendo a maioria dos compradores, conhecem seus códigos e se constituem em incentivadores de lances, percorrem a arena de um lado para outro, recorrem ao microfone anunciando a presença de personagens ilustres, ajudam a criar o ambiente mágico e lúdico de um leilão.

Antes do leilão efetivamente se iniciar, o leiloeiro se mistura entre os participantes, deseja boas vindas, enfim recepciona os presentes com tapas nas costas, no sentido de criar um ambiente familiar e prazeroso.

No momento dos lances, logo após a apresentação de todas as qualidades da "estrela" apresentada, da sua genealogia, a rapidez das palavras sinaliza para uma técnica bastante clara: "se você quiser comprar, decida logo, senão será outro que comprará". Aqui aparece com clareza o encantamento dos leilões, essa rapidez nos gestos e nas palavras não permite uma maior digressão do comprador, não lhe é permitido titubear, é agora ou somente no próximo lote.

A relação de comunicação entre o leiloeiro e o receptor de sua mensagem, o comprador, se funda em códigos e podemos observar o que Bourdieu denomina como troca lingüística e troca econômica: "se estabelece uma relação de forças simbólicas entre um produtor, dotado de um certo capital lingüístico e um consumidor, que procura um certo lucro material e simbólico. De certa forma, os discursos não são somente de sinais destinados a serem compreendidos e a serem decifrados, são também sinais de riqueza destinados a serem avaliados, apreciados e de sinais de autoridade destinados a serem obedecidos".²⁵

Todos os enunciados e discursos apresentam uma característica intrínseca ao capital simbólico: o reconhecimento, institucionalizado ou não, que ele recebe de um grupo.

O momento em que um lance é vitorioso, é ímpar. É apresentado o comprador, o que dá credibilidade à transação, momento significativo, visto que, geralmente todos se conhecem. O anonimato é algo inimaginável num leilão de gado de elite, momento em que aquele que vende e aquele que compra se confraternizam na sua diferenciação social.

O papel do leiloeiro é proporcionar uma ilusão de um mercado ideal, transparente. Propõe-se a conduzir a venda de forma alegre e tenta conciliar os interesses de dois atores: o vendedor e o comprador. Se utilizando de variadas técnicas, de certa forma, sofisticadas, o leiloeiro põe em evidência o público participante, dotando-o de uma identidade provisória e de um sentimento de pertencimento a um grupo, e cria, com isso, o consenso e organização de uma competição, dando a cada indivíduo, o sentimento de concorrer de forma igualitária.

BIBLIOGRAFIA

- Bourdieu, Pierre. *La distinction – critique sociale du jugement*. Les éditions du minuit, Paris, 1979.
- Breton, Philippe. *La parole manipulée. La Découverte/Poche*, Paris, 2000.
- Hasegawa, Marcos Minoru. *O mercado de reposição da pecuária bovina de corte no estado de São Paulo*. Dissertação de Mestrado apresentada à ESALQ/USP, Piracicaba-SP, 1995.
- Heródotos. *História*, livro I § 196, pp.82, Ed. UNB, Brasília, 1985.
- Meneses, Flávio M. *Uma introdução à teoria dos leilões*, *Revista de Econometria*, v. 14 n. 2 p. 235-255, Rio de Janeiro, RJ, nov. 1994/março 1995.
- Milgrom, P. & Weber, R.J. *A theory of auctions and competitive bidding*, *Econometrica*, v. 50, n. 5, p.1089-1122, 1982.
- Neves, Delma Pessanha. *Exposições agropecuárias: redimensão social dos pecuaristas*, mimeo, 1996.
- Remy, Jacques. *Désastre ou couronnement d'une vie? La vente aux enchères à la ferme*. *Revue Rurale* n. 03 1998 ARF.
- Revista DBO. DBO Editores Associados, ano 23, n.282, abril 2004.
- Vickrey, W. *Counterspeculation, auctions and competitive sealed tenders*. *Journal of Finance*, New York, 16: 09-37, 1961.

Prof. Benaias Aires Filbo – UCG.
Doutor em Sociologia pela École de Hautes Études em
Sciences Sociales – EHESS-Paris.
Email: bairesf@uol.com.br

²⁴ Seu papel é de fundamental importância, enquanto o leiloeiro recebe os lances, é sua responsabilidade apresentar o animal, como uma manequim numa passarela de moda, as suas idas e vindas dentro do recinto é sempre no sentido de enfatizar as melhores características daquele animal e esconder, por ventura alguns problemas do mesmo.

²⁵ Bourdieu, Pierre. *Language et pouvoir symbolique*, Éditions Fayard/Seuil, Paris, 2001 pp.

O PAR PERFEITO: FOSBOVI REPRODUÇÃO E FOSBOVINHO



Fosbovi Reprodução e Fosbovinho: o par perfeito
para aumentar os índices de fertilidade e desmamar
bezerros mais pesados.

www.tortuga.com.br

TORTUGA
SEMPRE PRESENTE

GENÉTICA A SERVIÇO DA



fotos: L. Adolfo

Investimento no estudo do genoma funcional bovino pode encurtar o tempo no melhoramento das raças. Com as informações obtidas, os pecuaristas poderão ter acesso a tecnologias que vão auxiliar desde a precocidade reprodutiva à resistência aos parasitos

Renata Thomazini

Já pensou se você pudesse abrir um negócio onde cada desafio estivesse marcado em um mapa, possibilitando a descoberta de soluções práticas e menos dispendiosas para seu crescimento no mercado? Mamão com açúcar, não é? Trilhar um caminho, que, mesmo desconhecido, indica cada curva na estrada e ainda lhe dá opção de retorno seguro... Pois é exatamente para possibilitar esses mecanismos que está sendo coordenado e desenvolvido o estudo sobre o genoma funcional do gado nelore, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e pela Central Bela Vista Genética Bovina. As pesquisas têm pouco mais de um ano e contam com o envolvimento de pesquisadores das Universidades de Campinas (Unicamp), de São Paulo (USP) e do Estado de São Paulo (Unesp).

O projeto começou a ganhar forma em maio de 2003 e é uma iniciativa brasileira inédita na área, em

nível mundial. A intenção dos pesquisadores é desenvolver a sequência genética e análise funcional de determinados itens que interessam ao pecuarista para aumentar a lucratividade e diminuir custos na produção do rebanho. “As palavras-chaves para que o produtor obtenha sucesso em seu empreendimento são: padronização, qualidade e frequência. “É atrás disso que estamos ao apoiar esses estudos. Se conseguirmos definir parâmetros para direcionar os investimentos, o produtor brasileiro gastará menos para obter animais com ganho de peso maior e em menor tempo”, explica o pecuarista e diretor da ABCZ Jovelino Mineiro, proprietário da Central Bela Vista, que apóia as pesquisas desde o início.

A raça nelore foi escolhida para dar a largada nessa corrida em busca do “mapa da mina” porque é a que predomina no país em criatórios voltados ao abate bovino. Esse caminho começará a ser mar-

cado a partir do momento em que forem descobertos os genes que serão utilizados como ponto de partida para o desenvolvimento de produtos e tecnologias que visem a aumentar a produção bovina. Também é objetivo dos pesquisadores melhorar a qualidade da carne, tornando-a ainda mais apreciada pelo paladar do consumidor. A eficiência reprodutiva do rebanho é um dos principais enfoques do projeto.

Como é feito?

Para desvendar as artimanhas dos genes animais os pesquisadores formam verdadeiras bibliotecas com clones dessas células. São utilizados tecidos bovinos da hipófise e do hipotálamo, sistemas reprodutivo, imunológico e digestivo. Também são armazenados dados de tecidos musculares adiposos para a produção de 100 mil seqüências expressas (ESTs). O pesquisador Luís Artur Loyola Chadulo, que coordena a parte de projetos de qualidade da carne do Genoma Funcional do Boi, analisa que o fato desse estudo estar limitado a pontos de interesse específico dará mais agilidade à obtenção dos resultados. "Trabalhamos com cerca de 3% das informações dos genes de interesse. A estimativa é de que em pouco mais de dois anos tenhamos concluído grande parte do trabalho", conta. Luís Artur explica que essa nova fase do projeto é como o início de um novo. "Depois da fase de seqüenciamento, percebemos que várias características são semelhantes entre taurinos e zebuínos. Agora direcionamos os estudos para o momento de crescimento e produção dos bovinos", ressalta. O pesquisador fala sobre algumas aplicações práticas do estudo para um futuro bem próximo. "A forma mais rápida seria a manipulação gênica. Características de interesse, como resistência a doenças e ganho de peso mais rápido e uniforme, poderiam ser utilizadas transportando-se esses genes para criação de animais melhores". Luís Artur lembra que esse não é o mesmo processo utilizado na transgênese, que utiliza a transferência de genes de interesse entre espécies diferentes. "No caso do bovino, seriam utilizados animais da mesma espécie e raça que apresentassem desenvolvimento satisfatório. É apenas uma forma de acelerar o melhoramento genético que hoje é feito por meio da seleção e acasalamento de animais elite", conclui.

Toda essa parafernália de informações tem como objetivo identificar genes que desempenham funções específicas. "Queremos desenvolver o caminho para novas biotecnologias. Uma das principais características do Genoma Funcional do Boi é criar um ambiente propício para a transformação do conhecimento científico em novos negócios", ana-

lisa Luís Roberto Furlan, coordenador geral do projeto. Com a conclusão dos experimentos, propostas de pesquisa com interesse científico serão avaliadas nas linhas regulares de fomento da Fapesp e os projetos tecnológicos serão apreciados no âmbito do Programa Parceria para Inovação Tecnológica (PITE). Luís Roberto conta que vários estudos têm sido desenvolvidos em prol do conhecimento para municiar o produtor de forma a torná-lo ainda mais competitivo dentro do mercado. "Estamos realizando uma espécie de 'desafio' entre animais das raças nelore e angus. Colocaremos exemplares com aproximadamente três meses de idade em contato com carrapatos. Eles são animais que nunca foram infestados por parasitos desde o nascimento. Com isso, nós queremos analisar quais os genes estão em plena atividade durante a infestação", disse. O pesquisador ressalta o fato de o nelore ser resistente a parasitos e o angus ser sensível e lembra que esse tipo de estudo dá parâmetros aos pesquisadores e viabiliza a produção de anticorpos ou mesmo de vacinas contra várias doenças e infestações. "Estamos realizando estudos como esse também em relação à qualidade da carne, eficiência reprodutiva de machos e fêmeas, assim como várias doenças comuns em bovinos", explica.

Nessa corrida pelo desenvolvimento da pecuária brasileira e seus métodos de produção, como não poderia deixar de ser, existem pedras no caminho que são retiradas com garra e determinação pelos técnicos e pecuaristas. Nos EUA, espelha-se que já foram investidos US\$ 50 milhões no seqüenciamento do genoma bovino, em relação ao *bos taurus* (europeu). Mas o Brasil coloca de vez os dois pés nessa estrada, mesmo gastando menos. Até agora a estimativa permanece em torno de US\$ 1 milhão, divididos entre a Fapesp e a Central Bela Vista. A primeira fase, concluída em 2003, teve participação da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) e absorveu investimento de R\$ 3 milhões. Luiz Lehmann Coutinho, professor da Esalq e coordenador da primeira fase do

Abaixo:
Furlan, que coordena o projeto Genoma do Boi





Acima e na pág. seguinte: exemplares da raça nelore, zebuino que terá gene seqüenciado

projeto, lembra a necessidade de maior investimento nesse tipo de estudo porque o Brasil corre grande risco de perder a liderança para países como EUA e Japão. “O grande potencial do Brasil no agronegócio é indiscutível. Mas não podemos apenas liderar a produção de carnes. Temos que deter conhecimento em genética ou estaremos correndo o risco de produzir para os países desenvolvidos e ainda pagar royalties, como no caso da soja”, alerta.

Trilha da genética

Aos poucos, o homem descobre que os mecanismos mais eficientes para seu desenvolvimento e de sua própria economia estão mais próximos do que imagina. Os mapas de inúmeros caminhos produtivos estão à disposição, na natureza. Basta aprender a ler o que está escrito neles. Filósofos gregos, há mais de dois mil anos, já queriam encontrar uma explicação para a herança biológica, a hereditariedade dos caracteres. Mas, apenas a partir do início do século 20 o mecanismo pelo qual se dá a transmissão de características de pais para filhos

pôde ser compreendido.

“Quebrando a cabeça” para encontrar as repostas para a herança genética, vários cientistas foram criticados e outros tiveram suas hipóteses aceitas até que alguém descobrisse um novo dado que as derubasse por terra. A noção de que os caracteres hereditários são transmitidos aos filhos através do sangue existe desde a Antiguidade e estende-se até o século 19. Daí provêm expressões que usamos até hoje, como casamento consanguíneo, para indicarmos a união entre pessoas da mesma família; ou cavalo puro-sangue, quando nos referimos a um cavalo de raça.

O monge austríaco Gregor Mendel, no século 19, concluiu que cada característica era determinada por um par de fatores hereditários. Mas seus trabalhos não tiveram o reconhecimento merecido e, apenas cerca de 35 anos depois, já no início do século 20, as idéias de Mendel foram redescobertas, lançando as bases da Genética. Somente em 1900, depois da morte de Mendel, três outros cientistas, Correns, Tshermak e De Vries, de forma independente, confirmaram através de experimentos os resultados e as conclusões de Mendel. Os fatores hereditários idealizados por Mendel foram localizados nos cromossomos de todas as células. A teoria cromossômica da herança, segundo a qual os fatores hereditários, denominados genes, se distribuíam ao longo do comprimento dos cromossomos deu a partida para a localização de muitos genes, mapeados e estudados através das análises de cruzamentos experimentais. Era o surgimento da Genética moderna.

Dando um salto na história, chegamos ao Projeto Genoma Humano, um arrojado programa estabelecido pelo governo norte-americano destinado a mapear os genes dos 23 pares de cromossomos que compõem o cariótipo humano. O grande objetivo da missão é detectar e localizar os genes causadores de doenças para possibilitar a sua prevenção e erradicação. Nesse contexto, o Brasil também aparece com importantes contribuições na era genômica. Nos anos 1990, o projeto genoma EST (Expressed Sequence Tags) do *Schistosoma mansoni* deu a partida. Depois, o genoma da *Xylella fastidiosa*, primeiro genoma de um fitopatógeno seqüenciado no mundo, foi publicado por brasileiros na revista *Nature* em 2000, posicionando a genômica brasileira como destaque no contexto biotecnológico mundial.

O projeto Genoma Funcional do Boi, caminha no sentido de uma evolução, além de científica, econômica para o Brasil. “É um trabalho direcionado. Estudaremos apenas os tecidos de importância econômica”, diz Luís Roberto Furlan, coordenador



fotos: L. Artur

do projeto. A raça referência, a zebuína nelore, não foi escolhida por acaso. Segundo o pesquisador, das mais de 190 milhões de cabeças existentes em território nacional, cerca de 80% têm sangue nelore puro ou cruzado. Como maior exportador mundial de carne bovina in natura, o objetivo do Brasil agora é permanecer na liderança. Os genes identificados nesse projeto serão patenteados e depois disponibilizados para uso em pesquisas para o desenvolvimento de vários itens, como medicamentos, por exemplo.

Apostando na ciência

Diante dos percalços que a pesquisa brasileira sempre teve que enfrentar, o apoio da iniciativa privada, em parceria com a pública, surge como uma luz indicativa de progresso. A Central Bela Vista tem uma história construída com grande foco no apoio à pesquisa científica e ao investimento em tecnologia. A empresa é uma das maiores no ramo de produção de sêmen no país, com 750 mil doses/ano, além da grande produção de embriões. Exemplo do envolvimento com o incentivo à pesquisa é o convênio de cooperação científico-tecnológica com a Universidade Estadual Paulista (Unesp), de Botucatu (SP), com o objetivo de aprimorar as tecnologias de produção do novilho superprecoce e realizar estudos sobre a qualidade da carne bovina.

A USP é outra universidade parceira.

Quanto aos estudos envolvendo o novilho precoce, a empresa tem obtido resultados muito bons. Novilhos abatidos entre 12 e 14 meses chegam a 17 arrobas com gordura de cobertura de carcaça de 3 mm. Um prato cheio para o mercado europeu, que é bastante exigente. "Mantemos uma filosofia com foco no desenvolvimento de mecanismos que possibilitem ao produtor alcançar maior lucratividade com menor investimento", diz Jovelino Mineiro. A empresa atua em parceria com a Alta Genetics do Brasil, companhia presente em cinquenta países e que conta com mais de 300 representantes no território brasileiro.

Abaixo:
Luis Artur, que
aposta na manipu-
lação gênica



ABCZ - novembro/ dezembro • 2004

A idéia de se trabalhar com o estudo do Genoma Funcional do Boi apareceu em decorrência desse relacionamento com as universidades, de acordo com Jovelino. "Estamos falando de um grande negócio para o Brasil. O sucesso comercial depende do conhecimento científico que tivermos nas mãos", sentencia. O pecuarista lembra que quando esses estudos possibilitarem a criação de ferramentas que auxiliem o produtor a desenvolver com mais facilidade seu empreendimento, muitos problemas que a pecuária enfrenta atualmente e atrasam o crescimento do setor serão resolvidos. Entre eles, qualidade da carne aliada à precocidade. "Já estamos ocupando um lugar invejável no mercado internacional. Mas ainda mais difícil do que chegar ao topo é manter essa posição. Por isso, temos que pensar no diferencial de nosso produto, que é o boi criado a pasto, sem risco de doenças como a 'vaca louca', exemplo de qualidade, mas aliando-o ao paladar de nossos consumidores. A raça nelore representa um dos patrimônios mais significativos do Brasil. Uma vez superadas algumas de suas limitações, o Brasil vai se estabelecer no topo do negócio carne", aposta Jovelino Mineiro. 

Curiosidades sobre o uso da genética:

- Possibilidade de melhoramento genético de animais de importância econômica, como o gado bovino, levando-o a produzir maiores quantidades de leite ou de carne, através do enxerto de genes específicos.
- Plantas inseticidas - pesquisadores isolaram um gene de uma bactéria (*Bacillus thuringiensis*), responsável pela produção de uma proteína tóxica para lagartas de lepidópteros (borboletas e mariposas). A partir da cultura de células, obtêm-se plantas inteiras, que contêm o gene para a produção de inseticida. Ação semelhante poderia auxiliar a pecuária criando animais resistentes às doenças.
- A Geneterapia seria capaz de substituir ou adicionar no indivíduo uma cópia correta do alelo (uma das formas do gene) responsável por certas doenças genéticas. Teoricamente, o indivíduo não mais apresentaria o problema.



www.vitrogen.com.br - info@vitrogen.com.br



VITROGEN

Quando pensar em FIV. Pense Vitrogen.

Com as mãos,

nossos veterinários fazem a aspiração,

nossos técnicos selecionam os oócitos,

nossos biólogos e veterinários descongelam o sêmen e fazem a FIV.

Com as mãos,

outros profissionais transferem esses embriões,

muitos trabalhadores alimentam essas prenhez.

É que uma única mão arremata o lote num grande leilão.



Vitrogen. Mãos que conduzem as maiores conquistas da reprodução bovina brasileira.

CENTRAL ADMINISTRATIVA • Cravinhos (SP) 16. 3951 36 36
LABORATÓRIOS BRASIL • Cravinhos (SP) F. 16. 651 42 66 • Lins (SP) F. 14. 3532 54 24 • Presidente Prudente (SP) F. 18. 232 19 99
Campo Grande (MS) F. 67. 384 28 85 • Goiânia (GO) F. 62. 229 27 58 • Uberaba (MG) F. 34 3314 92 88
LABORATÓRIO COLÔMBIA • Monteria - Colômbia (CO) - F. 57.4785 39 05 / 785 39 06 (correo@vitrogenco.com)
CENTRAIS VITROGEN • Cravinhos - (SP) - F./Fax: 16. 3951 7175 • Lins - (SP) - F. 14 3533 23 66 • Presidente Prudente - (SP) - F. 18 223 39 81
Sorocaba - (SP) - F. 14 3234 38 80 • Uberaba - (MG) - F. 34 3314 33 55 • Rio Verde - (GO) - F. 64 613 92 65/613 36 38

A Riqueza das Nações XII

Trabalho (I)

Neste, e nos próximos artigos, eu quero abordar algumas questões relativas a "Trabalho", que acredito deviam ser analisadas com muita atenção, já que envolvem uma boa parcela de risco ao empregador, e proteção insuficiente aos empregados.

Nossa classe é freqüentemente vilipendiada. Somos o "saco de pancada" da Nação: o ex-presidente Figueiredo definiu pecuaristas como "gigolôs de vaca"; o bispo Tomás Balduino exorciza o "agronegócio" como se fosse o demônio; convenientemente, a esquerda não distingue mais "produtivo" de "improdutivo". Agora somos todos... latifundiários. Sustentamos o país (40% do PIB vem do "agronegócio"), e somos tratados como meliantes.

Aliás, é interessante constatar como se pratica isonomia neste país. Nenhuma indústria, loja, banco ou prestador de serviços precisa comprovar "produtividade" e cumprimento de "função social". Nós sim. E, pária entre párias, são os pecuaristas, que anualmente têm de comprovar na declaração de ITR (DIAC-DIAT) sua produtividade. Os agricultores ao menos só têm de fazer isto quando de recadastramentos.

Não bastassem os demais preconceitos de que somos vítimas contumazes, agora surge um novo filão: trabalho escravo (trabalho análogo à escravidão). Falta bom senso aos fiscais do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), assim como falta decência e profissionalismo a muitos fazendeiros, que consideram seus funcionários como bestas de trabalho, e, como tal, não merecedores de um mínimo

de dignidade.

Assistimos fiscais do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), autuando fazendeiros como escravocratas, quando em boa parte das ocorrências, o que se verifica é apenas alguma infração de cunho trabalhista e/ou previdenciário. Infrações que justificam notificação ou até multa, mas não prisão – como aconteceu em julho com um fazendeiro exemplar que, por falta de sorte, tinha dois funcionários ainda sem registro em Carteira (CTPS), quando a fazenda foi fiscalizada. Ocorre que a fazenda em questão é modelo em relações de trabalho. A infração foi o fato de não se haver registrado formalmente os empregados antes do início da jornada de trabalho. A documentação, segundo soube, estava pronta, e eles iriam formalizar a relação

de trabalho ao final do dia. O fato de este fazendeiro ter sido preso em função disso – quando merecia apenas notificação ou multa – deixa claro como os ânimos estão acirra-

dos, e como, mais uma vez, nós somos os eternos vilões.

Alguns donos de confecção no bairro da Liberdade (o nome é até irônico), na cidade de São Paulo – aquelas "mini-indústrias" onde imigrantes ilegais trabalham 12 horas por dia, em péssimas condições de trabalho, e sem qualquer direito trabalhista, previdenciário ou infortunistico – passou por constrangimento semelhante?

Um dos motivos pelos quais estes absurdos ocorrem, é que a legislação pertinente foi constituída sob a ótica urbana, e não rural. Neste caso, percebe-se falta de trei-

"Um dos motivos pelos quais estes absurdos ocorrem, é que a legislação pertinente foi constituída sob a ótica urbana, e não rural"

"Boa parte do nosso infortúnio, é derivado de nossa falta de ação efetiva"



Carlos Arthur Ortenblad é economista e titular da Fazenda Água Milagrosa, Tabapuã, SP

namento da fiscalização (o que não é culpa dos fiscais, a meu ver, e sim do MTE). Querem um exemplo? Dêem uma lida na legislação pertinente a CIPA-TR (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes - Trabalhador Rural). Fica claro que foi redigida para condições de trabalho em cidades - mas não no campo - havendo adaptações, que nada mais são que remendos. E maus remendos.

A ausência de uma verdadeira legislação específica, leva a fiscalização entender como infração, encontrar trabalhadores rurais fazendo refeição sob a sombra de uma árvore, por exemplo. Querem que tal seja feito em refeitório. O importante (e legalmente exigido), no caso, não é o refeitório - absolutamente inviável na enorme maioria das propriedades rurais - e sim, se as condições de higiene estejam sendo cumpridas (possibilidade de lavar as mãos, marmitas térmicas, galocha com água potável, ambiente salubre, etc.). No caso em tela, o que aqui é considerado como "crime", em países de primeiro mundo é tratado como privilégio: almoçar respirando o ar puro do Central Park, do Hyde Park, ou do Bois de Boulogne - respectivamente em Nova York, Londres e Paris.

Mas, sejamos justos. Boa parte do nosso infortúnio, é derivado de nossa falta de ação efe-

"A ausência de uma verdadeira legislação específica, leva a fiscalização entender como infração, encontrar trabalhadores rurais fazendo refeição sob a sombra de uma árvore, por exemplo"

"Peço que se repense algumas condições de trabalho ainda largamente utilizadas no Brasil, urbano e rural"

tiva, para que fique clara a distinção entre o que é "trabalho escravo" e uma simples infração à legislação do trabalho. E também, façamos um "mea culpa" pela suicida e indecente complacência que temos com "colegas" que realmente praticam atos análogos à escravatura, sendo o mais comum deles o sistema de "vales", e aquisição forçada de bens em "vendinha" do

fazendeiro. O trabalhador rural fica parecendo mutuário da "casa própria". Quanto mais paga, mais deve.

Esta classe de "fazendeiros" deveria ser extirpada de nosso meio. Eles não têm redenção como seres humanos, nem como empresários. Eles não são nossos companheiros, e sim a maçã podre que contamina todas as outras. Leia-se: o nosso bom nome. Como lembrete final: quando este artigo foi escrito, já havia sido aprovada a lei que prevê expropriação (desapropriação sem qualquer pagamento) de fazendas onde seja encontrado "trabalho escravo". Se não por espírito cristão, ao menos por interesse, só peço que se repense algumas condições de trabalho ainda largamente utilizadas no Brasil, urbano e rural.

No próximo artigo, pretendo abordar alguns temas relevantes sobre "higiene e segurança no trabalho", e da legislação competente.

SÊMEN NELORE

RAROS e PRINCIPAIS RAÇADORES

Quando precisar de sêmen de qualidade lembre
S.N. Comércio de Sêmen

Trabalhamos com sêmens das principais centrais do Brasil

Preços especiais para criadores, em até 6 vezes

Al. dos Araçás, 401 Thermas Park Olímpia SP

Tel.: (17) 3279.9030 / (17) 9605.6623

www.semennobre.com.br

S.N.
Comércio de Sêmen



Por dentro dos softwares de gerenciamento

Utilizar os recursos tecnológicos para armazenar e controlar as informações do rebanho tornou-se uma prática comum em muitas propriedades rurais de todo o Brasil. Na área de gerenciamento de gado, um dos softwares mais utilizados pelo pecuarista para organizar e direcionar o trabalho de seleção das raças zebuínas é o PROCAN+. De fácil manipulação, o programa contém todos os procedimentos rotineiros e obrigatórios do Serviço de Registro Genealógico de Zebuínos, além de oferecer vários relatórios gerenciais que facilitam a tomada de decisões no dia-a-dia da empresa rural.

A velocidade com que a informática avança acaba

exigindo uma reciclagem constante de quem opera um programa de computador. Como o PROCAN+ é utilizado por criadores de várias regiões, a ABCZ está realizando cursos sobre o sistema em várias localidades. "A iniciativa nasceu das necessidades apresentadas pelos usuários em conhecerem melhor a operação do software, tirando mais proveito dos relatórios gerenciais", explica a gerente do Departamento de Suporte à Informática, Sandra Barbosa. O primeiro curso foi na cidade de São José do Rio Preto (SP), entre os dias 18 e 19 de setembro. A maioria dos participantes considerou o evento bastante esclarecedor em relação às dúvidas, com aulas, conteúdo e material didático adequados.

Abaixo: usuário do PROCAN+ recebe orientação



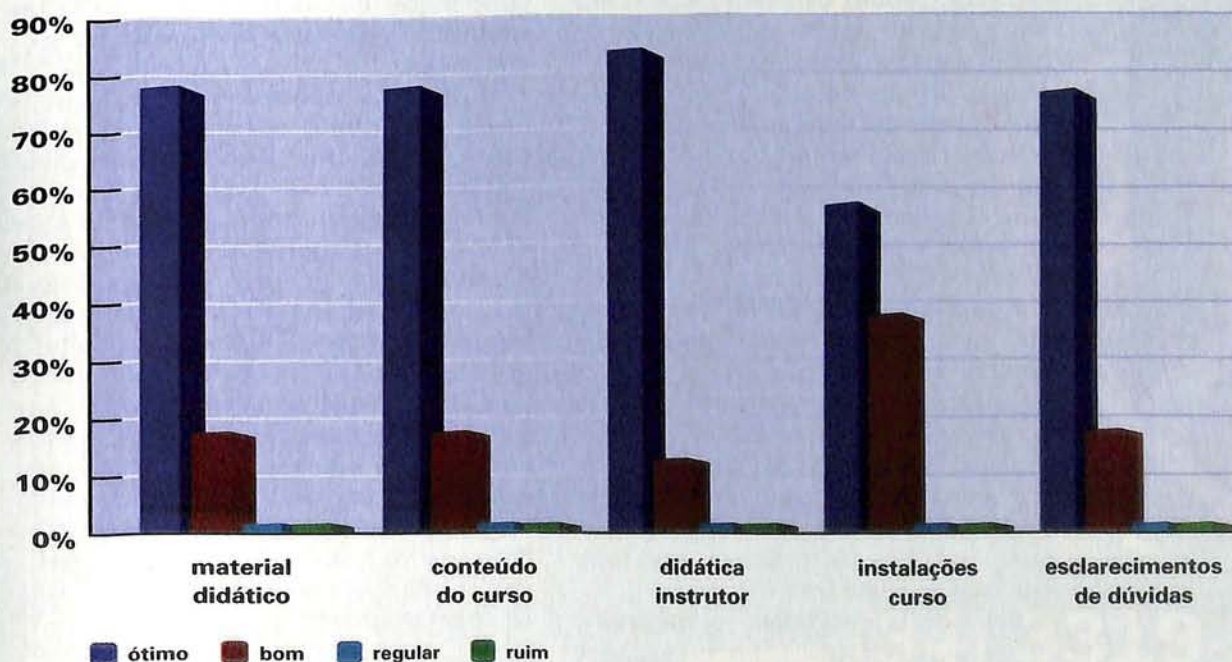
Campo Grande (MS) sediou também uma edição do Curso do PROCAN+. Dezenas de visitantes da 1ª Expoinel MS, realizada no Parque de Exposições Laucídio Coelho, puderam participar das aulas sobre o sistema durante os dias 20 e 21 de novembro. Cerca de 60 pessoas aprenderam como utilizar o software e tirar as dúvidas mais frequentes. No sistema, o criador encontra o programa de melhoramento genético, baseado em modernas informações técnicas. Em Ji-Paraná (RO), o evento aconteceu de 11 a 12 de dezembro no Hotel Transcontinental com a participação prevista de 60 pessoas. A ABCZ também está programando uma edição para a cidade de Cuiabá (MT), que deve ser realizada no primeiro semestre de 2005.

Outro curso voltado para o criador que a ABCZ está realizando por todo o país é sobre escrituração zootécnica. O primeiro aconteceu em Bauru (SP) no início de novembro e contou com quase 30 participantes. Duas semanas depois, a entidade teve de realizar mais uma versão do curso para atender a demanda. O público pôde aprender diversos procedimentos burocráticos do dia-a-dia da fazenda, como, por exemplo, o preenchimento correto de um comunicado de cobertura, de nascimento, Fecundação *in vitro* ou venda de embriões. O criador pode obter informações sobre novas edições dos cursos de PROCAN+ e Escrituração Zootécnica no site da ABCZ (www.abcz.org.br).

Decifrando o PROCAN+

- Comunicação eletrônica de dados (via disquete ou internet) de nascimento, cobertura e morte;
- Tabelas de parametrização do sistema oriundas do PMGZ, Programa de Melhoramento Genético, tornando possível a compatibilidade de dados com a ABCZ;
- Controle individual dos produtos já existentes na fazenda, bem como sua genealogia (ativos e inativos);
- Relatórios administrativos que possibilitam a gerência das informações e tomada de decisão, fornecendo ao criador uma visão geral ou específica, global ou parcial do rebanho;
- Controle de morte e descartes;
- Compras e vendas de produtos e ficha para acompanhamento dessas movimentações de forma completa e resumida;
- Controle total da produção leiteira, com índices para ajustes e fatores de correção para secagem, e planilhas para utilização em campo para preenchimento dos dados e relatório demonstrativo das melhores produções;
- Módulo de vacinação com controle para inclusão de medicamentos, planilha com os animais a serem vacinados e animais já vacinados;
- Controle de premiações dos animais em exposição;
- Escrituração Zootécnica (CDC, CDN, ADT, CDM).

Curso Sistema PROCAN+*



* Avaliação do curso realizado em São José do Rio Preto (SP) pelos participantes.

Ô trem doido!



Ilustração: Isao

A fazenda do Dr. Amilcar, lá pelos lados de Amparo (SP), estava se tornando um pesadelo. O nosso amigo, como todo médico, sempre sonhou em ter sua terra, onde pudesse descansar e, de quebra, criar suas vaquinhas. Acreditava que no interior tudo era mais fácil e sonhava ter um lugar calmo, de clima bom, para passar suas férias. Sol, ar puro, leite fresco, uma boa rede, e namorar suas vaquinhas jersey, tão simpáticas e delicadas. Longe do consultório estressante, do hospital neurotizante, do trânsito infernal e da violência das ruas de São Paulo. Botina de pelica macia, calça velha e folgada, camisa larga e chapéu de palha. Sem lenço e sem documentos, sem relógio e sem horário. Queria flores, mato, cheiro da terra molhada, bichos e sossego. Dormir ouvindo grilos, e acordar com o desafinado galo cantando. Café forte, leite gordo, pão de queijo e broa de fubá. Até a marocas deixava de lado a brabeza e ficava mansinha.

Nunca conseguia, porém, um administrador que tomasse conta de suas terras. Começavam a trabalhar e logo abandonavam o emprego por maiores salários. Ao invés de descansar estava se aborrecendo. Até que um dia um amigo recomendou-lhe um casal lá de Bambuí (MG). Um caboclo atrasado, caipira, e que nunca mudaria de emprego, pois não saberia nem voltar para casa.

E foi de lá que trouxe o Fulgêncio,

banguelo e descalço, uma mulher magrela de peitos murchos e uma cambada de barrigudinhos. O bicho era caipira mesmo. Não conhecia chuveiro elétrico, papel higiênico e nem trem de ferro. Gostava era de cigarro de palha, pescar lambari e “quentar sol”, mas nunca deixaria o emprego. Julgava-se protegido ali no sítio.

Dr. Amilcar, no primeiro dia, avisou-lhe, mostrando a linha férrea que cruzava o sítio: “cuidado seu Fulgêncio, o trem passa às quatro horas. Não deixe o gado na linha, pois é perigoso um bezerro ser atropelado”. Recebeu como resposta um sinsinhô e um olhar inteligente de galinha choca.

Quinze dias depois, voltou ao sítio, e foi logo indagando ao Fulgêncio das novidades. “Uai doutor, tudo bem. Já capinei a horta de cove, rumei o ladrão do açude qui tava disbarrancando, prantei as rama de mandioca, capei os porquinho, e pus duas tô fraco prá chocar. A tar da bomba tá azangada e num bombéia. Trás antonte o trem trombou cos bezerro e machucô um par deles. Mas o senhor é um home de sorte dotor. O bichão chegô atrasado, carculei que ele num vinha mais. A sorte é qui ele num saiu daquela istrada impedregulhada, e passô reto, fumaceando, bufano e assobiano. Se ele resolve passá de través, ou desse uma vorta, varria o gado tudinho. Ia ser uma disgrama danada. Trem doido sô!”.



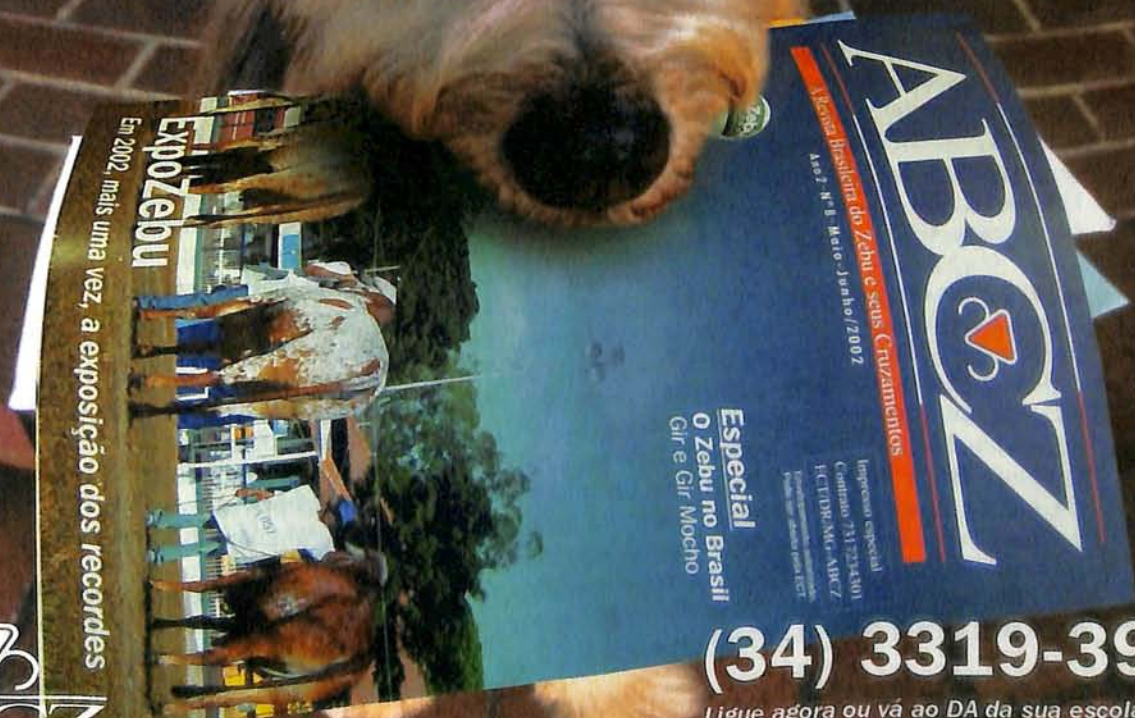
Hugo Prata é engenheiro-agrônomo e professor universitário

Você, que não é associado da ABCZ, já pode assinar e receber em casa a maior revista brasileira do zebu e seus cruzamentos. A melhor amiga do criador por apenas **R\$ 45,00*.**

A melhor amiga do criador por apenas **R\$ 45,00***.

Valor equivalente a anuidade da assinatura.

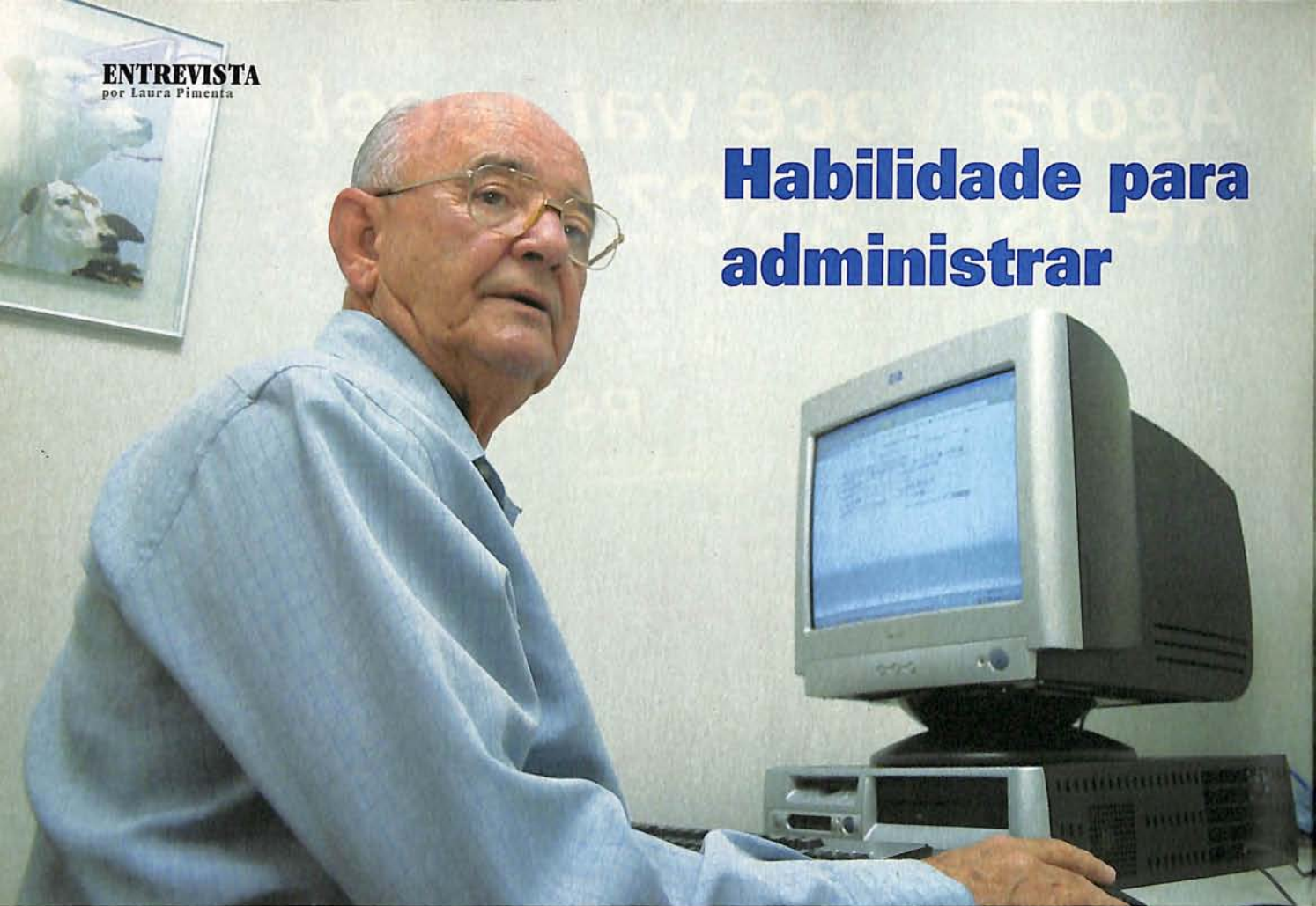
NATIVA



(34) 3319-3983

Ligue agora ou vá ao DA da sua escola e garanta a sua assinatura.





Habilidade para administrar

Acima e na pág. seguinte: o diretor Aprígio Lopes Xavier

É com uma boa dose de simplicidade, e outras tantas de esforço, dedicação e constante busca por conhecimento, que a vida do contador, economista, advogado, empresário e criador, Aprígio Lopes Xavier, passou a ser marcada pelo sucesso. Casado com Maria Helena Mendes Ferraz Xavier e pai de Adilson, Alex e Átila, aos 75 anos, o fluminense da cidade de Guapimirim, assume pela quarta vez um cargo na diretoria da maior entidade pecuária do mundo. É sobre sua vida, a dedicação à pecuária e ao trabalho que será desenvolvido nesta nova gestão nas diretorias de Informática e Financeira, que o Sr. Aprígio, como o conhecemos, fala à revista ABCZ.

ABCZ: Quando começou a sua ligação com o campo?

Aprígio Lopes Xavier: Nasci e me criei em cidade do interior, onde meu pai tinha um armazém de "Secos e Molhados". Naquela época possuíamos umas três vacas de leite para consumo da família e uma tropa de animais de serviço para transportes diversos. Tive uma infância de andar descalço, tomar banho de rio, montar em pêlo no meu cavalo Tarzan, ver meu pai tirar leite das vacas, andar de carroça transportando mercadorias, despachar freguês no balcão, entregar compra nas casas dos fregueses, engarrafar vinho e cachaça, salgar carne de porco, e

de ver a forma irrepreensível como meu grande e saudoso pai lidava igualmente com pessoas de todos os níveis. Assim, vinculei-me à terra de forma definitiva, formei minha personalidade e fui traçando minha filosofia de vida, que prego e pratico até hoje.

Aos 13 anos, como não havia escola na minha cidade, fui morar com meus tios em Petrópolis, onde fiz o Curso Ginásial e Contabilidade. Posteriormente, fui para o Rio de Janeiro morar sozinho, trabalhar de dia e estudar à noite. Formado em Economia, casei-me e vieram quatro filhos. Dezessete anos após essa minha formatura voltei à faculdade para cursar Direito onde fui contemporâneo de meu filho mais velho.

Em 1974, já com uma situação financeira razoável, surgiu a oportunidade de comprar uma fazenda. Por uma dessas coincidências que humanamente não se tem explicação, após visitar durante sete meses dezenas de propriedades, comprei a primeira delas que estava à venda. Eu não sabia, mas vim a saber, após a compra, que a fazenda fora de meu avô e meu pai havia nascido dentro dela.

ABCZ: E a criação de zebu quando começou?

ALX: Comecei a preparar a propriedade com limpeza, reforma e formação de pastagens, quando

num certo dia recebi a visita de um amigo que trazia consigo um amigo dele, de nome Carlos Moreira Sobrinho. Carlos Moreira era um profundo conhecedor do zebu e fez parte da primeira Comissão de Registro da ABCZ no Estado do Rio de Janeiro. Carlos Moreira era genro do leiloeiro Paulo Afonso, que por cerca de vinte anos selecionou e se tornou um dos grandes criadores de nelore no Rio e identificava seu gado com o sufixo "PA". Quando do falecimento de Paulo Afonso, as fazendas foram divididas pelos herdeiros, ficando Carlos Moreira com a criação de nelore. Posteriormente, a propriedade foi vendida para um novo criador que, querendo formar uma fazenda com gado de leite, ia se desfazer do plantel de nelore. Com a interferência e assistência de Carlos Moreira, adquirei cerca de 100 fêmeas da raça.

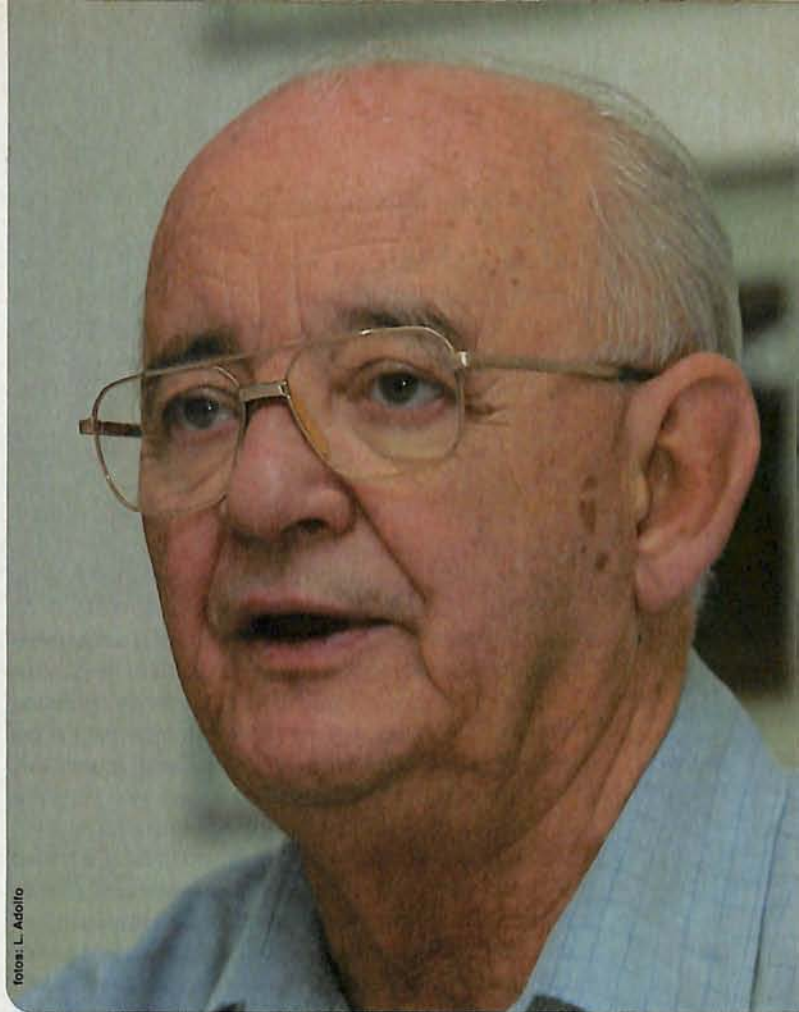
ABCZ: Como foi formado seu plantel?

ALX: Anos após, fiz uma associação com Henry Cherman, outro grande conhecedor de nelore que administrava o plantel de seu pai Félix Cherman, sufixo "FC". Unificamos nossos plantéis na minha fazenda e trabalhamos juntos uns sete anos, quando necessitando ajudar seu pai em outra atividade, por sua vontade e iniciativa, desfizemos a sociedade dividindo os animais. Eu fiquei com todas as fêmeas. Neste período convivemos com Lucien Castier, o maior expert de pedigree que conheço, criador com seus irmãos, em Miranda (MS), do plantel "de Lorena" de quem adquirei um grande número de animais de sua aprimorada seleção. Por final, meu plantel foi acrescido dos animais "Cormac" que comprei do grande criador e meu particular amigo Vilemondes Garcia, o Bill.

Em todas essas fases foi de fundamental importância a participação de Carlos Moreira e Henry Cherman. Também foi essencial a permanente utilização de sêmen dos principais reprodutores disponíveis no mercado para a busca de habilidade materna, fertilidade e precocidade.

ABCZ: Além de criar gado, o senhor também cria cavalos mangalarga marchador. Como surgiu esse interesse por cavalos?

ALX: No armazém de meu pai, vendia-se inclusive arreios e aviamentos gerais para montaria. Havia um mascate da Pavuna, subúrbio do Rio de Janeiro, chamado "seu Luiz" que, além de possuir uma loja naquela localidade, anualmente saía com uma tropa de burros vendendo utensílios para montaria (arreios, barrigueiras, peitorais, rebichos, estribos, cabeçadas e rédeas). Todas as vezes ele se hospedava durante uma semana no rancho de frente à loja de meu pai. Durante essa semana eu habitualmente



montava nos arreios e passava longas horas conversando com ele. Normalmente, ao final, meu pai comprava o saldo de suas mercadorias.

Eu devia ter sete anos quando seu Luiz trouxe consigo um potro de uns doze meses que havia recebido como parte de pagamento de mercadorias vendidas no seu trajeto. Ele então propôs, e meu pai aceitou, trocar aquele potro por uma mula cega de nome Estrela, que, embora cega, era de grande serventia para trabalho. Meu pai fez o negócio e me deu de presente o potro ao qual dei o nome de Tarzan. Criei esse animal, que foi a minha montaria e a dos meus irmãos, até a sua morte. Era o melhor marchador do lugar. Todos o admiravam. Foi o presente de minha mais remota e importante recordação.

Quando comprei minha fazenda, adquirei umas éguas comuns e um reprodutor mangalarga marchador para produção de meus animais de lida com o gado. Usei esse cavalo por algum tempo e depois precisando substituí-lo fui apresentado ao técnico do Registro do Mangalarga Marchador no Rio de Janeiro, veterinário e professor na Faculdade de Veterinária, José Jaline de Azevedo, o maior especialista em equinos que conheço. Jaline me induziu a registrar, no então Livro Aberto, cinco das minhas dez éguas, e orientou-me que usasse para as coberturas dessas éguas os reprodutores de amigos seus, que depois também se tornaram meus amigos, den-

fotos: L. Adolfo

tre os quais: Homero Barreto, Maria Irene e Nelson Porto.

Fiz grandes amigos também aficionados ao mangalarga marchador, vindo a ser eleito Diretor da ABCCMM (Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Mangalarga Marchador), estando no meu segundo mandato.

ABCZ: *O senhor faz parte da administração do grupo supermecadista Sendas. Essa experiência administrativa ajuda no trabalho que desenvolve na maior associação pecuária do mundo?*

ALX: Sem dúvida. A ABCZ é uma mega empresa de prestígio internacional. Os princípios básicos da administração são aplicáveis em todas as pessoas jurídicas e até na vida particular de todos os cidadãos. Planejar – Organizar – Prover – Executar (Motivar) – Controlar. Em toda a minha vida e em tudo o que fiz envolvi essas regras fundamentais da administração.

ABCZ: *Nesta nova gestão do presidente Orestes, o senhor atua nas diretorias de Informática e Financeira. Já existem projetos para serem desenvolvidos nessas áreas?*

ALX: A área financeira da ABCZ conta com executivos capazes e eficientes, não demandando maiores cuidados. Quanto ao setor de Informática, onde participo junto com o Rafael Mendes, acompanho bem de perto desde 1992 conhecendo bem as pessoas e os sistemas básicos. Vamos ter oportunidade de concluir a última fase do projeto iniciado em 1992, que consiste em criar meios e formas para que as comunicações dos criadores (coberturas, transferências de embriões, nascimentos, mortes, transferências de animais) sejam todas imputadas diretamente pelos criadores por via eletrônica. Iniciado pela gestão anterior, pretendemos priorizar o sistema de informatização dos trabalhos dos técnicos nas fazendas dos criadores com equipamentos especiais, muitos já adquiridos e funcionando, para facilitar e acelerar a transmissão das ocorrências (controle, registro, etc.) executadas no campo.

Nós pretendemos que os dados sejam inseridos na ABCZ por via eletrônica. Queremos acabar com o papel. Nosso trabalho todo vai ser em cima da motivação do criador, criando vantagens para que ele se comunique por via eletrônica. Se conseguirmos isso, nós estaremos melhorando nosso tempo de devolução do documento, estaremos evitando ao máximo erros de retransmissão ou cópia de dados e facilitando nossos trabalhos internos para que os funcionários estejam disponíveis para outros trabalhos. A expectativa é que essa informatização seja realizada ainda neste primeiro ano de gestão do presidente Orestes.

ABCZ: *Esse trabalho de informatização das atividades da ABCZ exigirá que o criador se adapte a essa nova realidade. Como será feito esse trabalho junto ao pecuarista?*

ALX: Estaremos editando em janeiro uma cartilha explicativa de utilização do Procan + e também sobre o SigenNet. Depois da edição dessa cartilha, estaremos realizando um curso para os técnicos da entidade, para prepará-los ainda mais para serem disseminadores destas informações, para tirarem todas as dúvidas dos usuários.

Na medida em que os usuários de determinadas regiões não tiverem condições, por falta de energia elétrica, por telefone, ou por não identificação com a informática, iremos criar núcleos nos estados para que tudo seja realizado via eletrônica.

ABCZ: *Quais foram as principais realizações que o senhor se orgulha de ter participado nas várias gestões que atuou como diretor da ABCZ?*

ALX: Gostaria, inicialmente, que substituísse a palavra “orgulho” por “satisfação”. O orgulho é um termo que não consta do meu dicionário de vida. Em 1992 contribuí para a substituição dos equipamentos de grande porte – Labo 8090 – totalmente ultrapassados e ineficazes, por microcomputadores modernos. Com esta modificação, foi feita a migração de todos os dados dos sistemas antigos para os novos equipamentos e instalou-se o primeiro escritório informatizado, o ETR do Rio de Janeiro, ficando os ETR/BHZ e ETR/CGR com equipamentos prontos para instalação imediata. Também participei do processo que modificou o sistema de pesagem de animais na ExpoZebu e Expoinel. Antigamente a ordem de pesagem era por sorteio de pavilhões. A alteração consistiu em se fazer a pesagem por idade. Anteriormente, de bezerras a animais seniores, eram pesados de 7 horas até 17 horas, o que favorecia os que eram pesados mais tarde em prejuízo dos primeiros a serem pesados. Atualmente os animais que concorrem entre si são pesados num intervalo máximo de 30 minutos.

Abaixo:
Aprígio e Arnaldo
Manuel, em visita
à Índia



Acabou-se com as alegações: meu touro foi pesado às 7 horas e o do Sr. Manoel às 17 horas. A automação e integração das pesagens com o Sijulga (Sistema de julgamento) evita possíveis erros de transcrição visto que os dados são automaticamente imputados. Com isso, a partir do término da pesagem da 1ª Categoria de bezerra, o material para impressão dos catálogos, gargalo para início dos julgamentos, passou a ficar disponível.

A criação e a implantação do SUI (Sistema Único de Identificação) também foi outra importante ação que tenho satisfação de ter participado. Um só Certificado de Registro; uma só identificação; combinação Alfa exclusiva para cada criador. Este trabalho demandou ultrapassarmos inúmeras barreiras de resistências de pessoas que, talvez por desconhecimento do processo, se colocaram contra a implantação.

ABCZ: *O senhor também participa da gestão de outra importante associação de pecuaristas, a Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB). Na sua opinião, quais os principais desafios enfrentados pela classe rural, atualmente?*

ALX: O principal problema é a carência de mais frigoríficos, elo importante na cadeia, mas que hoje, por falta de uma maior concorrência, não permite que a classe produtora do boi pronto para o abate aproveite os benefícios do aumento das exportações. Um outro assunto que demanda estudos e providências é o aumento excessivo de peso, principalmente do nelore.

ABCZ: *Os protocolos sanitários que restringem a importação e exportação de genética zebuína têm dificultado muitas negociações entre o Brasil e os países interessados no zebu. Em 1998, o senhor esteve na Índia juntamente com outros diretores da ABCZ. Conte um pouco dessa sua viagem.*

ALX: Nós fomos em uma comissão de dez pessoas, nove representando a ABCZ e um representante do Ministério da Agricultura. Foi na administração do Rômulo Kardec de Camargos e o nosso objetivo era fazer um intercâmbio Brasil-Índia. Existe um protocolo que favorecerá a assinatura de um convênio que vislumbre a troca de material genético entre os países. Nós fomos ver as instalações na Índia, fazer uma prospecção do material genético, conhecer o gado e tivemos reuniões com representantes de faculdades, de fazendas, do governo, no sentido de viabilizar a assinatura desse convênio. Esse documento já foi assinado e está sendo legalizado pela parte de Defesa Sanitária dos dois países para ultimar detalhes para a importação de embriões e/ou sêmen para o Brasil e levar daqui para lá. Esse



Foto: divulgação

comércio bilateral agora só depende de questões sanitárias. Existe diferença de pensamento de técnicos de países como a Índia, porque há uma preocupação muito grande de importação e exportação de problemas sanitários. É muito burocrático. Mas eu imagino que esses problemas devam ser resolvidos logo, principalmente no caso da Índia.

ABCZ: *Uma grande questão que vem sendo discutida entre os pecuaristas é a exigência da certificação dos animais. A rastreabilidade, é na opinião do senhor, uma boa ação para garantir carne de qualidade do campo às gôndolas do supermercado?*

ALX: Em virtude da deficiência na fiscalização dos abates, a rastreabilidade é uma ferramenta que permitirá um controle gerador de confiança do mercado mundial. Não vejo, entretanto, razão para a medida atingir animais já devidamente identificados pelas associações delegadas do Ministério da Agricultura para a execução do Serviço de Registro Genealógico.

Acima:
Aprígio, José
Olavo, João
Machado e
Rômulo Kardec,
com bezerra
genuinamente
indiano

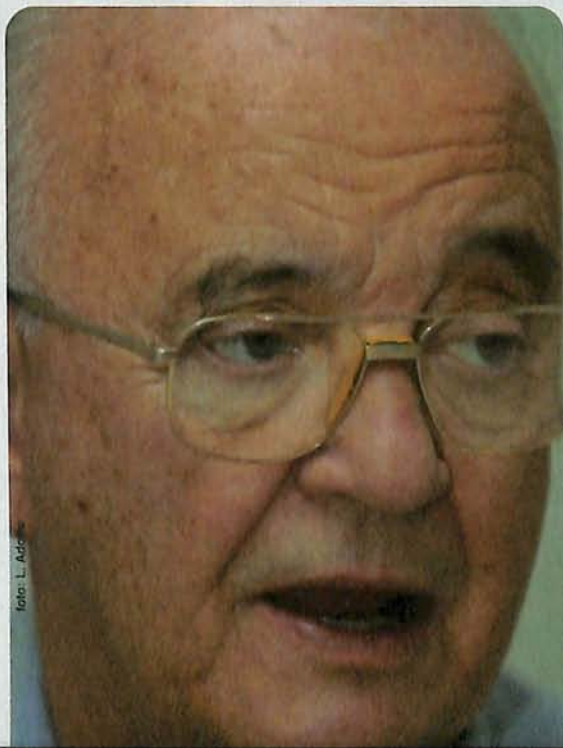


Foto: L. Ades

PRECOCES NO PESO, PRECOCES NAS PREMIAÇÕES.



PUBLICQUE

Hábil

TE da Valônia JAA - 685

Big Ben da SN x Elegância da SMA (Ordenado)

13/07/2002 • 1.020 Kg aos 25 meses

- Res. Campeão Bezerro da Expozebu 2003
- Campeão Touro Jovem Araçatuba 2004
- Campeão Touro Jovem Pres. Prudente 2004
- Campeão Touro Jovem Expoinel 2004

- Res. Campeão Bezerro Santo Antonio da Platina 2003
- Res. Campeão Bezerro Itapetininga 2003
- Campeão Júnior Menor Bauru e Avaré 2003
- Campeão Progênie de Mãe Bauru e Avaré 2003

Sêmen à venda:

ALTAV
Inseminação Artificial
(34)3318.7777



Hackia

TE da Valônia JAA - 856
Dali TE da Quilombo x Dulciana da
Barrat (Berílio)
31/12/2002

- Res. Campeã Novilha Maior Expoinel 2004
- 3º Prêmio Bezerra Rio Preto 2003
- 3º Prêmio Bezerra Bauru 2003
- 2º Prêmio Novilha Menor Londrina 2004
- 2º Prêmio Novilha Menor Pres. Prudente 2004



Illavini

TE da Valônia JAA - 998
Bitelo SS x Halini AJJ TE
(Rapilho da SI)
01/08/2003

- Campeão Júnior Menor Expoinel
- Campeão Bezerra Araçatuba
- Res. Campeão Júnior Menor Pres. Prudente
- Campeão Progenie de Mãe Araçatuba
- Res. Campeão Progenie de Mãe Pres. Prudente
- Res. Campeão Progenie de Mãe Expoinel

FAZENDA
VALÔNIA
NELORE MOCHO
(14)3532.6158/3554.6036
www.fazendavalonia.com.br

Privilegiando as aparências em detrimento do essencial?

O responsável pela coluna interessa-se tanto pelos avanços tecnológicos que tem dedicado sua vida profissional à universidade pública. No entanto, a experiência adquirida não o deixa despreocupar-se dos aumentos de custos, ou dos problemas que as inovações podem trazer, nem das mensagens subliminares – do tipo “pague por isso ou transforme-se em peça de antiquário” – passadas por empresas que lucram muito com a ampla utilização dos novos produtos e serviços correlatos.

O fato é que algumas inovações lembram a propaganda de cartão de crédito que dizia: “precisar não precisa, mas...” quem tiver “este cartão” usufruirá status repleto de indescritíveis sensações. Na pecuária de corte, alguns exemplos disso são: a ultra-sonografia dorso-lombar *in vivo*; os marcadores moleculares e a sequência do genoma visando melhorar a qualidade da carne; a identificação do boi por radiofrequência (RF); os axiomas sobre exigências atribuídas aos consumidores, como aquela do código de barras que possibilitaria uma rápida busca da foto (ou seria videoclipe?) do boi ambientado na natureza; e, por último – o máximo da modernidade – as certificações de fazendas ecológicamente corretas, socialmente justas, e responsáveis pelo bem-estar animal.

Alguns desses itens terão utilidade em situações específicas, por exemplo, as novas ferramentas da genética serão bem-vindas no dia em que se viabilizarem, mas se o desejo de melhorar a maciez da carne de zebu fosse de fato sincero, já estaríamos utilizando técnicas *post-mortem* de eficácia comprovada empregadas há tempos em outros países.

Quanto à vontade do consumidor, isto é, a qualidade exigida, o que está sendo feito pela inteligência nacional se assemelha a uma adivinhação de como os compradores vão querer a carne, pois na vida real os importadores estão adquirindo o produto tropical aos milhares de toneladas pelo “PPH - Preço, Padrão e Higiene”, sem sofisticação; e o que as pesquisas nacionais revelam hoje sobre o mercado interno é o básico, praticamente o mesmo PPH.

A esse respeito, a pesquisadora Conceição

Fonseca, do NEPA – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação, da Unicamp, analisou opiniões de consumidores (n=351) de Campinas (SP) tendo constatado que 95,7% dos entrevistados consomem carne bovina; desses, 35,7% o fazem uma ou duas vezes, e 57,1% três a quatro vezes por semana, o que é ótimo para o setor. Ao comprar carne, 63,4% preferem sem gordura, contra 22,9% que gostam com gordura aparente, e 13,7% que não se importam com isso; portanto, é inevitável a pergunta: até quando o acabamento das carcaças será valorizado?

Notou a autora que para cada consumidor que pretende comer mais carne, no futuro, há um que pretende parar de comer, e outros cinco que querem diminuir o consumo. Isto tem a ver com a imagem criada, porque 28,5% dos entrevistados crêem que é pouco ou nada seguro para a saúde o consumo de carne, 13,7% estão indefinidos, e 57,5% deram notas de 5 a 7 (sete é extremamente boa). Eis aí um tema relevante!

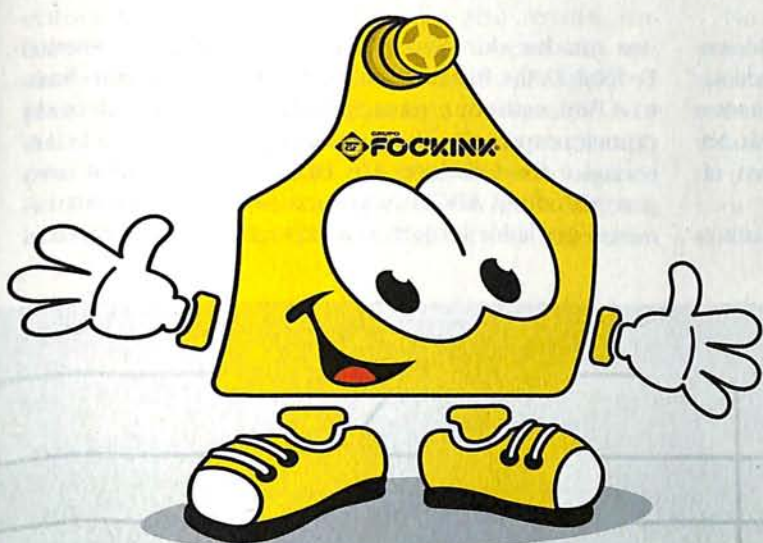
Observou ainda que marca, valor nutritivo, embalagem e selo do SIF (Serviço de Inspeção Federal) têm pouca influência na compra, sendo crescentes os efeitos de procedência, refrigeração, preço, aparência e higiene, nessa ordem. Nos motivos de preocupação com a carne, foram ascendentes as notas para teores de gordura e de colesterol, ausência de selo do SIF, resíduos de drogas veterinárias, bactérias e falta de controle higiênico-sanitário; esse último foi reconhecido pelos consumidores como o mais importante, com nota 6,38 (sete é extrema preocupação). Chamou atenção o fato de que 31,8% não quisessem ou não soubessem opinar sobre selo do SIF, o que pode ser atribuído ao desgaste sofrido pela Inspeção Sanitária nacional, no embate entre a técnica e os interesses políticos, nos últimos 20 anos.

Assim, melhor faria o setor da carne – que anda gastando antecipadamente com novidades de eficácia e futuro incertos – se desencadeasse ações de fortalecimento e divulgação do SIF, e campanhas de esclarecimentos sobre a importância da carne na nutrição e na saúde humana. Fora isso, vale lembrar que devaneios podem ter custos enormes.



Pedro Eduardo de Felício é professor de Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp

**Com os produtos desta dupla
na sua propriedade,
pode ficar tranqüilo!**



Identificação Animal

Agulha



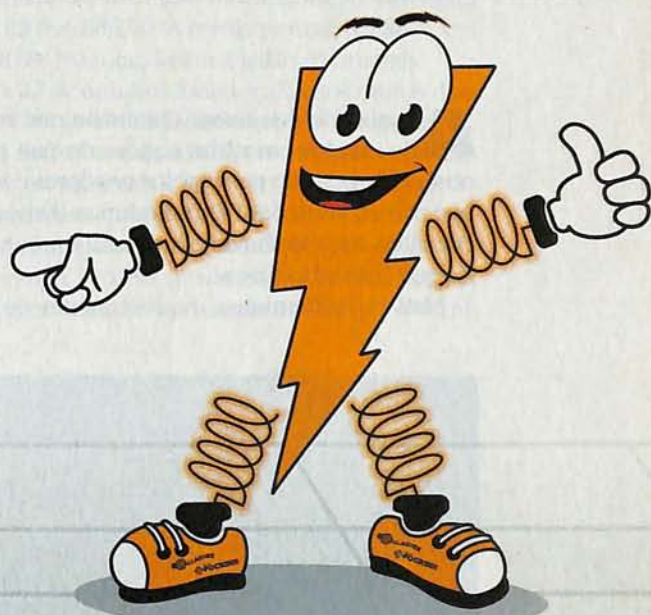
Aplicador Universal



Brinco Eletrônico



Rastreabilidade



Cercas Elétricas

MR 5000



Isolador W



Samert Fix



Garantia Exclusiva



GRUPO
FOCKINK®

GERANDO SOLUÇÕES E INTEGRANDO TECNOLOGIAS



identificadores@fockink.ind.br
0800 701 4394



cercas@fockink.ind.br
0800 701 4394

Conheça melhor nossos produtos acessando: www.fockink.ind.br

ExpoBrahman

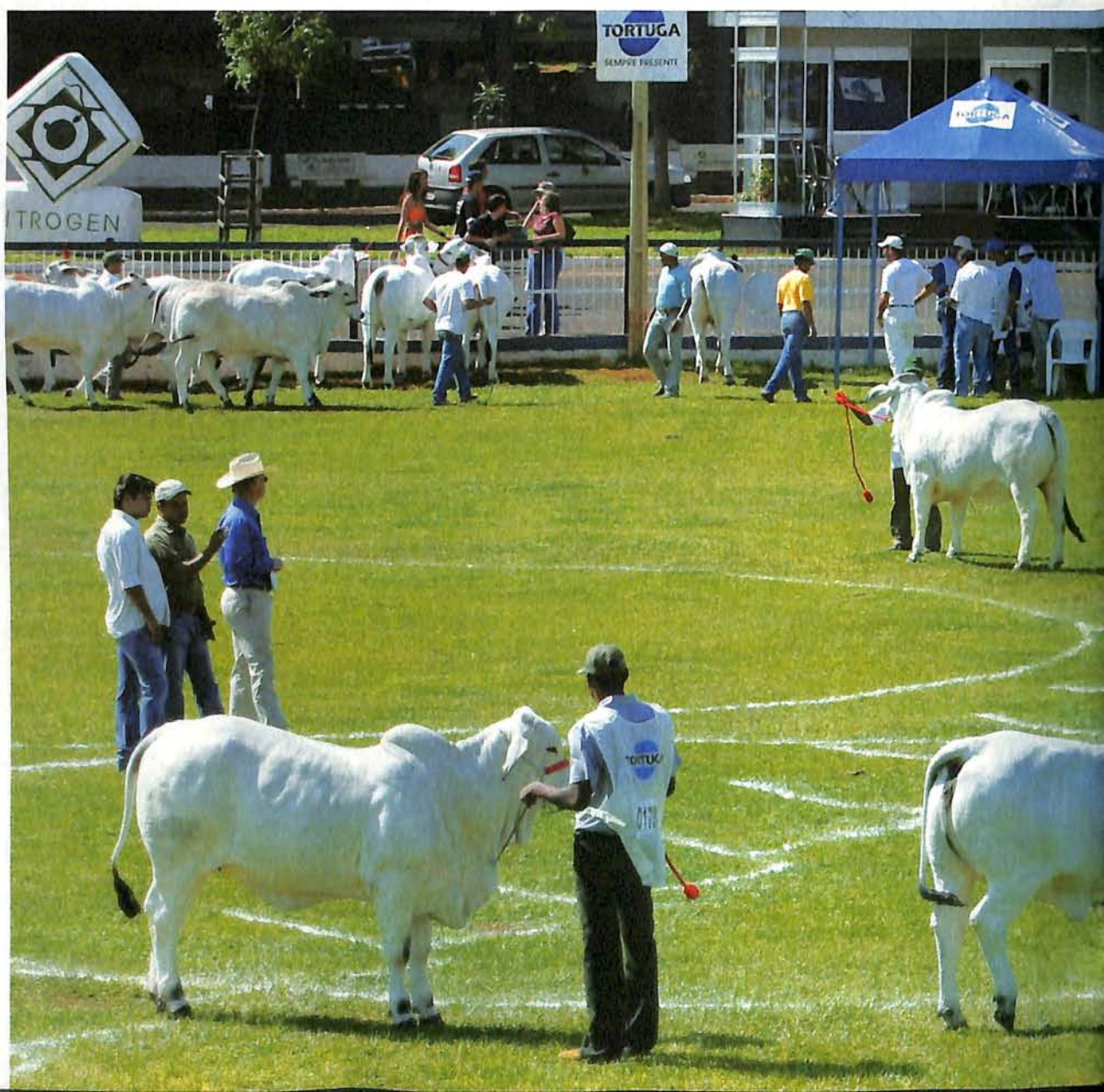
supera expectativas e agrada criadores

Laura Pimenta

A qualidade dos animais brahman que estão sendo criados em várias regiões do país pôde ser observada bem de perto pelos criadores e visitantes que participaram da 1ª ExpoBrahman (Exposição Nacional da Raça Brahman), realizada em outubro, no Parque Fernando Costa.

Mais de 400 animais, representantes de plantéis

dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Distrito Federal, Goiás, Rio de Janeiro, Tocantins, Espírito Santo e Pará, estiveram participando dos quatro dias da primeira exposição única da raça, promovida pela Associação dos Criadores de Brahman do Brasil, em parceria com a ABCZ. "Ficamos satisfeitos. O faturamento dos leilões superou a expectativa, com médias



excelentes. Fomos prestigiados por expositores de praticamente todos os estados. Os julgamentos foram muito bem conduzidos pelo americano Mark James Forgason e os elogios dos criadores foram unânimes com relação a excelente organização da feira”, afirmou o presidente da ACBB e diretor da ABCZ, Gabriel Prata Rezende.

A movimentação financeira dos leilões alcançou um valor expressivo, assim como o número de animais comercializados nos pregões. Os sete remates realizados durante a 1ª ExpoBrahman tiveram uma movimentação financeira total de R\$ 5.135.900,00. O primeiro leilão a abrir o calendário da exposição foi o Baby Brahman, realizado no dia 20 de outubro. O evento movimentou R\$1.045.800,00 com a venda de 34 lotes. A média por cabeça ficou em R\$ 30.758,00. A bezerra mais cara foi MS Beer POI TE, que pertencia ao

criador Pedro Ribeiro. Ela foi comprada por R\$ 84 mil pelo pecuarista Osvaldino Xavier de Oliveira.

O Leilão 1º Brahman Rio Preto Embryo, realizado na tarde do dia 21 de outubro, teve uma movimentação de R\$387.100,00 com a venda de 28 animais. A média por cabeça foi de R\$ 13.825,00. O Leilão Organização Mamede Mussi teve movimentação financeira geral de R\$ 696.080,00. A média por cabeça ficou em R\$27.688,00. No total, foram a leilão 35 animais.

No dia 22 de outubro foram realizados outros dois pregões. O 2º Leilão de Embriões Nacional Brahman, realizado no Tattersal da ABCZ, comercializou 35 animais, com média geral de R\$ 14.800,00 por cabeça. As vendas somaram um total de R\$ 518.000,00. O lote de maior valor alcançou R\$ 46.200,00. Já o leilão Aliança Brahman Fêmeas movimentou R\$ 442.960,00, sendo comercializados no remate um total de 78 ani-

Abaixo:
animais brahman
durante julgamen-
to, em Uberaba

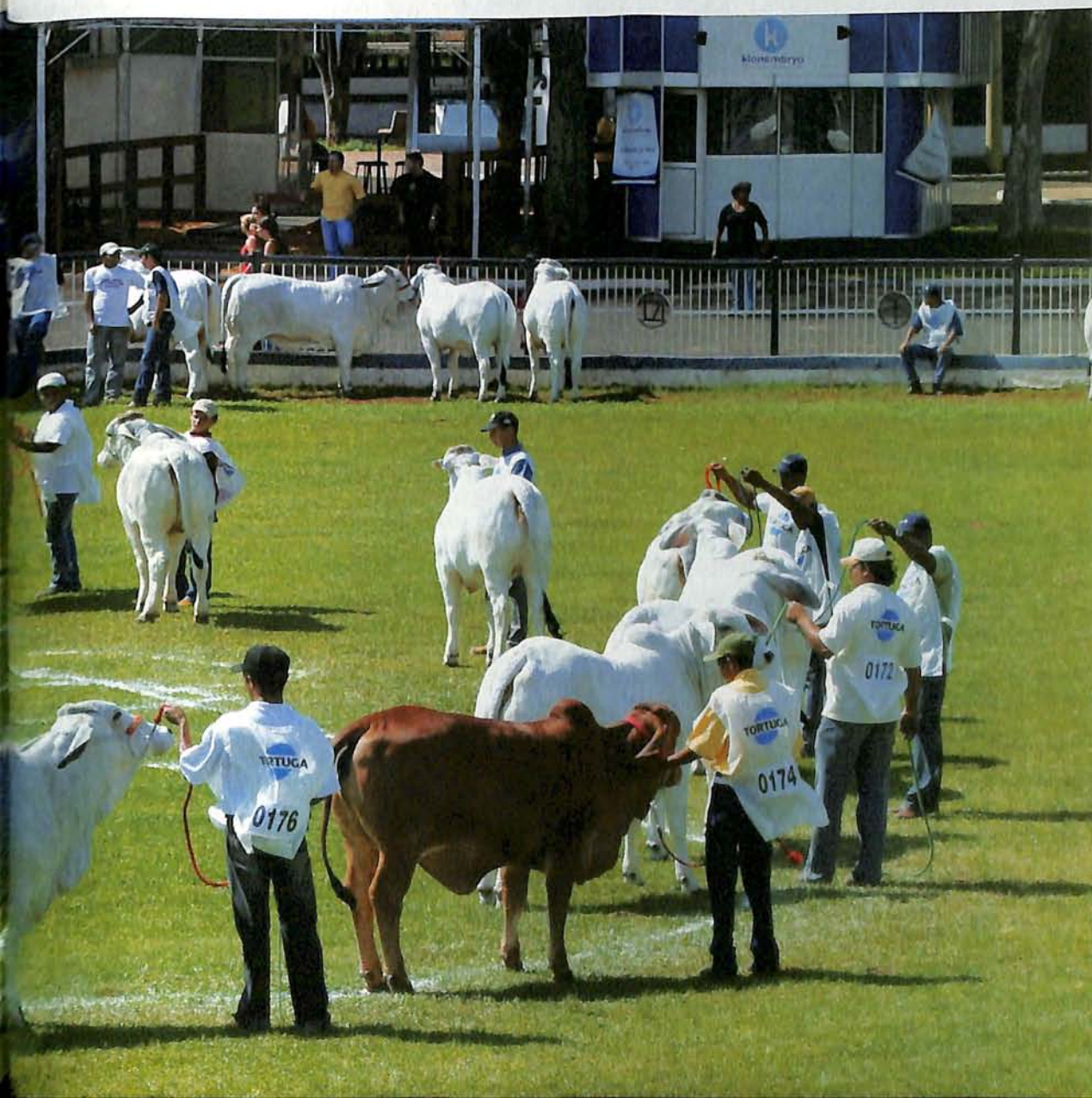


foto: L. Adolfo

Forgason (centro):
juiz americano;
abaixo, crianças
participam de pro-
jeto educativo

mais, com média de R\$ 5.678,97.

O Leilão Aliança Brahman Machos, realizado no dia 23 de outubro, também teve boa movimentação financeira, alcançado um total de R\$ 438.760,00. Ao todo, 80 animais foram ofertados, obtendo uma média geral de R\$ 5.484,50. Fechando o calendário de remates da 1ª ExpoBrahman, o Leilão V8 – Nova Índia obteve um faturamento total de R\$ 1.607.200,00; com a venda de 37 animais. A média por cabeça foi de R\$ 43.437,84. O animal mais caro foi comercializado pelo pecuarista Luiz Humberto Di Martino Borges por R\$ 184.800,00.

Julgamentos

As provas de julgamento da ExpoBrahman começaram a ser realizadas na manhã do dia 21 de outubro, com as fêmeas que disputaram o Campeonato Bezerra. Os dois primeiros dias foram dedicados ao julgamento das fêmeas nas categorias Novilha Menor, Novilha Maior, Fêmea Jovem e Vaca Adulta. Posteriormente, foram realizados os julgamentos dos machos, que concorreram nas categorias Bezerra, Júnior Menor, Júnior Maior, Touro Jovem e Touro Sênior.

No dia 24 de outubro, o público conheceu os grandes campeões da exposição. O prêmio de Grande Campeã foi para Crista TE BAR, vencedora da categoria Vaca Adulta com 764 kg e 29 meses de idade, do expositor Luiz Humberto di Martino Borges, da Fazenda Baronesa. A Reservada Grande Campeã foi Miss GPR TE 4, com 36 meses e 756 kg, do expositor Gabriel Prata Rezende, da fazenda Tijuco.

Já o prêmio de Grande Campeão foi entregue a MR TE OB 36, campeão na categoria Júnior Maior, com 18 meses e 756 kg, da fazenda Caburey, de Araçatuba (SP). O Reservado Grande Campeão foi Asterix Canapi, com 14 meses e 558 kg, do expositor Luiz Carlos Monteiro, da fazenda Imperial, localizada no município de Arandu (SP).

O principal critério utilizado pelo jurado americano Mark James Forgason na escolha dos animais campeões foi o equilíbrio das carcaças, além da feminilidade nas fêmeas e masculinidade nos machos e as características reprodutivas.

Mark James Forgason, especialista no julgamento de animais brahman, mostrou-se impressionado com a qualidade dos animais criados no Brasil. Forgason elogiou o trabalho dos criadores brasileiros que têm se dedicado de maneira séria e profissional à criação da raça, que é originária dos Estados Unidos. Entre os pecuaristas citados por Forgason estão os criadores Manoel

Campinha Garcia Cid (1º presidente da Associação dos Criadores de Brahman do Brasil) e Rubico de Carvalho, pioneiros na introdução da raça no país.

O julgamento pôde ser acompanhado ao vivo pelo site da ABCZ na Internet.

Crescendo com o Brahman

Além de leilões e julgamentos, a 1ª ExpoBrahman também reservou espaço para o aprendizado de centenas de crianças das escolas públicas de Uberaba. No dia 21 de outubro teve início o projeto "Crescendo com o Brahman", promovido pela Associação dos Criadores de Brahman do Brasil, ABCZ, Museu do Zebu e Fazu (Faculdades Associadas de Uberaba). As crianças foram recepcionadas por alunos da Fazu, que transmitiram informações sobre a raça brahman durante as visitas aos pavilhões onde estavam alojados os animais.

Nos pavilhões, os alunos das escolas participantes do projeto puderam ver de perto alguns exemplares da raça brahman e aprenderam de forma divertida tudo sobre a pecuária. Após as visitas aos pavilhões, as crianças desenvolveram pinturas e desenhos sobre a raça que haviam acabado de conhecer. Ao final das atividades, os 24 melhores trabalhos foram escolhidos e as crianças premiadas com brinquedos educativos.

ExpoBrahman 2005

Sobre os preparativos da ExpoBrahman 2005, o presidente da ACBB revelou que a feira deverá acontecer nos mesmos moldes da primeira edição, inclusive sendo realizada na mesma época. "Deu certo este ano e nós pretendemos continuar assim. A expectativa é que o número de animais aumente e nas próximas edições mais de mil animais brahman participem da feira", ressaltou Gabriel Rezende.



Foto: L. Adolfo

**MONTAR EM 220 CAVALOS É FÁCIL.
BASTA SUBIR TRÊS DEGRAUS.**



A Massey Ferguson apresenta o resultado do cruzamento de alta tecnologia com muita potência: a nova Série 6000. O MF 6350 (190 cv) e MF 6360 (220 cv) são fortes como a agricultura brasileira e modernos como todo Massey Ferguson. É o avanço tecnológico aliado à simplicidade operacional. De agora em diante, só deixe o líder da manada entrar na sua terra.

SÉRIE 6000
220 CAVALOS
TRATORES QUE NASCERAM NO CAMPO.



MASSEY FERGUSON

0800 7044198 - www.massey.com.br

Qualidade da carne brasileira: percebida ou assegurada?

Acredita-se hoje no Brasil que a carne brasileira é reconhecida mundialmente como de alta qualidade, sendo essa uma das razões do grande avanço brasileiro no mercado internacional. Será que essa afirmação representa o real posicionamento do Brasil no mercado mundial?

A carne brasileira é percebida mundialmente como de qualidade e segura. Acredita-se que devido ao nosso sistema de produção nossa carne é segura. No outro extremo, poderíamos citar a carne inglesa que, apesar dos recentes esforços de programas de segurança e divulgação, ainda não recuperou o "status de carne segura". Outra grande vantagem da carne brasileira é o baixo custo de produção, que tem permitido uma excelente lucratividade para os compradores da carne brasileira no exterior.

Por outro lado, nossa divulgação no exterior tem se baseado no fato do sistema brasileiro de produção ser a pasto. Assim teríamos a garantia de segurança da carne ofertada. E graças ao clima e produção de forragens tropicais nossa carne é oriunda de animais jovens e bem-acabados.

Hoje a qualidade de um produto é medida de acordo com valores locais de cada mercado, e nos últimos tempos os quesitos avaliados têm extrapolado os tradicionais, como maciez, textura, coloração, etc, no caso da carne. Atualmente vários compradores internacionais começam a exigir que exista garantia de bem-estar animal (vide o programa do McDonalds nos EUA ou da Tesco no Reino Unido), responsabilidade social das empresas envolvidas e respeito ao meio ambiente, como nas certificações mais modernas. Na Sial 2004, que ocorreu em outubro passado, a Abiec distribuía um folder em inglês e francês, com informações sobre a Amazônia e afirmando incentivar a produção de carne de forma ecologicamente responsável no Brasil.

Vemos também, ainda que poucos exemplos, pecuaristas buscando diversos tipos de certificação, como orgânico e Eurep. E também os programas de associações de raças como a de Nelore e Angus, que ganham importância a cada dia, ainda que não auditadas por organismos certificadores reco-

nhcidos internacionalmente.

São indícios que as exigências dos clientes e as pressões de grupos de consumidores estarão cada vez mais fortes. Além disso, a "recompensa" automática por alcançar grande destaque na participação no mercado internacional é o aumento da competição de todos os outros países que deixam de ver o Brasil como "apenas mais um no mercado", como ocorreu anos antes, para sermos considerados a maior ameaça a lucratividade de países como a Irlanda, por exemplo.

Por outro lado ao analisarmos nosso vizinho do Mercosul, Uruguai, extremamente especializado em produção de carne bovina (uma das principais atividades econômicas do país) e preocupado em aumentar o valor da produção interna, busca através de certificações reconhecidas internacionalmente aumentar a confiança da carne uruguaia e posicionar o produto de forma diferente, além de desenvolver um interessante trabalho de posicionamento do país como fornecedor de carne segura, saudável e saborosa.

Quando todos os agentes afirmam possuir carne de animais produzidos a pasto (a grande maioria dos países baseia sua divulgação nesse quesito), o Uruguai alcançou a certificação "Process Verified" do departamento norte-americano de agricultura (USDA) para seu programa "Carne Natural do Uruguai". Além disso, obtiveram o selo Eurep para o mesmo programa. Com isso acessam o mercado europeu e norte-americano com um diferencial. O reconhecimento do USDA tem gerado até "ciúmes" dos produtores dos EUA, que reclamam que o próprio governo americano auxilia os uruguaios a competir no mercado americano.

No entanto, grande parte de nossa qualidade ainda é baseada em percepção (o que não deixa de ser um excelente trunfo), mas que pode ter seu valor diminuído com o passar do tempo e das estratégias e inovações de outros países. Será que o Brasil vai precisar de garantias auditáveis para assegurar os atributos de qualidade e segurança da carne produzida aqui, ou vamos conseguir manter nossa posição sem essas ferramentas cada dia mais utilizados por outros países?



Miguel da Rocha Cavalcanti é engenheiro-agrônomo, selecionador de nelore e coordenador do site www.beefpoint.com.br miguel@beefpoint.com.br

NELORE MRA

Sucesso Absoluto na Expoinel 2004



Júpiter TE MRA

Bitelo da SS x Colina da SS · (Osires da Terra Boa x Jisan MJ do Sabia)
Nasc.: 24/09/2002 - 1000 kg - **Campeão Touro Jovem Expoinel 2004**



Lindura MRA

Big Ben da Santa Nice x Fava MRA · (Bitelo da SS x Legat)
Nasc.: 15/09/2003 - 550 Kg - **Campeã Novilha Menor Expoinel 2004**



Júpiter

Jarana

Biba

Lage

Progênie de Pai Bitelo SS

Reservada Campeã Expoinel 2004

Zebu no litoral catarinense

O gado que anos atrás se concentrava em regiões tropicais hoje pode ser encontrado também em áreas de clima temperado

Texto e fotos: Wellington Campos





O Estado de Santa Catarina detém o maior rebanho de suínos e o segundo maior em aves do país, mas agora também começa a investir na criação de gado zebuino. O zebu por ser mais rústico, se adapta melhor ao clima de regiões litorâneas e está se tornando o bovino ideal para pecuaristas do litoral catarinense, já que o frio não é tão intenso nessa parte do estado se comparado às regiões de serra e ao Oeste.

É no município de Antônio Carlos, próximo a Florianópolis, que o empresário Tiago Vidal Lohn, um dos maiores pecuaristas catarinenses e dono da segunda rede de supermercados do estado, cria seu rebanho zebuino. Na fazenda TL, de 1100 hectares, Lohn têm 3200 cabeças de gado, a maioria com o sangue zebu. Parte do plantel é formada por animais melhoradores, rebanho PO (puro de origem) e, a outra, por animais destinados ao abate.

O primeiro rebanho de nelore da fazenda TL foi comprado em 1998 da fazenda Pedra Branca, no município de Palhoça (SC), que pertencia ao grupo de Cerâmica Portobello. As matrizes foram adquiridas há cinco anos, mas só passaram a serem exploradas como base de rebanho PO a partir de 2000, quando foram analisados os pedigrees e observou-se que havia uma importante base genética a ser explorada.

Num Estado em que as raças zebuínas nunca ocuparam grande espaço na bovinocultura, o trabalho desse pioneiro na região começa a dar resultados. “Nas exposições e feiras municipais e estaduais, consigo vender todos os animais que levo”, afirma Lohn. Ele foi um dos primeiros pecuaristas de Santa Catarina a trabalhar com transferência de embriões. Em sua propriedade a média anual de transferências, nos últimos três anos de seleção, foi de 150. Em 2004, já foram realizadas na fazenda TL 280 transferências de embriões. Ainda para essa temporada estão programadas mais 350. Lohn tem investido alto no melhoramento genético de seus animais. Atualmente, ele tem gado na Central Santa Fé, em Maringá (PR), e na Nova Índia Genética, em Uberaba (MG). Em seu estoque de sêmen, possui doses que variam de R\$ 10 até R\$ 20 mil cada.

O pecuarista começa a colher resultados positivos em feiras, exposições e leilões. Em agosto, a fazenda TL fez sua estréia no circuito comercial de gado de elite, durante a Expointer, realizada na cidade de Esteio (RS), com a venda da fêmea nelore Catedral da TVL por R\$ 28 mil, recorde de preço no evento entre os animais zebuínos. Parece ser pouco levando-se em conta valores de outros leilões de raças zebuínas. Mas, para uma região em que o gado europeu se adapta melhor ao clima e é mais

Ao lado:
fazenda localizada
próxima à praia do
Ouvidor, em Santa
Catarina

Abaixo:
Vidal Lohn posa
com sua filha
e um exemplar
nelore da fazenda
TL, na página
seguinte, rebanho
tabapuã
catarinense

criado tradicionalmente, entrar neste mercado já é uma consagração para os criadores.

Mas Lohn não quer parar por aí, e por isso está começando a constituir um plantel de guzerá em sua fazenda. Neste ano, durante a ExpoZebu, a maior feira de zebuínos do mundo, a fazenda TL adquiriu a matriz "Importação de Naviraí", considerada hoje uma das cinco matrizes mais importantes da raça.

A criação de zebu em Santa Catarina se concentra no Vale do Itajaí e no litoral, principalmente nas proximidades do município de Tijucas – 60 km ao norte de Florianópolis. É nessa região que se encontra a fazenda Santa Clara, onde estão os principais animais da raça tabapuã no Estado. O reba-

nho é formado por 250 cabeças e está em crescimento. A base do plantel é formada por 80% de animais oriundos da fazenda Água Milagrosa, localizada no município de Tabapuã (SP), berço da raça no Brasil. Os outros animais vieram da fazenda Nossa Senhora do Carmo (RS). O proprietário Manoel Antônio Bruno Neto comprou o gado antes do fechamento da fronteira. Atualmente, Santa Catarina tem a fronteira

fechada para a entrada de bovinos de outros estados. Isto porque todos os estados brasileiros são considerados zona livre de febre aftosa com vacinação. A exceção é Santa Catarina, região livre da doença, sem vacinação.

Mas, para criar zebu nessa parte do país, são necessários alguns cuidados especiais como os

"Para criar zebu na região Sul do país, são necessários alguns cuidados especiais"

fotos: divulgação

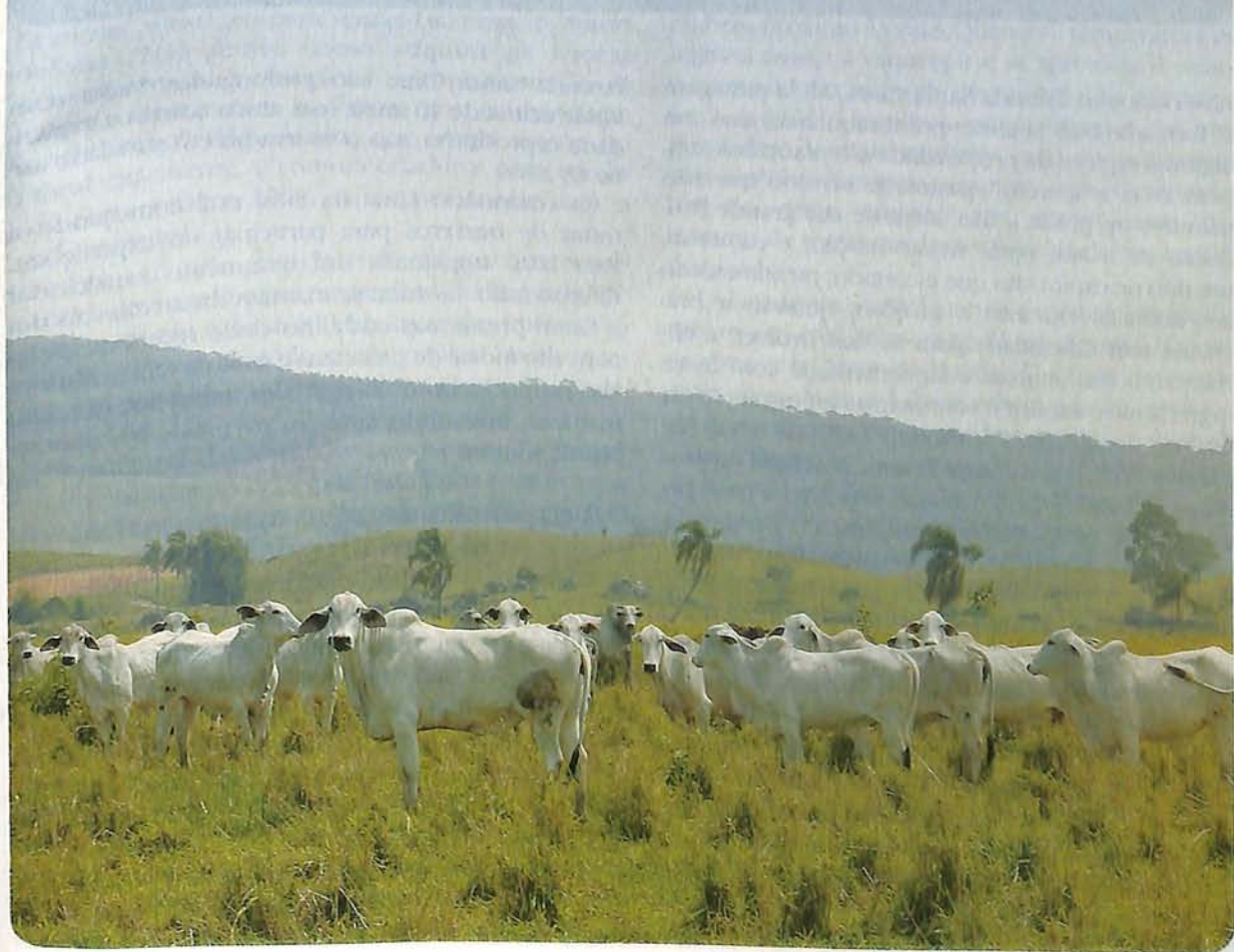


Santa Catarina incrementa produção animal

Concentração da produção de suínos no estado atrai pequenos pecuaristas para a bovinocultura

Apesar de possuir um rebanho bovino que representa menos de 2% do rebanho nacional com 3,2 milhões de cabeças de gado, a criação de gado em Santa Catarina tem sido incrementada nos últimos anos. Para Francisco Heiden, técnico agrícola do Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina (ICEPA-SC), isso está acontecendo devido a uma concentração da produção de suínos em um número menor de propriedades. "A produção de suínos aumentou, mas diminuiu o número de criadores. E aí os pequenos produtores passaram a criar bovinos para a produção de leite", explica.

Santa Catarina, com um rebanho de 612 mil vacas leiteiras, é o sexto estado que mais produz leite no país, cerca de 1,2 bilhão de litros por ano. Cada vaca produz, em média, 1950 litros por ano, colocando o estado como o segundo produtor leiteiro por animal, perdendo somente para o Rio Grande do Sul. O rebanho bovino de corte é pequeno se comparado às necessidades do estado. Em 2003 foram abatidas 544 mil cabeças de gado. A expectativa é que a produção em 2004 seja maior. Santa Catarina importa 33,5% da carne consumida no Estado.



Ao lado:
gado cruzado
trabalha no
arado do sítio
Santa Isabel,
em Imbituba



observados na fazenda Santa Clara. Ali, a pastagem é formada basicamente por braquiária, mas em algumas regiões da propriedade são plantados também aveia e azevém - pastos de inverno que não sofrem com geada e frio, além de dar grande produção de massa verde nessa estação; e cameron, um tipo de capim alto que é cortado, picado e dado aos animais. Durante o inverno, quando a braquiária tem dificuldade para se desenvolver, a alimentação dos animais é suplementada com esses ingredientes, explica o veterinário responsável pela fazenda Santa Clara, Adevolmir Lima da Silva. Ele destaca ainda que a complementação à base de proteínas é essencial para o animal não perder peso no período de temperaturas mais baixas. "Durante o inverno, os animais de recria e os com maior dificuldade de adaptação ao clima são transferidos para as pastagens de aveia e azevém".

Por ser a maior criação da raça tabapuã no Estado, o rebanho da fazenda Santa Clara tem despertado o interesse de outros pecuaristas da região. Um touro reprodutor, com idade entre 24 e 30 meses, é negociado na região por R\$ 3 mil reais ou mais, dependendo do seu desenvolvimento genético. As fêmeas não são vendidas porque a fazenda está formando um rebanho maior de criação.

Devido à fronteira do estado estar fechada a novas importações, a vida de algumas matrizes na

fazenda Santa Clara são prolongadas. Vacas com idade acima de 10 anos, mas ainda com boa capacidade reprodutiva, são preservadas em atividade até os 13 anos.

O veterinário Lima da Silva está começando a tratar de bezerros para participar de exposições. Para isso, implantou um tratamento nutricional diferenciado: os animais mamam duas vezes ao dia e ficam presos nas cocheiras onde recebem ração com alto índice de proteínas e feno de alfafa. A meta do proprietário é atingir um rebanho de 250 matrizes, investindo também na produção comercial de touros.

A expansão do zebu nas pequenas e médias propriedades

Pequenos e médios criadores do Sul do Estado, também começam a se interessar em adquirir animais de raças zebuínas para montar um rebanho de qualidade. No sítio Santa Isabel, localizado na entrada do município de Imbituba, 80 km ao sul de Florianópolis, o proprietário Nilson Mendes Garcia tem como principal atividade a plantação de arroz. Mas, nos últimos anos, ele tem investido na criação de gado com o objetivo de formar um plantel de qualidade e vem aumentando o seu rebanho, que já soma 110 cabeças. Garcia possui alguns animais mestiços resultantes do cruzamento da raça européia



Ao lado:
bezerros tabapuã
da fazenda
Santa Clara;
na sequência,
cruzados
e touro zebu
em pequena
propriedade de
Garopaba

charolês com a zebuína guzerá. Para fazer o melhoramento genético desses animais, o pecuarista comprou um touro europeu PO da raça simental.

As maiores apostas do criador estão na sua mais nova aquisição: um touro nelore PO adquirido da fazenda TL. Garcia está selecionando as melhores bezerras mestiças para cruzá-las com o touro nelore. “Não temos como adquirir as fêmeas nelores, então, a solução é comprar um touro nelore e cruzar com as fêmeas que também têm sangue zebu”. Ele enfatiza que, nesta região do litoral catarinense, é comum criadores comprarem somente o touro 100% zebu para cruzar com o gado mestiço.

Em seu sítio, Garcia trata os machos resultantes do cruzamento em regime de engorda até atingirem em média 400 kg, quando, então, são vendidos para abatedores da região. Se na compra ele paga R\$ 1,80 por quilo, na hora da venda, recebe R\$ 2,00.

Moradores da cidade de Garopaba, no litoral sul, criam animais de origem zebuína nos terrenos das residências. É normal caminhando pelas ruas da cidade deparar-se com animais sendo criados domesticamente em pequenos espaços de terra ao lado das casas.

Nas proximidades da praia do Rosa, a 11 km de Garopaba, João dos Santos mantém nos fundos de sua residência quatro zebuínos: três touros e uma vaca, resultantes do cruzamento de animais nelore com indubrasil. A área em que cria o gado tem pastagem natural e aproximadamente três hectares. Santos compra as cabeças de um pecuarista da região quando os animais estão com sete meses, a um preço médio de R\$ 400 a R\$ 500. “Esse valor porque é zebu. O gado de outra raça sai por cerca

“A criação de zebu no estado se concentra no Vale do Itajaí e no litoral”

de R\$ 200”, diz. Ele cria o gado por três anos em regime de engorda. Quando o animal atinge entre 550 e 600 kg é vendido para abatedores da região.

Na praia do Ouvidor, local deserto e que faz parte do município de Imbituba, há fazendas que chegam até o mar. O gado é criado em pasto natural bem próximo à praia. Quando a temperatura na região começa a esquentar e se aproxima o verão, aumentando o número de turistas que visitam o local, o gado é recolhido para o interior das propriedades. Animais cruzados, que apresentam as características das raças zebuínas, como o cupim e a barbela, estão presente em grande parte das estradas de terras que levam às mais diversas praias do estado.

O Estado de Santa Catarina está dividido basicamente em três áreas geográficas: Litoral, Planalto Serrano e o Oeste do Estado. O Litoral é a região mais propícia para o desenvolvimento de zebuínos, já que as temperaturas são altas durante quase todo o ano. Em sentido ao centro, encontram-se as áreas de Serras, onde não é possível a bovinocultura. “No Planalto Serrano, localizado em região mais alta, os animais zebuínos enfrentam maiores dificuldades devido às temperaturas baixas”. Essa é a opinião de Luis Carlos Pinheiro Machado Filho, professor de bovinocultura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ele acredita que essa região pode receber um grande rebanho desde que exista um bom manejo do solo. “É possível você ter durante a temporada de temperaturas baixas uma pastagem de excelente qualidade com forrageiros de inverno como azevém e trevo branco”. No Oeste do Estado, estão concentradas as pequenas propriedades e os maior produtores de suínos e aves do país, o que impede a expansão do rebanho bovino.

Tendências para o início de 2005 no **mercado internacional** de carne bovina

O enfrentamento pseudo-sanitário com a China por causa da soja, a gripe asiática do frango, o fechamento do mercado internacional de carne bovina aos Estados Unidos pelo aparecimento do primeiro caso reportado de Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB) no final de 2003, as suspeitas não confirmadas de outro caso no ano 2004 e o fechamento do mercado russo pelos focos de febre aftosa em zonas não livre da doença, a centenas de km da zona tampão, ainda terão consequências sobre o mercado internacional no início do ano 2005. Todos esses lamentáveis acontecimentos

juntos mostram que na atual euforia do boom do agribusiness brasileiro existem evidências de riscos potenciais para nossa carne. Assumir postura intransigente afirmando sumariamente

que somos produtores de carne verde é um posicionamento extremamente frágil que pode ser erodido em questão de segundos.

Pressupondo que o crescimento se sustente, à parte os problemas de infraestrutura e de logística amplamente discutidos e que afetam todas as cadeias agro-alimentares voltadas para a exportação, segundo estudo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa Agroindustriais (Gepai) da Universidade Federal de São Paulo, não temos infraestrutura tecnológica, nem instituições suficientes para atender à crescente necessidade de certificações aceitas inter-

nacionalmente, com a agravante que os nossos sistemas de defesa sanitária já não respondem às necessidades e à montagem de um sistema de segurança biológica conforme às exigências do mundo globalizado. O esquálido orçamento do SDA/Mapa não permite pensar em um sistema com capacidade efetiva e inteligência para monitorar problemas, identificar agressores e enfrentar situações emergenciais. Também não existem nem motivação, nem sinais de mudança de mentalidade para a abordagem correta de antecipação e prevenção de riscos antes da eclosão das crises, nem no cenário institucional nem organizacional.

O consumo de carne bovina no mundo deverá diminuir e estas baixas são esperadas evidentemente por motivos sanitários, principalmente pelos casos de EEB

que apareceram em 2003 e as ameaças até o presente. A Comunidade Européia e a Rússia continuam com menor disponibilidade de carne no mercado interno o que deverá forçar ainda alta nas cotações da carne argentina. No Japão e na Coreia do Sul as restrições à carne americana continuam forçando – como esperado – as cotações da carne australiana e esta alta poderá estar amenizada pela maior disponibilidade de carne australiana no mercado internacional. O crescimento do mercado chinês deverá compensar a diminuição de consumo no mundo, mas de forma geral os abates no mundo deverão diminuir ligeiramente

***“Lamentáveis acontecimentos
juntos mostram que na atual
euforia do boom do
agribusiness brasileiro
existem evidências de riscos
potenciais para nossa carne”***



Nelson Pineda é diretor da Área Técnica e Científica da ABCZ
pineda@terra.com.br

ou manter-se no patamar atual. A produção no mercado asiático, sobretudo na China e na Índia, como também no Canadá, deverá aumentar. Nos Estados Unidos, a diminuição é consequência da menor entrada de animais vivos procedentes do Canadá. O cenário na América

do Norte, provocado pelos casos de EEB, deverá levar a uma contração do comércio internacional e modificar o fluxo de exportações para os países do Mercosul, onde o Uruguai continuará sendo favorecido pelo acesso preferencial ao mercado americano, a Argentina deverá continuar a retomar seus espaços e o Brasil poderá diminuir a taxa de crescimento pelo fechamento das exportações para Rússia que poderiam ter compen-

sado a queda de consumo no mercado interno. Mesmo assim, o Brasil deverá encerrar 2004 com exportações de 1,5 milhão de toneladas de carne bovina, rendendo receitas de pelo menos US\$ 1,8 bilhão ao país. As receitas de exportação devem crescer ainda mais, devido à recuperação do preço pago pela carne bovina brasileira.

As oportunidades que se vislumbram para a carne brasileira estão fortemente condicionadas pelas ações preventivas. Assumir a posição de não ter nenhum caso de EEB é pos-

tura extremamente frágil, como já mencionado anteriormente. É

imprescindível não somente pensar em carne natural, como também em respeito ao meio ambiente, responsabilidade social e, sobretudo, em sistemas confiáveis de rastreabilidade e certificação de pro-

cedimentos e de propriedades, assim como na adoção de boas práticas de manejo e essencialmente em segurança alimentar alicerçada em sistemas de defesa animal com recursos humanos e econômicos como pré-requisitos para conquistar novos mercados. Somente através de mudanças estruturais e de postura frente à prevenção sanitária conseguiremos conquistar novos mercados. O objetivo de todas estas informações é

delinear ações que deverão estar focalizadas na responsabilidade do crescimento total do setor, selecionando as oportunidades de mercado e estabelecendo estratégias para alcançar o domínio dos mercados alvos. Finalmente, teremos sempre que lembrar o quanto é importante aos novos consumidores identificar o Brasil

como um novo fornecedor. O maior desafio será manter constância, qualidade e garantir segurança alimentar, pois em caso de decepção, eles voltarão a comprar carne de nosso concorrente.

***"Mesmo assim,
o Brasil deverá encerrar
2004 com exportações
de 1,5 milhão
de toneladas de carne
bovina, rendendo receitas
de pelo menos US\$ 1,8 bilhão
ao país"***

***"Somente através de
mudanças estruturais e de
postura frente à prevenção
sanitária conseguiremos
conquistar novos mercados"***

***"Teremos sempre que
lembrar o quanto é
importante aos novos
consumidores identificar
o Brasil como um novo
fornecedor"***

**SEMENTES
DE FORRAGEIRAS
E ADUBAÇÃO VERDE**



**SEMENTES
NATERRA**
**&
Produtores Associados**

**Quem planta
NATERRA
COLHE
MAIS CARNE
E MAIS LEITE**



WOLF SEEDS DO BRASIL

Rua Paulo Padovan, 81
Fone (16) 605 0505 Fax 605 0500
14075-680 Ribeirão Preto SP
www.wolfseeds.com.br

Quem planta NATERRA, não erra

Disputado, **Curso de Julgamento** aumenta edições



Em outubro, participantes de diferentes profissões estiveram reunidos no Parque Fernando Costa com o objetivo de aperfeiçoar os conhecimentos sobre o zebu. A edição do curso realizada de 6 a 10 de dezembro, manteve o grande número de participantes

Laura Pimenta



Farmacêutica, Fátima Boaventura (ao lado): busca por conhecimento técnico



Foto: L. Adolfo

O que pode haver em comum entre um tabelião, uma farmacêutica, um contador e um advogado? A resposta é simples. Todos eles são criadores de zebu e participaram do 52º Curso Intensivo de Julgamento de Zebuínos, promovido pela ABCZ entre os dias 18 e 21 de outubro, no Parque Fernando Costa, em Uberaba. Assim como eles, alunos dos cursos de Agronomia, Zootecnia e Medicina Veterinária, empresários e profissionais do ramo de agronegócios também têm demonstrado cada vez mais interesse em conhecer um pouco mais sobre as raças zebuínas criadas no Brasil.

Como no curso de outubro, as demais edições vêm chamando a atenção dos organizadores para uma particularidade: além de estudantes e profissionais do ramo, cada vez mais profissionais de diferentes setores têm investido na pecuária e no aprendizado técnico. A razão pelo interesse, segundo o superintendente técnico-adjunto do Departamento de Jura das Raças Zebuínas, Moacir Duarte Gomes, é a qualidade dos cursos, além do grande crescimento da pecuária brasileira verificado nos últimos anos.

Esse é o caso do contador e criador, Maurício Benzecry, que começou há cerca de um ano uma pequena criação de gado anelorado em sua propriedade no estado do Acre. "A intenção era desenvolver uma atividade que não me desse muito trabalho. Mas descobri justamente o contrário. A criação é algo que precisa de muita dedicação e conhecimento", reconheceu Benzecry. Em busca de informação, o criador resolveu participar da 52ª edição do curso de julgamento para suprir sua carência de conhecimento técnico. Ele reconhece que quando o pecuarista erra, o erro custa muito caro, por isto a necessidade de conhecer o negócio a fundo. "As aulas práticas foram ótimas e os professores são muito acessíveis", revelou ao final do curso.

A farmacêutica Fátima Boaventura Fonseca também sentiu necessidade de buscar conhecimento téc-

nico para utilizar em sua propriedade, a fazenda Retiro do Gado, em Curvelo(MG). Há cerca de dez anos, com a morte do pai, um tradicional criador de guzerá, ela passou a tomar conta dos negócios. "Sempre gostei de fazenda e decidi então começar a criar a raça nelore. Como minha intenção é trabalhar com gado de elite, decidi me aprimorar e trouxe comigo o gerente da nossa fazenda. O curso é bem objetivo e voltado realmente para o que se propõe", conta.

Indo além de sua finalidade inicial, que era melhorar o conhecimento do corpo técnico do Departamento de Julgamento da ABCZ, o curso vem atraindo cada vez mais interessados. "À medida em que o tempo foi passando, nós fomos notando a necessidade de abrir esse curso aos demais segmentos justamente para atender aos anseios do pessoal que deseja até mesmo se associar à ABCZ, e que quer criar zebu", lembra Moacir Duarte Gomes.

O curso também despertou a atenção de pai e filho, o tabelião Marconi de Faria Castro e o advogado Hugo Alexandre Costa e Silva de Castro, de Goiânia (GO). Eles pretendem focar o negócio da família para a cria de nelore e nelore mocho e o curso serviu justamente para aperfeiçoar o conhecimento sobre a criação. "Mas não é só para adquirir novos conhecimentos. No curso tive a oportunidade de conhecer a raça brahman e me encantei com esses animais. Foi muito bom", afirma Marconi Castro.

O curso agrada tanto que alguns participantes o realizam mais de uma vez, buscando reciclar os conhecimentos apreendidos anteriormente. É o caso do criador de nelore, Nelson Rubens de Barros, que participou em 1997 e retornou em 2004. "Como o conteúdo é atualizado a cada edição, o curso se torna sempre muito produtivo. Em 1997, o tipo de avaliação utilizado era o DERAS. Agora apreendi a avaliar os animais através do método EPMURAS. Além disto, percebi que

o curso está mais aprofundado", afirma Barros.

O crescimento tem sido tão significativo que de 2002 para 2003, a média de participantes nas edições de julho e dezembro em Uberaba praticamente dobrou. Essa grande procura também fez com que a ABCZ começasse a ministrar os cursos em outras regiões do país.

Em 2002, a experiência foi realizada em cinco cidades: Londrina (PR), Campo Grande (MS), Alta Floresta (MT), Presidente Prudente (SP) e Brasília (DF). No ano seguinte, o curso foi realizado em dez municípios brasileiros, e ainda em duas cidades da Bolívia: Trinidad e Santa Cruz. Em 2004, cidades como Colinas (TO) e Santa Maria (RS) também sediaram o evento.

Novo nome

Acatando as sugestões de participantes de edições anteriores do curso, o Departamento de Julgamento das Raças Zebuínas da ABCZ trouxe como novidade, na edição de outubro, a separação das turmas por áreas de conhecimento. Os profissionais com conhecimento técnico e estudantes de Ciências Agrárias participaram das aulas em turmas diferentes daquelas em que participavam criadores, gerentes e funcionários de propriedades e profissionais de diversos segmentos profissionais. "O intuito de separar as turmas se deve ao fato de os professores poderem aprofundar os assuntos com aqueles que já possuem conhecimento técnico. Isto permite que o professor se adapte justamente ao conhecimento de cada turma", explica Moacir Duarte.

Já a novidade que aconteceu na edição deste mês de dezembro foi a renomeação do evento. Para adequar a nomenclatura ao ecletismo de seus participantes, a partir da 53ª edição, o nome do encontro passou a ser "Curso de Noções em Morfologia e Julgamento de Zebuínos".



Ao lado:
turma de alunos
atenta ao curso

Foto: L. Adalberto

Aumente o ganho
de peso no período
das águas com os
suplementos minerais
de alta tecnologia
da Premix.



SCORPIONS 11-4152709

ÁGUAS

Fale com a Premix.
É diferente.

M. Sauer





Doma, arte de respeitar

Nada de trancos ou gritos. A melhor maneira de domar e integrar o homem ao zebu é através da percepção e do respeito

Laury Pimenta

Acima:
Borba, que é
especialista em
domar animais;
abaixo: lição com
animais

Quem teve a oportunidade de participar dos Cursos de Doma de Bovinos, realizados entre os dias 15 e 20 de novembro e 22 e 27 do mesmo mês, no Parque Fernando Costa, em Uberaba, se surpreendeu com o aprendizado e a nova possibilidade de lidar com os animais zebuínos.

Durante os cinco dias de curso, os participantes tiveram a oportunidade de apreender os princípios básicos para o início do trabalho da doma. Em aulas práticas, eles descobriram que domar nada mais é que uma nova abordagem na maneira das pessoas lidarem com o gado.

Além da teoria, os participantes aprenderam na prática com animais brahman e nelore a exercitar o discernimento, a educação, o refinamento, as boas maneiras, a firmeza, a percepção e principalmente a sensibilidade, para a perfeita integração entre o homem e o zebu. "As pessoas não conseguem entender que a doma é algo mais profundo e que o trabalho tem que ser com elas mesmas", explica o professor Eduardo Borba.

O professor de doma afirma que o boi, assim como o cavalo, são animais que podem ser caracterizados como predados. Na condição de presa dos predadores, esses animais desenvolveram um sofisticado instinto de auto-preservação. Por este motivo, quando se lida com esses animais, é preciso levar em conta as necessidades que vêm desse sentimento.

Um exemplo é quando tentamos nos aproximar dos exemplares e entramos no seu ponto cego. Os animais ficam preocupados e precisam se virar para poder ver quem está a sua volta. É o que os peões chamam de "dar a cara" e é justamente no momento das primeiras aproximações, quando o abordamos pela frente, que geramos nervosismo e agressividade. Por esta razão devemos fazer a abordagem pelos lados, passando por eles.

Segundo os princípios utilizados por Borba, o primeiro passo para domar esses animais é observá-los para posteriormente entender o seu modo particular de agir. "Os animais tem uma psicologia extremamente característica. Às vezes você estende a mão para o animal acreditando que ele vai entender aquilo como que se você o estivesse chamando, porém ele interpreta como se você estivesse mandando ele ir embora", ressalta ele.

A observação e a sensibilidade na lida com o gado são importantes pois os animais possuem uma linguagem extremamente sutil. Uma mudança no modo como ele mexe a orelha, uma mudança no olhar ou no ângulo da cabeça são sinais que na verdade tem um significado enorme do ponto de vista do gado, mas que o ser humano, na maioria das vezes, não consegue avaliar a sua importância.

Todas essas explicações foram essenciais para quem participou pela primeira vez de uma aula como esta, na maioria tratadores. "Os participantes ficam completamente boquiabertos ao ver o resultado dos animais. Eles percebem que o gado começa a responder de uma maneira que eles nunca poderiam imaginar", conclui Borba, que diz que o ideal seria que os pecuaristas também participassem do curso.

O resultado final do trabalho de doma pode ser conferido tanto no campo como também nas pistas de julgamento, quando a interação entre homem e zebu se torna mais harmônica e natural.



foto: Miguel Jr.

Mais um!
Mais um!
Mais um!

João Ribeiro de Barros



TOP LIST 2004

Pelo quarto ano consecutivo a **Revista Rural** realiza a pesquisa **TOP LIST RURAL**, para saber quais as marcas e produtos que contam com a preferência de seus leitores. E a COIMMA foi eleita pela 4ª vez nas categorias:

BALANÇAS e TRONCOS



Hexacampeã
Top of Mind - 2004
Revista Rural



DISPERT

Com. João Ribeiro de Barros,
646 - Cx Postal 1031
17900-000 - Dracena - SP
www.coimma.com.br
coimma@coimma.com.br

SAC

Serviço de Atendimento ao Consumidor
0800 11 2555 / (18) 3821-9900



**53
anos**

Qualidade que pesa exato!

Leite consolida mercado internacional

Pela primeira vez na história há possibilidades concretas de o Brasil alcançar superávit na balança comercial de lácteos. Trata-se de um dado extremamente positivo, pois a cadeia do leite é a que mais gera empregos no País, desde a agricultura familiar até os grandes complexos agroindustriais. É o fenômeno mais visível da espetacular recuperação de um setor que encontrava-se à beira de um colapso há menos de uma década.

A atividade leiteira no Brasil esteve marcada historicamente por vultosas importações. Marco dessa dependência foi o pico de US\$ 610 milhões em compras externas de produtos lácteos, em 1995. Esse cenário vem mudando radicalmente, sobretudo nos últimos quatro anos, e o desempenho de 2004 superou todas as expectativas.

Até outubro, as importações de lácteos somavam US\$ 69,6 milhões, já superado o período de seca, quando diminui a oferta interna de leite.

Enquanto isso, as vendas externas desses produtos atingiram US\$ 68,6 milhões no mesmo período, um crescimento de 105,3% em relação a 2003. A expectativa para o final do ano é de US\$ 80 milhões em exportações, com reflexos diretos na geração de empregos e renda, bem como nos preços pagos aos produtores.

Os números positivos de 2004 resultam de iniciativas profissionais de algumas empresas de laticínios e da recuperação dos preços internacionais. O setor percebeu que estar integrado a um sistema industrial arrojado é essencial para a conquista dos mercados internacionais. O exemplo mais nítido foi o da Itambé, que investiu R\$ 30 milhões para a fabricação de produtos destinados à exportação.

Para competir globalmente, é preciso pensar grande. Indicador do amadurecimento das empresas de capital nacional foi a criação da Serlac Trading S/A, em 2002. Das cinco indústrias que compõem a Serlac, três são cooperativas centrais - Itambé, Cooperativa Central de Laticínios do Estado de São Paulo e Cooperativa Central Agro-Industrial Ltda. O objetivo é buscar o mercado internacional com planejamento, qualidade, constância e

confiabilidade.

Um dos diferenciais é o senso estratégico dessa iniciativa. Como o mercado de leite em pó é vulnerável, a Serlac também investe em produtos como o leite condensado e os queijos. Outro risco seria concentrar as vendas em um número reduzido de clientes, o que está longe de acontecer. A lista de compradores é extensa, principalmente na África e no Oriente Médio.

A estratégia está dando certo. As exportações do novo conglomerado foram de US\$ 23 milhões, entre janeiro e setembro de 2004. Esse desempenho certamente ajuda a confirmar a Serlac como modelo a ser seguido por outras empresas que pretendam posicionar seus produtos no mercado externo com semelhante grau de eficiência.

A possibilidade de superávit na balança comercial se deve ainda à aplicação de direitos antidumping sobre importações desleais de leite em pó da União Européia e da Nova Zelândia, além da fixação de preço mínimo para o leite em pó da Argentina e do Uruguai. Essa defesa comercial foi decisiva para reduzir as importações (queda de 27,6% em relação a 2003) e fortalecer o mercado doméstico.

Outras medidas oficiais se fazem necessárias. É preciso fortalecer a negociação com os mercados europeu, americano e japonês, todos protecionistas. Por tratar-se de uma batalha sem perspectivas imediatas junto à Organização Mundial do Comércio, o setor está chamando a atenção do governo para outros países.

O México deve ser uma prioridade porque é um dos principais importadores de leite em pó, queijos e manteiga do mundo. A burocracia mexicana vem impondo dificuldades à habilitação de indústrias exportadoras do Brasil e somente uma ação governamental específica poderá derrubar essas barreiras.

O agronegócio brasileiro já tem pelo menos um motivo para comemorar em 2004. A cadeia do leite ainda não é uma das que mais rende divisas ao País, mas é a que possui maior impacto social. Conferir o seu bom e crescente desempenho nas exportações é uma ótima notícia para a economia brasileira. 



Leonardo Vilela (PP/GO) é presidente da Comissão de Agricultura da Câmara dos Deputados



10 anos no mercado brasileiro de
cercas elétricas e mais de 65 no
mercado mundial assegurando confiança
e tranquilidade ao produtor rural.



Única que oferece **5 anos de garantia***
contra raios e sobretensão em toda sua linha de eletrificadores.
Esta sim, **a maior do mercado.**

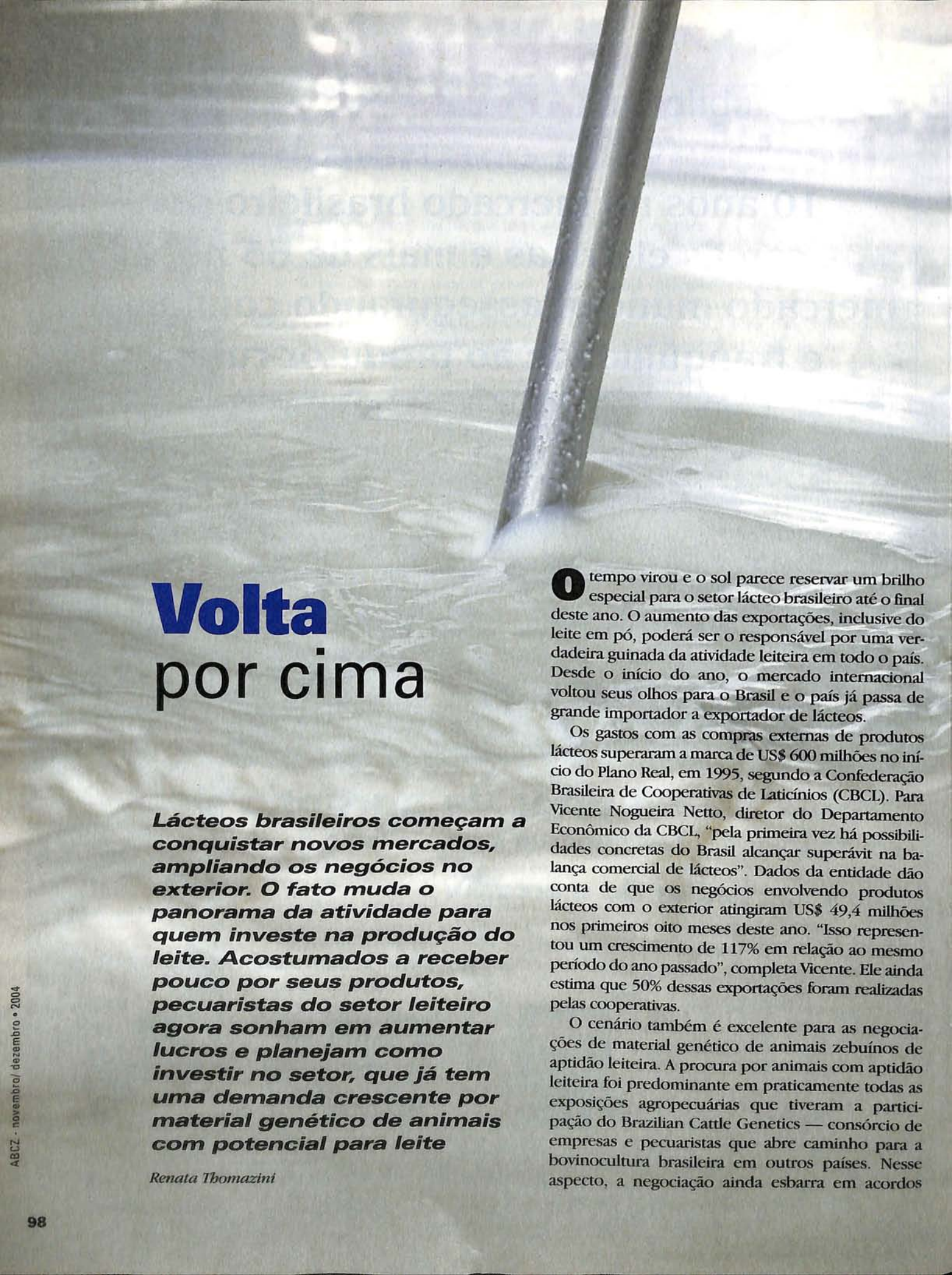
COMPLETA LINHA DE ELETRIFICADORES E ACESSÓRIOS



CONSULTE A REDE DE REPRESENTANTES SPEEDRITE EM TODO O BRASIL

(51) 3337.9470 (62) 233.4493 | farmtech.cercarural@terra.com.br | www.speedrite.com.br

* na compra de kit pára raio e estabilizador de tensão.



Volta por cima

Lácteos brasileiros começam a conquistar novos mercados, ampliando os negócios no exterior. O fato muda o panorama da atividade para quem investe na produção do leite. Acostumados a receber pouco por seus produtos, pecuaristas do setor leiteiro agora sonham em aumentar lucros e planejam como investir no setor, que já tem uma demanda crescente por material genético de animais com potencial para leite

Renata Thomazini

O tempo virou e o sol parece reservar um brilho especial para o setor lácteo brasileiro até o final deste ano. O aumento das exportações, inclusive do leite em pó, poderá ser o responsável por uma verdadeira guinada da atividade leiteira em todo o país. Desde o início do ano, o mercado internacional voltou seus olhos para o Brasil e o país já passa de grande importador a exportador de lácteos.

Os gastos com as compras externas de produtos lácteos superaram a marca de US\$ 600 milhões no início do Plano Real, em 1995, segundo a Confederação Brasileira de Cooperativas de Laticínios (CBCL). Para Vicente Nogueira Netto, diretor do Departamento Econômico da CBCL, “pela primeira vez há possibilidades concretas do Brasil alcançar superávit na balança comercial de lácteos”. Dados da entidade dão conta de que os negócios envolvendo produtos lácteos com o exterior atingiram US\$ 49,4 milhões nos primeiros oito meses deste ano. “Isso representou um crescimento de 117% em relação ao mesmo período do ano passado”, completa Vicente. Ele ainda estima que 50% dessas exportações foram realizadas pelas cooperativas.

O cenário também é excelente para as negociações de material genético de animais zebuínos de aptidão leiteira. A procura por animais com aptidão leiteira foi predominante em praticamente todas as exposições agropecuárias que tiveram a participação do Brazilian Cattle Genetics — consórcio de empresas e pecuaristas que abre caminho para a bovinocultura brasileira em outros países. Nesse aspecto, a negociação ainda esbarra em acordos

sanitários ultrapassados, mas que já estão sendo revistos. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) tem aberto discussões em torno desse tema com os governos dos países interessados em estreitar as relações de comércio desses produtos com o Brasil. Recentemente, o ministro Roberto Rodrigues afirmou que o governo federal está engajado em transformar o território nacional em zona livre de aftosa com vacinação, até o final de 2005, o que, segundo ele, abrirá mais portas para o agronegócio brasileiro no exterior.

O rebanho nacional ainda poderá ter em breve novos reforços, com a abertura do comércio indiano de material genético de animais zebuínos. A Índia, país de origem do zebu, a princípio, deverá disponibilizar embriões para os produtores brasileiros. O secretário de Defesa Agropecuária do Mapa, Maçao Tadano, disse que o ministério está finalizando as conversações para que as primeiras importações ocorram o mais rápido possível. "É uma reivindicação dos produtores brasileiros que o governo federal, através do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, está se encarregando de tornar realidade", disse.

Superação

Os recordes tão aguardados pelo setor leiteiro já começam a refletir no preço pago pelo litro de leite ao produtor. O pecuarista Paulo Roberto Bernardes, que fornece cerca de 1000 quilos de leite por dia para a Cooperativa da Itambé, uma das maiores exportadoras de lácteos do país, vê boas perspectivas para o produtor rural. "Há muitos anos nós reivindicamos um preço mínimo para o litro de leite produzido, mas nunca conseguimos legislações que nos favorecessem nesse sentido. Agora, com o aumento das exportações, esse preço passa a ser calculado pelo valor pago pelo mercado externo", analisa. O pecuarista conta que o preço pago pelo leite tem aumentado e as exportações seguem um bom ritmo também porque o produtor melhorou a qualidade do seu produto nos últimos anos. "A Instrução Normativa nº 51, que institui a necessidade do resfriamento do produto na propriedade deu a largada. Mas o próprio produtor se conscientizou dessa necessidade e hoje temos a maioria adequada às exigências legais", enfatiza. Paulo destaca que os pequenos produtores estão unidos em cooperativas para utilização de tanques comunitários, que dispõem de total controle sanitário.

A estimativa da CBCL é de que as exportações de lácteos superem a marca dos US\$ 70 milhões este ano. Melhor renda e geração de empregos são apenas algumas das consequências dessa reviravolta. Vicente Nogueira explica que toda essa positividade também é resultado de iniciativas profissionais de algumas empresas de laticínios e da recuperação dos preços



***"Pela primeira vez
há possibilidades concretas
do Brasil alcançar superávit
na balança comercial de lácteos"***

fotos: L. Adolfo

internacionais. A Itambé investiu R\$ 30 milhões para a fabricação de produtos destinados ao mercado externo, a exemplo do leite evaporado. "A criação da Serlac Trading S.A, em maio de 2002, constituiu-se num indicador do amadurecimento das empresas de capital nacional, em especial das cooperativas. Das cinco indústrias que compõem a Serlac, três são cooperativas centrais: Itambé, Cooperativa Central de Laticínios do Estado de São Paulo (CCL) e Cooperativa Central Agro-Industrial Ltda. - Confepar", conta. As exportações da Serlac Trading S.A, de janeiro a julho de 2004, alcançaram aproximadamente US\$ 18 milhões.

Virando o jogo

Os produtos lácteos brasileiros contaram este ano com um importante aliado para mudar as regras do jogo comercial, que antes eram totalmente favoráveis às empresas estrangeiras. Os direitos *antidumping* (política que impede a venda de produtos com preço inferior ao custo de produção) têm beneficiado os produtos lácteos brasileiros, desde 2001, quando a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) reivindicou ao governo o procedimento.

Acima:
leite é despejado
em tanque
pertencente à
cooperativa

Exemplo disso é a aplicação de direitos *antidumping* sobre as importações de leite em pó, provenientes da União Européia e Nova Zelândia, bem como a fixação de preço mínimo para o leite em pó oriundo da Argentina e do Uruguai. As ações foram fundamentais para dar a largada para uma literal “virada” na balança comercial do setor. “Para que o Brasil consolide sua vocação inequívoca de país exportador de leite, é indispensável a prorrogação dessas medidas de defesa comercial”, defende Vicente, esclarecendo que existe um processo para prorrogação por mais três anos do *antidumping* em relação ao Uruguai e à Argentina.

Que as medidas *antidumping* foram decisivas para uma drástica redução nas importações de leite parece bem provável. Dados da CBCL dão conta de que nos primeiros oito meses de 2004 as compras externas de produtos lácteos atingiram US\$ 54,3 milhões, o que representou uma queda de 31% nas importações desse item em relação ao mesmo período do ano passado. “Esperamos que essa situação favorável nos dê ainda mais tranquilidade para trabalhar porque o produtor brasileiro de leite viveu tempo demais à margem dos incentivos governamentais e sendo pago sempre aquém daquilo que realmente precisa”, desabafa o pecuarista Paulo Roberto.

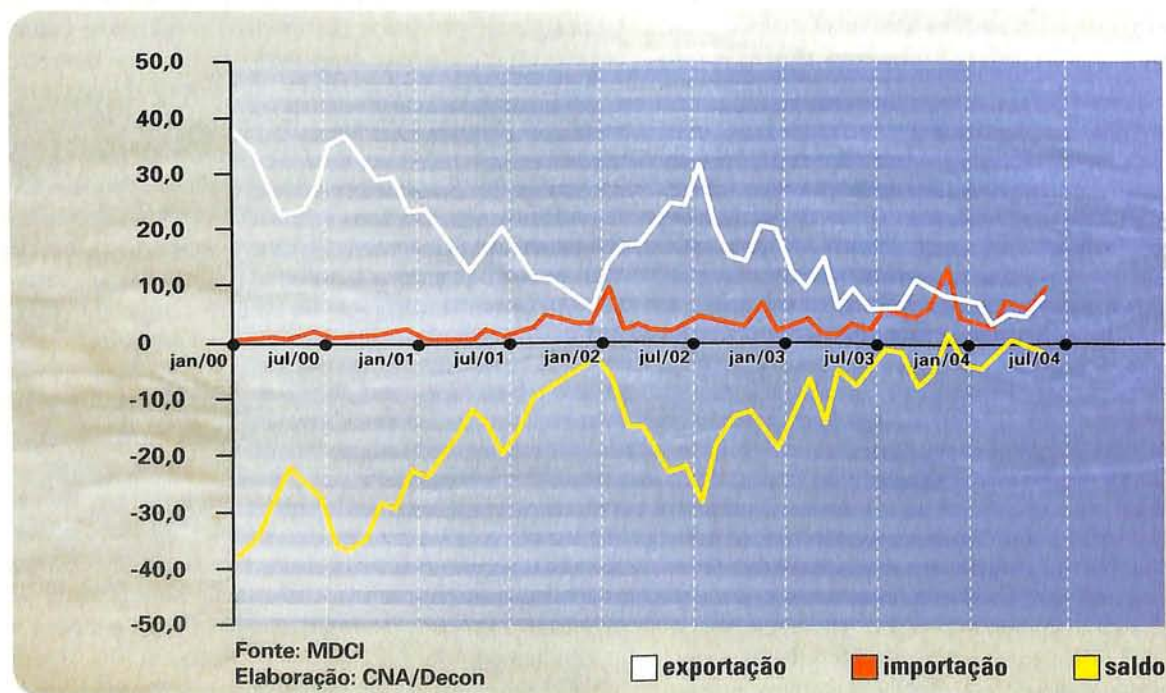
Entraves na legislação

A redução das importações de lácteos pelo Brasil acendeu a luz sobre o

“Para que o Brasil consolide sua vocação inequívoca de país exportador de leite, é indispensável a prorrogação dessas medidas de defesa comercial”

setor, dando novo fôlego aos pecuaristas e empresas que exportam os produtos brasileiros. Mas talvez um dos maiores entraves ao crescimento do setor venha a ser a própria legislação nacional. O reaquecimento da economia com uma pequena elevação do preço do leite e a redução no volume das importações de lácteos em mais de 61% nos cinco primeiros meses de 2004, sem citar as exportações recordes – superiores 106,5% ao período de janeiro a maio do ano passado – podem esbarrar em alguns itens da reforma tributária, que tendem a elevar os preços dos insumos utilizados pelos produtores de leite.

Outra questão que tirava o sono dos produtores tem a ver com a rastreabilidade. De acordo com a Comissão Nacional de Pecuária de Leite da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), o ministro Roberto Rodrigues tem manifestado que a adesão dos pecuaristas ao Sistema Brasileiro de Identificação e Certificação de Origem Bovina e Bubalina (Sisbov) seria voluntária. No dia 2 de dezembro o ministro esteve reunido com a bancada ruralista na Câmara Federal, representantes das secretarias estaduais de Agricultura e membros da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Carne, da qual a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu é membro, e confirmou a decisão de tornar a adesão voluntária. Se isso for confirmado legalmente, o crescimento do setor poderá ganhar novo impulso. O engenheiro-agrônomo,





Ao lado:
Tadano, do Mapa,
e Rodrigo Alvim,
da CNA, ações
políticas em
defesa do leite;
no detalhe,
marcador de
temperatura em
tanque de
resfriamento

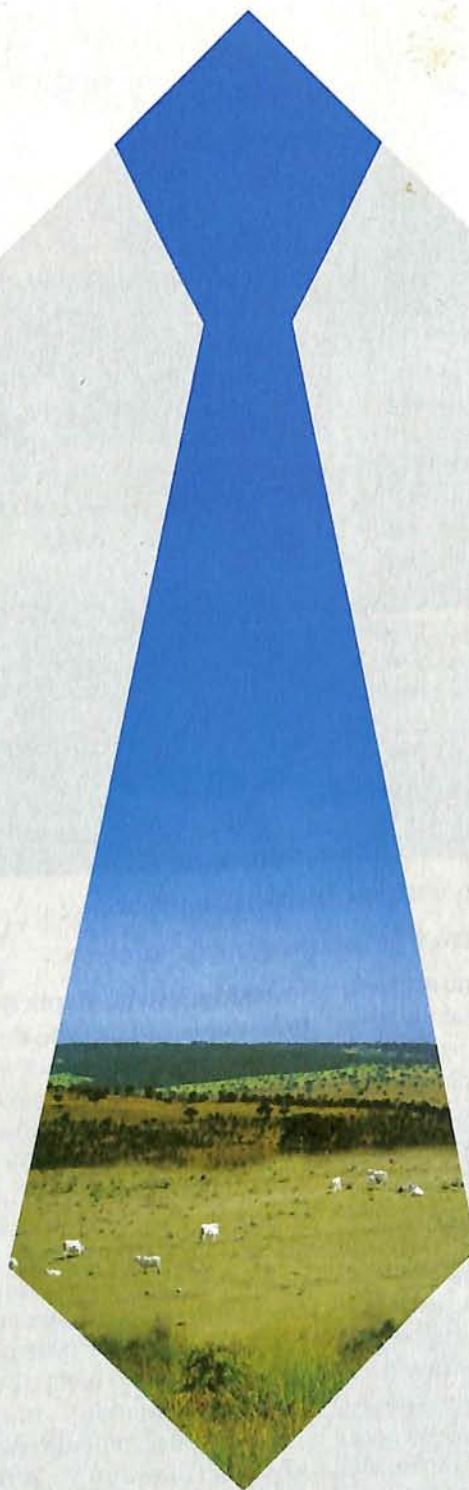
Rodrigo Alvim diz que a pecuária de leite sempre esteve fora das discussões sobre rastreabilidade, anteriormente voltadas à pecuária de corte. Conforme as Instruções Normativas nº 88/2003 e 21/2004, os produtores de leite teriam que apresentar o Documento de Identificação Animal (DIA), emitido pelo Sisbov, cada vez que fossem solicitar uma Guia de Trânsito Animal (GTA), dificultando o trabalho dos pecuaristas.

O setor pecuário correu atrás para garantir a isenção do tributo de comercialização de material genético destinado ao melhoramento das raças. Entidades que representam os interesses dos produtores, como a ABCZ e a CNA consideram fundamental essa isenção. Ambas defendem a aplicação da menor alíquota para gêneros alimentícios de primeira necessidade, à energia elétrica de baixo consumo, às máquinas e implementos agrícolas e aos insumos agropecuários, inclusive, material reprodutivo destinado ao melhoramento genético animal e vegetal. Em busca dessas medidas, ambas têm trabalhado junto ao Senado e à Câmara dos Deputados Federais, uma vez que o texto final da reforma tributária ainda não foi aprovado em última instância.

Rodrigo Alvim explica que a CNA está lutando pela ampliação da base de insumos isentos do pagamento de PIS/COFINS (Programa de Integração Social/Contribuição para Financiamento da Seguridade Social). “Segundo a Medida Provisória nº 183, de 2004, estão contemplados atualmente apenas sementes, adubos e defensivos. A solicitação é que também sejam incluídos aí medicamentos, rações, sal mineral, corretivos e material genético, pois esses insumos geram impacto de quase 40% no custo operacional efetivo, podendo incrementar entre R\$ 0,02 a R\$ 0,04 os gastos por litro de leite, de acordo com o nível de tecnificação do sistema de produção”, analisa.

Apesar das dificuldades que a pecuária leiteira sempre enfrentou, o setor tem demonstrado sua força e se adequadado ao Programa de Melhoria da Qualidade do Leite, com sérios investimentos, principalmente em tecnologia. Uma importante medida adotada pela CNA foi a solicitação ao Mapa da prorrogação de todos os prazos para a rastreabilidade dos bovinos, além da criação de um grupo de trabalho para identificar as alterações necessárias à implantação de um programa de rotulagem compatível com a realidade da pecuária leiteira do país. 🐄

O **+** profissional programa para gerenciar o seu rebanho registrado.
O único que proporciona **10% de desconto** no RGN.



NATIVA

O Procan mudou. Modernizou-se, trocou o sistema DOS pelo **WINDOWS**, vestiu a gravata e ficou muito **mais** profissional. Ficou **procan+**. **Mais** que um programa de controle do rebanho na versão mais completa. Um profissional qualificado apto a gerenciar com **mais** eficiência e produtividade qualquer que seja a seleção. E de forma simples, com a maior precisão de relatórios, dados e gráficos possíveis. Conheça o **procan+**. Solicite o currículo deste profissional pelo site: www.abcz.org.br/procan, pelo e-mail procan@abcz.org.br ou pelo telefone (34)3319 3904.



produtividade e controle animal

procan+

nova versão 2002, muito + profissional.

- Versão Windows • Produtividade • Escrituração Zootécnica Eletrônica • Melhoramento Genético (PMGZ)
- Controle Sanitário • Fácil Operação • Controle Leiteiro • Suporte Técnico Total

Caderno especial de anúncios

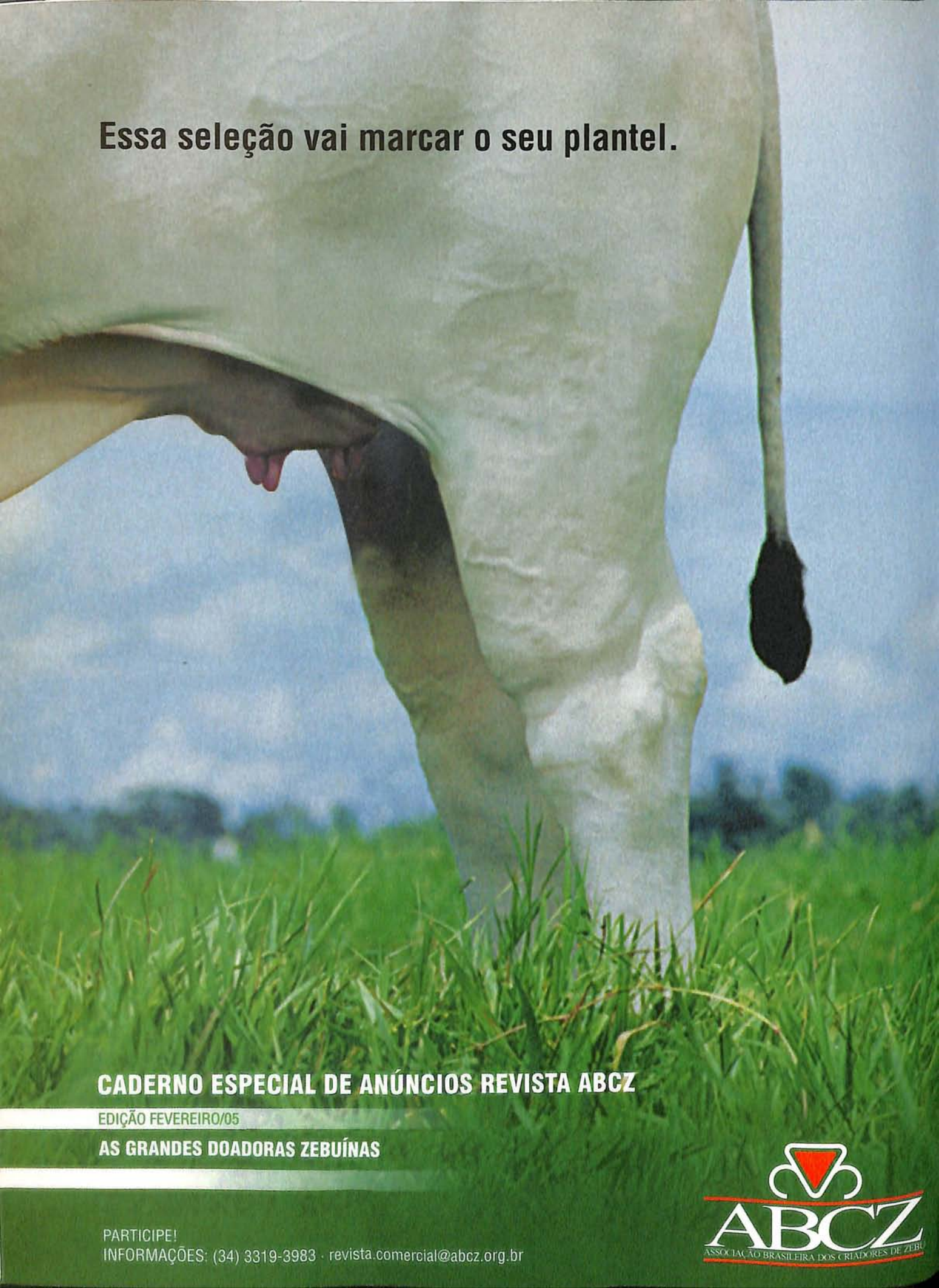
Grandes Campeões das Exposições em 2004

Nas próximas páginas você conhecerá vários animais que foram campeões nas mais importantes feiras do Brasil. São exemplares que carregam em sua genética a dedicação e o talento de pecuaristas que têm na seleção de zebuínos uma verdadeira paixão.

Na próxima revista, você conhecerá matrizes doadoras igualmente valiosas para o rebanho nacional.



Confira e faça bons negócios.



Essa seleção vai marcar o seu plantel.

CADERNO ESPECIAL DE ANÚNCIOS REVISTA ABCZ

EDIÇÃO FEVEREIRO/05

AS GRANDES DOADORAS ZEBUÍNAS

PARTICIPE!

INFORMAÇÕES: (34) 3319-3983 · revista.comercial@abcz.org.br



ABCZ
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DE ZEBU

É assim que
estamos construindo
nossa estrada.



MISS ABHAYA 761 R55 - GOMI 13
Reservada Campeã Novilha Menor Expo Rio Preto 2004
Reservada Campeã Novilha Menor Fenagro 2004
Primeiro Prêmio Feapam 2004
Primeiro Prêmio Expo Rio Preto 2004
Segundo Prêmio ExpoZebu 2004
Segundo Prêmio Feicorte 2004



MISS ATINA 761 R55 - GOMI 15
Campeã Novilha Menor ExpoBrahman 2004
Campeã Progênie de Mãe Fenagro 2004
Reservada Campeã Progênie de Mãe Expo Rio Preto 2004
Primeiro Prêmio ExpoZebu 2004
Segundo Prêmio Feicorte 2004
Segundo Prêmio Feapam 2004
Primeiro Prêmio ExpoBrahman 2004



MISS ANCONA 761 R55 - GOMI 14
Grande Campeã da Raça Fenagro 2004
Campeã Progênie de Mãe Fenagro 2004
Campeã Novilha Menor Fenagro 2004
Campeã Novilha Menor Expo Rio Preto 2004
Campeã Bezerra Feicorte 2004
Campeã Bezerra Feapam 2004
Reservada Campeã Progênie de Mãe Expo Rio Preto 2004
Primeiro Prêmio Feicorte 2004
Primeiro Prêmio Feapam 2004
Primeiro Prêmio Expo Rio Preto 2004

Com muitos prêmios.



Rancho 55
João Alfredo Gominha

rancho55@ig.com.br . Telefax (37)3261.9944 . Lagoa da Prata . MG

Descendentes

de grandes campeões

Naípe
da Java

Tatcher MJ da Sabiá x Ibarra da Java
(Panagpur AI da Paul.)



PREMIAÇÕES:

Campeão Junior Menor - Expogrande 2003 / Campeão Junior Menor e Grande Campeão - Itapetininga 2003

Reservado Campeão Junior Menor - Expozebu 2003 / Campeão Junior Menor - Expotrês 2003 / Reservado Campeão Junior Maior - Feapan 2003

Reservado Campeão Junior Maior - Avaré 2003 / Reservado Campeão Touro Jovem - Campo Grande 2004 / Reservado Campeão Sênior - Araçatuba 2004

Filhos dos raçadores HELÍACO DA JAVA e TATCHER MJ DO SABIÁ, PATUSCA e NAIPE nasceram com qualidades de campeões consagrados e muita prepotência genética. São animais que representam fielmente a enorme capacidade do Nelore **JAVA** em acabamento de carcaça, fertilidade e muita produtividade.

Ascendentes

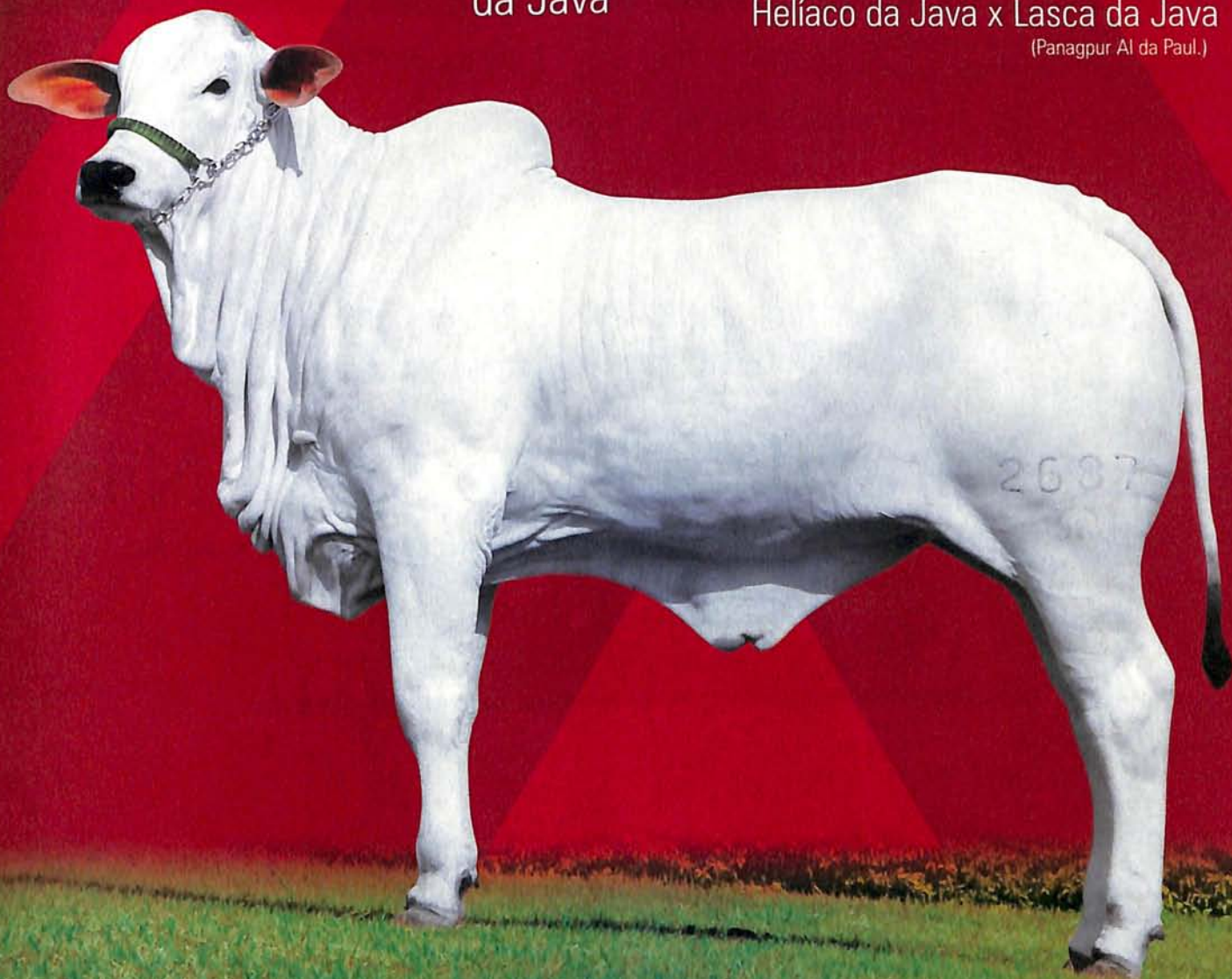
nas grandes pistas

NATIVA

Patusca

da Java

Heliaco da Java x Lasca da Java
(Panagpur AI da Paul.)



PREMIAÇÕES:

Reservada Campeã Novilha Menor - Expoinel 2004

Reservada Campeã Novilha Menor - Três Lagoas/2004

Campeã Novilha Menor - Ribeirão Preto 2004

www.javaind.com.br

JAVA
EMPRESA AGRÍCOLA

Fazenda Indiana / Pirajuí SP / (14) 3585 3052 / Av. 7 Setembro, 1555 / Araraquara SP / CEP: 14800-390 / (16) 3301-4488



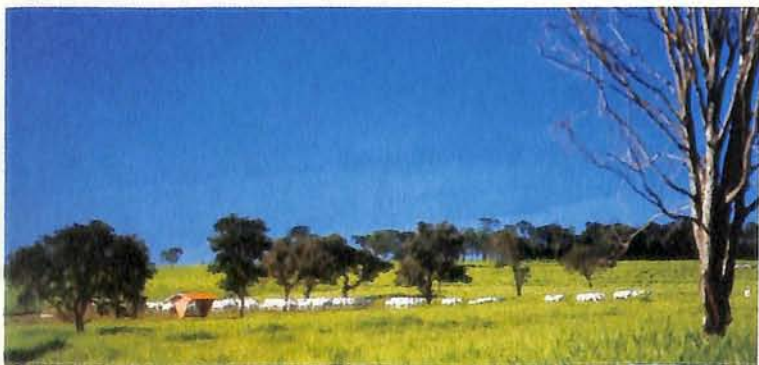
REBANHO DE DOADORAS
para o início de uma história nelorista de sucesso.



MANEJO personalizado

Essa é a arte da seleção Santa Nilza

Trabalho personalizado que faz do plantel Santa Nilza, destaque nas pistas e na seleção de elite.



AMBIÊNCIA para o bom desenvolvimento do rebanho



PADRÃO RACIAL para garantir uniformidade física



A DOCILIDADE para facilitar o manejo do gado



HABILIDADE MATERNA para maior peso na desmama

Que no ano de 2005, possamos continuar partilhando
nossas vidas com paz, saúde e sucesso.



A SERIEDADE e COMPROMISSO que alcançam resultados



CARINHO E DEDICAÇÃO: princípios fundamentais da Arte da Seleção

o segredo dos *Campeões*



Mr. Argon Rea 111/3

Campeão Bezerra

1º Expo Nacional Brahman - Uberaba MG
43ª Expo S. J. Rio Preto SP
31ª Grand Expo Bauru SP

Ms. Agatha Rea 110/3

Campeã Bezerra

1º Expo Nacional Brahman - Uberaba MG
31ª Grand Expo Bauru SP



Realin é isso:

“Profissionalismo, dedicação e acreditar no que faz.”

apoio:

REPR GENE
Tecnologia em Reprodção Bovina

SOCIL GUYOMARCH
Especialista em nutrição animal

contato:

17 227-1700 - 9771-2162

realinbr@hotmail.com



BRAHMAN
Realin

BRAHMAN e PILAR - AAAA

Qualidade e tecnologia em Brahman

MR Z PILAR POI 01

Campeão Sênior - Exposição Nacional Brahman 2004



Aos 33 meses*:

Alt. Post: 172 cm. = +16 cm.

Alt. Ant. 158 cm. = + 8 cm.

C. Corp. 185 cm. = + 12 cm.

P. Torácico: + 244 = + 22 cm

Circ Esc: 47 cm = + 8 cm.

*Dados Oficiais ExpoBrahman 2004



Aos 2 anos e 10 meses = **1.153 kg.**

Brahman PILAR, 13º touro Brahman em Centrais de Inseminação.



BRAHMAN PILAR

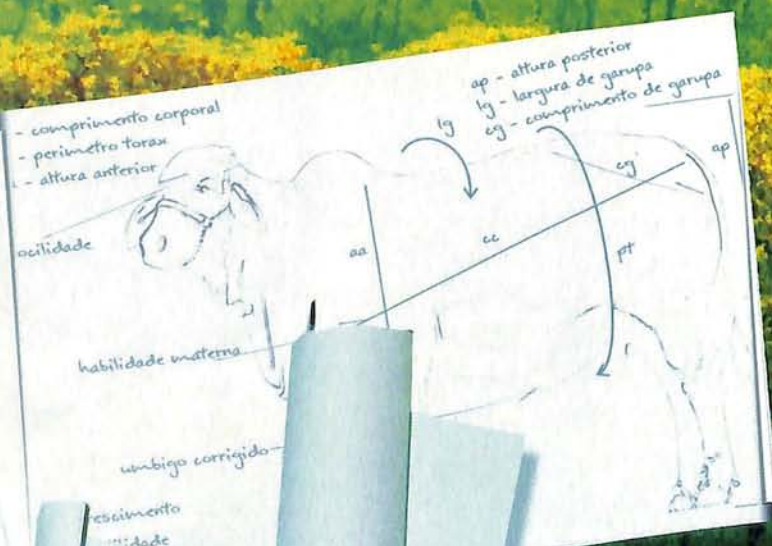
10 anos de seleção.

Tel: (21) 9601-5215
www.brahmanpilar.com.br
sergio@brahmanpilar.com.br

EM NÚMEROS, O BRAHMAN É A RAÇA

Começamos pela qualidade.

O criatório Brahman Thuy, da Fazenda do Ipê Amarelo, respeita o conceito de que tudo tem o seu valor, e seu tempo. Acredita na evolução natural da linhagem Brahman e, além disso, investe em aprimoramento genético. Sabe que, com amor pela raça e focando sempre a qualidade, vem o reconhecimento. Hoje, mais do que nunca, o Brahman Thuy trabalha pela confiança de amigos e clientes, e pela satisfação de elevar ainda mais o conceito do genuíno Brahman nacional.



Há apenas quatro anos, o engenheiro civil José Arthur, o Thuy, vivia entre cálculos e obras, quando adquiriu uma propriedade, a qual batizou de Fazenda do Ipê Amarelo. Apaixonou-se pela criação de Brahman e, atualmente, trabalha e planeja para melhorar os animais com a marca Thuy, espalhando raça, força e qualidade nos plantéis.

ZEBUÍNA QUE MAIS CRESCE NO BRASIL



RESULTADO FINAL				
Positor	Pontos	Coloc	Criador	Pontos
OBRI	312	1º	JOSE ARTHUR P. ALMEIDA/O	466
O		2º	LUIZ CARLOS MONTEIRO	404
DE	296	3º	GABRIEL PRATA REZENDE	296
NO B	268	4º	FAZ. BRUMADO INS. ARTIF	276
AGR.	228	5º	QUERENCA EMP. RURAL AGR.	274
VITSC	220	6º	LUIZ HUMBERTO MARTINO B	268

Fonte: www.expozebu.com.br

**José Arthur Palma de Almeida,
Melhor Criador da raça Brahman
Uberaba 2004**



14 3234-6009 • 14 9791-7250
Bauru - SP

Aguarde
30/07/05
Leilão
Brahman Thuy

TOUROS DA CEDRO

HOCK

TE BM DA FO

1280 kg de muita raça

Grande Campeão da Raça Nelore na Expoinel 2004 e recordista mundial de peso aos 33 meses

TAJ MAHAL I			PADAYI POI DA ZEB VR
IGUAÇU DA PAGADOR			VISUAL DA ZEB VR
ETATUBA			LOTERIA DA ZEB
MYKE DA COLONIAL		IDÍLIO DA YB	GADY DA SC
LUDY DE GARÇA			INHACA DA JAND.
ABSIDE DA COLONIAL			AMBUA
BORBOLETA DO MEL			TAJ MAHAL I
1171	RANCHI IPÊ OURO	TAMYA BM DA FC	IGUAÇU DA PAGADOR
1646 DA MN			ETATUBA
HIALITA LAMU	OPALA DO IPÊ OURO	MAMYA BM DA FC	MAN PO DA ZEB
LALPUR DA ZEB	BILAYA R DA R		ESMERALDA DA FC
TRAJONA DA RV			VALEIRA DA INDIANA

RES. CAMPEÃO JÚNIOR MAIOR - ARAÇATUBA 2003

CAMPEÃO JÚNIOR MAIOR - EXPOINEL 2003

CAMPEÃO TOURO JOVEM - S. J. DO RIO PRETO 2003

CAMPEÃO TOURO JOVEM e GRANDE CAMPEÃO DA RAÇA - PASSOS/MG 2004

CAMPEÃO TOURO SÊNIOR e RES. GRANDE CAMPEÃO DA RAÇA - EXPOZEBU 2004

CAMPEÃO TOURO SÊNIOR e GRANDE CAMPEÃO DA RAÇA - ARAÇATUBA 2004

CAMPEÃO TOURO SÊNIOR e GRANDE CAMPEÃO DA RAÇA - RIO VERDE 2004

CAMPEÃO TOURO SÊNIOR e GRANDE CAMPEÃO DA RAÇA - EXPOINEL 2004

DADOS OFICIAIS DA 33ª EXPOINEL / OUTUBRO 2004

IDADE	PESO	MENSURAÇÕES (cm)
33 meses	1280 kg GPD: 1208g Dif. Tab. 535	Comp.: 187 Alt.(a): 163 Alt.(p): 172 Per. Tor.: 264 CE: 45



HOCK e sua irmã HEIRANA: recordista de ranking



HEIRANA e seu filho GEIRAN: progênie excepcional

Sêmen à venda



Em breve,
sêmen sexado
de fêmea



BENEDITO MUTRAN FILHO

(91) 4008-9999

www.lazendacedro.com.br

Tel.: (34) 3319-5400 / Fax: (34) 3336-5821
abspecplan@abspecplan.com.br

O Nelore como você nunca viu...



A Fazenda Recreio não está para diversão.

É com muito trabalho e dedicação que ela encerra mais um ano fazendo campeões.



Conde TE da Recreio

Campeão Bezerro Expozebu 2004

Campeão Bezerro ExpoGoiás 2004

Campeão Bezerro Passos/MG

Campeão Bezerro Goiânia/GO

Campeão Bezerro Brasília/DF

Grande Campeão Gurupí/TO

Grande Campeão Formosa/GO

Fazenda Recreio

Élson Cascão

Contato: (61) 366-3637

Apollo.

O pai do seu
próximo campeão.



O sêmen de Apollo
está disponível na

Lagoa
da serra

www.lagoa.com.br

Em 2004, só deu Apollo. Nas principais pistas do país
foi consagrado inúmeras vezes Campeão. Veja alguns destaques:

- Campeão Exposição Três Lagoas
- Campeão Exposição São José do Rio Preto
- Reservado Campeão Exposição Presidente Prudente
- 3º colocado Exposição Bauru
- Campeão Exposição Araçatuba
- 2º colocado Nacional ExpoZebu - Uberaba
- Reservado Campeão Cornélio Procópio

Se você quer produzir campeões assim, Apollo é a fonte.


**Guzerá
RAMENZONI**

Fazenda Alvorada
Dante E. Ramenzoni

Tel (14) 3583 1332 Pirajuí SP
www.guzeraramenzoni.com.br

GRANDE CAMPEÃ

EXPOBRAHMAN2004



FAZENDA BARONESA

LUIZ HUMBERTO BORGES

(34) 3336.1144

CRISTATE BAR

MR. PILAR QUITUMBA 04 X PILAGAS 2386 COURT.

Outras premiações: Grande Campeã Ribeirão Preto e Grande Campeã Bauru



Proprietários:

Faz. Baronesa e Faz. Morena

NATVA

FERIADO OB

Grande Campeão e Recordista de Peso da Expoinel 2004



Feriado OB, 35 meses, 1.248 kg - **o touro mais pesado** da história do Nelore Mocho.

Filho de Galanthe Paranã (Bitelo SS) com Cinquenta OB (Folguedo OB).

Combinação perfeita de três das grandes linhagens do Nelore brasileiro - **Godhavari, Taj Mahal e Karvadi.**

MGT - 0,78 TOP 15%

P120 - 1,54 TOP 4%

M240 - 2,28 TOP 15%

P550 - 10,96 TOP 15%

Feriado OB - união da melhor avaliação genética com o melhor fenótipo da raça.



www.abspecplan.com.br



O SEU BANCO
DE LINHAGENS

(65) 266-2440
(18) 3623-5654
(11) 3816-6744

www.obm.com.br

Mr. OB TE 36

"The Animal"



Grande Campeão da 1ª ExpoBrahman



Mr. V8 444/4

Mr. OB TE 36

756 Kg aos 18 meses.
É filho de Mr. V8 444/4 com
Miss Four Star 489/3.

DEP's

MGT	- 0,41
P120	- 3,35
P240	- 4,33
P550	- 3,96



www.abspccplan.com.br



O SEU BANCO
DE LINHAGENS

(65) 266-2440
(18) 3623-5654
(11) 3816-6744

www.omb.com.br



Argeu Fogliatto
Faz. Porto do Campo



LETRADO DO IF

CAMPEÃO BEZERRO
70ª EXPOZEBU 2004

CAMPEÃO JÚNIOR
33ª EXPOINEL 2004

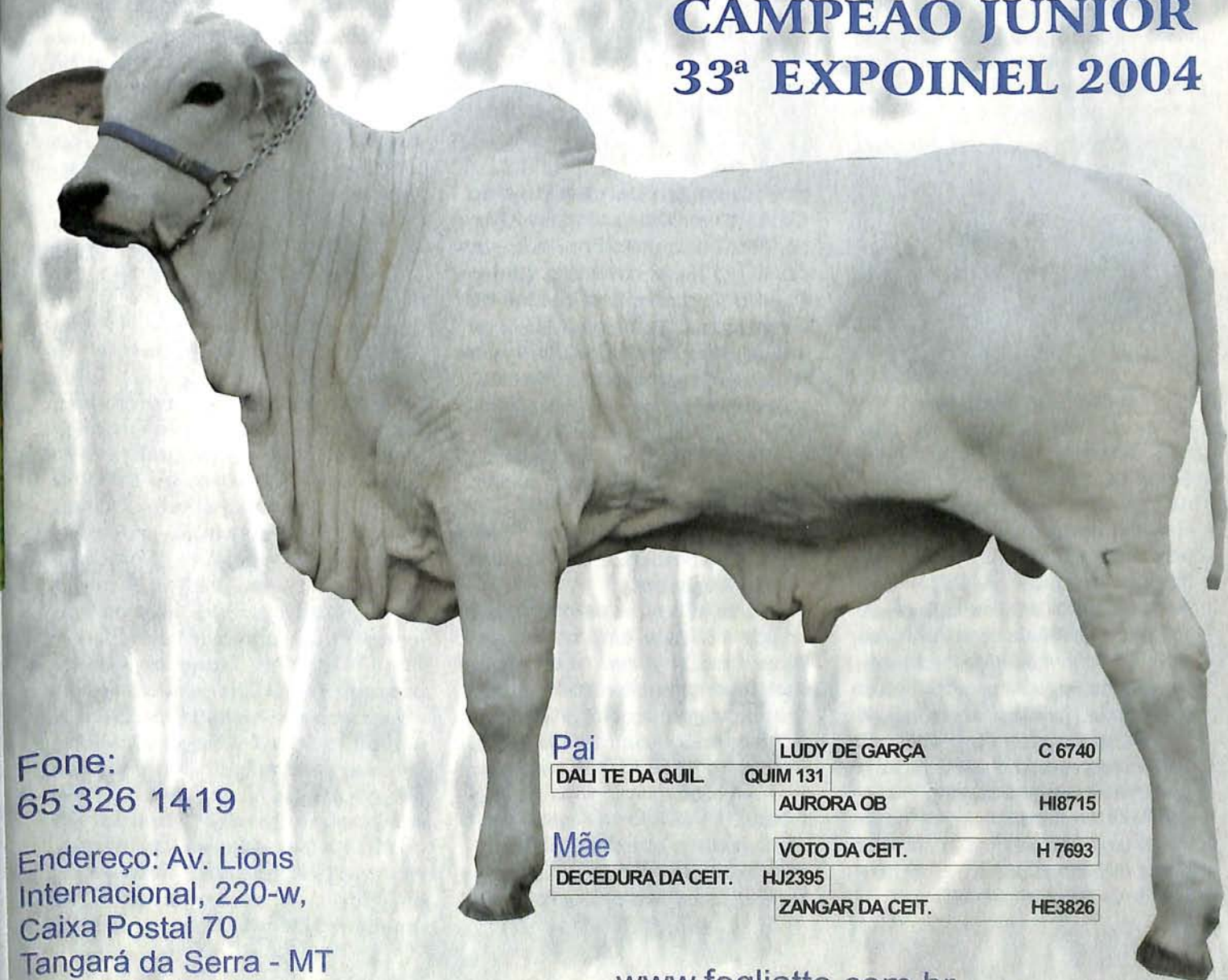


Photo: P. Padilha

Fone:
65 326 1419

Endereço: Av. Lions
Internacional, 220-w,
Caixa Postal 70
Tangará da Serra - MT
CEP: 78300-000

Pai

LUDY DE GARÇA	C 6740
DALI TE DA QUIL	QUIM 131
AURORA OB	HI8715

Mãe

VOTO DA CEIT.	H 7693
DECEDURA DA CEIT.	HJ2395
ZANGAR DA CEIT.	HE3826

www.fogliatto.com.br

Apoio para exportações

O presidente da ABCZ, Orestes Prata Tibery Júnior, e o gerente executivo do consórcio de exportação Brazilian Cattle Genetics (BCG), Gerson Simão estiveram em Brasília no dia 08 de outubro para pedir o apoio do governo federal nas negociações de revisão de protocolos sanitários com diversos países da América Latina, África, Ásia e Oceania. Eles foram recebidos pelo ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Roberto Rodrigues. Os principais assuntos da reunião foram o excesso de burocracia e as regras ultrapassadas que dificultam as exportações de material genético bovino (sêmen e embrião) e animais vivos para outros países.



fotos: M. Furtado

Genética zebuína

Pecuaristas da Guatemala e do México visitaram a sede da ABCZ no dia 25 de outubro para estabelecerem contato com o Brazilian Cattle Genetics (foto). Na oportunidade, o pecuarista Carlos Zaghi, proprietário da fazenda San Rafael Chiquihuitan, localizada na Guatemala, aprovou a qualidade dos animais que viu e afirmou que seria realmente um grande negócio para os pecuaristas de seu país levar a genética de animais nelore, guzerá e gir do Brasil. Zaghi ainda ressaltou que a procura por animais gir para suprir a necessidade da pecuária leiteira de vários países da América Latina é constante e que os animais brasileiros são donos de uma genética invejável.

Congresso no México

Criadores de todo o mundo participaram entre os dias 07 e 13 de novembro do XII Congresso Mundial de Ganado Brahman, realizado na Cidade de Mérida, Yucatán, no México. O evento contou com a participação dos diretores da ABCZ Gabriel Prata Rezende, José Rubens de Carvalho, Luiz Cláudio de Souza Paranhos Ferreira e Nelson Pineda, que foi o único representante do Brasil a realizar palestra no congresso. Pineda falou sobre as Perspectivas da Raça Brahman no Contexto da Pecuária Brasileira.



Interesse em sêmen bovino

Chefes de sanidade animal do Equador (foto) visitaram o Brasil, entre os dias 23 e 26 de novembro, com o objetivo de conhecer as centrais de inseminação artificial aptas a exportar material genético e definir a liberação do comércio entre os dois países. A ação recebeu o apoio da ABCZ e da APEX (Agência Brasileira de Promoção das Exportações). A participação do Brazilian Cattle Genetics durante a 59ª Expoferia Ganadera de Guayaquil, no Equador, despertou o interesse de criadores em adquirir sêmen de zebuínos.

No dia 25, as centrais de inseminação artificial localizadas em Uberaba também receberam a visita de um pecuarista sul-africano interessado em sêmen de animais tabapuã, gir e nelore. A África do Sul tem revelado grande interesse em adquirir não só sêmen, mas também animais vivos da raça tabapuã. As visitas foram fundamentais para atestar a qualidade não só do rebanho brasileiro, mas também das tecnologias utilizadas pelas empresas.

Sul-africanos na ExpoZebu 2005

O interesse em conhecer a maior feira pecuária do mundo tem sido tão grande que o proprietário da agência de viagens Agricultural Tours Worldwide, da África do Sul, esteve em Uberaba no mês de novembro para conhecer de perto a estrutura da ABCZ e da ExpoZebu. O proprietário da empresa, Hestie Crous, pretende montar grupos de interessados para visitar a feira do ano que vem. Até agora um total de 50 sul-africanos demonstraram interesse nesta viagem.

A ExpoZebu 2005 acontece entre os dias 29 de abril e 10 de maio. Além de conhecer a feira, os visitantes internacionais também deverão visitar fazendas da região de Uberaba e empresas do setor agropecuário.

Feria Nacional de Valencia

O Brazilian Cattle Genetics participou entre os dias 01 e 05 de dezembro da XXXV – Feria Nacional Agropecuária y Agroindustrial de Valencia 2004, na Venezuela. O estande da ABCZ, localizado em local estratégico, próximo a pista de julgamento, divulgou os produtos das 16 empresas associadas ao Brazilian Cattle Genetics, tais como: sêmen, embriões, animais vivos, serviços em melhoramento genético, produtos veterinários, sementes para pastagens e nutrição animal. A Venezuela tem sido um bom mercado para o Brasil. Em 2004 foram exportados para aquele país cerca de 4.000 animais da raça girolando, perfazendo um total de quase US\$ 3.000.000,00. Durante a ExpoZebu 2004, a Venezuela foi o país que mais enviou comitivas ao Brasil. Cerca de 133 criadores prestigiaram o evento, além de pecuaristas, representantes do governo e formadores de opinião.



foto: Ricardo Stucker/PR

Lula inaugura ExpoZebu 2005

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva já confirmou presença para a solenidade de abertura que marcará oficialmente o início da ExpoZebu 2005. O convite foi aceito no dia 06 de outubro, quando o presidente da ABCZ, Orestes Prata Tiberly Júnior, esteve visitando o Palácio do Planalto, acompanhado do vice-presidente da associação, Jonas Barcellos, e do ex-presidente da ABCZ, José Olavo Borges Mendes. Na oportunidade, o presidente Lula recebeu o diploma de Sócio Honorário da entidade, considerada a maior do mundo no gênero. Lula participou da exposição em 2003, mantendo a tradição do evento de ser inaugurado pelo presidente da República, desde sua primeira edição há 70 anos.

ABCZ na Expomilk 2004

As novidades na área de melhoramento genético das raças zebuínas foram apresentadas no estande da ABCZ durante a Expomilk, feira da pecuária leiteira que aconteceu em São Paulo (SP), nos dias 26 a 30 de outubro. Os visitantes puderam conhecer como funciona o maior programa do gênero desenvolvido para aumentar a produtividade do zebu, o PMGZ. Entre os resultados alcançados com esse tipo de técnica está o avanço da produção de leite por vaca. Há 10 anos uma

fêmea do rebanho brasileiro produzia cerca de 2,5 mil quilos de leite em 305 dias. Hoje, a produção chega a 3,5 mil quilos de leite.

Além do PMGZ, os visitantes do estande da ABCZ na Expomilk conheceram o trabalho que a entidade está desenvolvendo, através do Brazilian Cattle Genetics, para aumentar as exportações brasileiras de material genético e animais vivos. A 13ª edição da Expomilk mostrou ainda as novidades tecnológicas desenvolvidas para o setor e o trabalho científico de algumas instituições de ensino e pesquisa.

Estande ABCZ em Bauru

O estande da ABCZ esteve presente na 31ª edição da Grand Expo Bauru, realizada entre os dias 27 de outubro e 07 de novembro. No estande, toda a infra-estrutura para atendimento ao criador e esclarecimento de dúvidas quanto aos serviços e programas que são oferecidos pela entidade estavam sendo disponibilizados. Durante a Expo Bauru foram realizados 16 leilões de bovinos, entre gado de corte, brahman, matrizes, neloremocho, além das raças equínas paint horse e quarto-de-milha e ovinos.

Curso de Escrituração Zootécnica

A ABCZ promoveu no dia 06 de novembro na cidade paulista de Bauru, o 1º Curso de Escrituração Zootécnica. O evento foi voltado ao público em geral e ensinou os diversos procedimentos burocráticos do dia-a-dia da fazenda, como, por exemplo, o preenchimento correto de um comunicado de cobertura, de nascimento, fecundação *in vitro* e venda de embriões. O curso aconteceu das 8h às 18h.

Procan+ na 1ª Expoinel MS

A ABCZ promoveu durante a 1ª Expoinel MS (Exposição Internacional do Nelore), realizada de 15 a 21 de novembro, em Campo Grande (MS),

um curso do programa Procan+, software de gerenciamento criado pela associação para facilitar, organizar e direcionar o trabalho de seleção dos criadores das raças zebuínas.

O curso de Procan+ foi realizado em dois dias, 20 e 21 novembro, com jornada de 16 horas de aula no Salão do Parque de Exposições Laucídio Coelho. Com uma interface simplificada com o usuário, o software contém todos os procedimentos rotineiros e obrigatórios do Serviço de Registro Genealógico das Raças Zebuínas, além de oferecer vários relatórios gerenciais que facilitam a tomada de decisão no dia-a-dia da empresa rural. A ferramenta conta ainda com programa de melhoramento genético, baseado nas mais modernas técnicas disponíveis.

ETR de Cuiabá

Concluída a primeira fase da construção da sede própria do escritório da ABCZ em Cuiabá (MT). A previsão da entidade é de que as obras sejam finalizadas até janeiro de 2005. Atualmente, a ABCZ conta com 22 escritórios em todo o território nacional e possui mais de 15 mil associados. A nova sede do ETR de Cuiabá garantirá ainda melhor atendimento aos associados da região, com maior conforto e agilidade dos vários serviços oferecidos pela entidade.

Estande ABCZ na Fenagro

Os pecuaristas que visitaram a 17ª edição da Fenagro, em Salvador (BA), realizada entre os dias 26 de novembro e 05 de dezembro, tiveram à disposição todo o suporte técnico oferecido aos criadores e associados pelo estande da ABCZ. Além da apresentação dos serviços oferecidos pela entidade, entre eles o Programa de Melhoramento Genético de Zebuínos e o Sumário de Touros, os criadores puderam participar do Curso Procan+ nos dias 04 e 05 de dezembro.



foto: M. Furtado

Responsabilidade Social

Uma campanha voluntária estabelecida na ABCZ em favor do Hemocentro Regional de Uberaba mobilizou os funcionários da entidade (foto) entre os dias 25 e 29 de outubro. Cerca de 40 colaboradores doaram sangue em prol da iniciativa. A participação dos funcionários da entidade foi muito importante para aumentar o estoque de sangue do Hemocentro, principalmente às vésperas do feriado de 02 de novembro, dia de Finados.

"Vishva Shanti"

Uma série de apresentações culturais visando a difusão da paz foram realizadas no Parque Fernando Costa entre os dias 26 de outubro e 06 de novembro, durante a realização do evento "Vishva Shanti", que em sânscrito significa "Paz Mundial". Abrindo o encontro, foi realizado um vernissage no Museu do Zebu, com a exposição de arte "Traços de amor e compaixão", do renomado artista indiano C.N. Karunakaran, acompanhada pelas "Pinturas Tradicionais de Tãjavur" (estilo de pintura tradicional da Índia). Além de apresentações de músicas clássicas indianas, o evento contou com a apresentação da Dança da Mohini, um espetáculo com o grupo carioca Teatro Mínimo. A programação do "Vishva Shanti" ainda contou com o Simpósio pela Paz e o lançamento do livro "Diários de Guerra e Paz".

Plano Diretor

O presidente Orestes Prata Tibery Júnior pretende estabelecer em breve um registro para as ações que deverão ser implementadas ao longo da atual gestão. A intenção é elaborar um Plano Diretor para organizar as idéias e torná-las viáveis. Para isto, o arquiteto Carlos Fernando Pontual, que é pecuarista e um dos conselheiros da ABCZ, esteve no dia 27 de outubro na sede da entidade para falar com os membros da diretoria e tratar dos detalhes desse Plano. "É importante ter um documento que nos dê parâmetros para complementar o que já foi feito e determinar ajustes necessários às ações. Um bom exemplo disso é a nova dimensão que o Parque Fernando Costa deverá ter, com a aquisição de novas áreas nas imediações", disse o arquiteto, ao se referir à meta de construção de novos pavilhões permanentes para abrigar os animais, principalmente durante a ExpoZebu. Na feira deste ano participaram mais de 2,6 mil animais. Para 2005, de acordo com Orestinho, a arquitetura tradicional do Parque deverá ser mantida mesmo com a ampliação das instalações.

Paz no Parque

O Parque Fernando Costa sediou pelo quarto ano consecutivo, o projeto Construção da Paz, durante o dia 18 de novembro. A abertura do evento aconteceu no palanque do parque e contou com várias apresentações de corais, assim como peça teatral. O evento, que é aberto à população, contou ainda com um momento de oração à Nossa Senhora dos Mil Nomes e Juramento e assinatura do Manifesto da Paz. Várias oficinas foram montadas nos pavilhões do recinto, onde os visitantes puderam participar de aulas de comportamento no trânsito, mostras de artes plásticas e artesanato, confecção de brinquedos com materiais recicláveis, oficinas de dan-

ça, leitura, teatro, informações sobre controle de zoonoses, orientação sobre consumo de energia, iniciação à informática, entre outras mostras e atividades. O projeto Construção da Paz é uma iniciativa da Fundação Museu do Zebu e ABCZ.

Conselho Curador

Por sugestão do presidente da ABCZ, Orestes Prata Tibery Júnior, foram nomeados no dia 10 de novembro, os membros do Conselho Curador da Fundação Educacional para o Desenvolvimento das Ciências Agrárias (Fundagri). A reunião, que colocou em discussão os nomes para compor o conselho, aconteceu na sede, no Parque Fernando Costa. O ex-presidente da ABCZ José Olavo Borges Mendes foi nomeado para o cargo de presidente do Conselho Curador, enquanto que seu antecessor nesse posto, João Machado Prata Júnior, ficou com a Diretoria Administrativa. O professor Fábio Melo Borges será o diretor financeiro. Criada pela ABCZ para manter cursos de ensino superior, a Fundagri é mantenedora das Faculdades Associadas de Uberaba (Fazu).



foto: Carlos Lopes

Revista ABCZ

O fotógrafo Luis Adolfo (foto) foi um dos expositores da mostra de imagens rurais realizada durante o 1º Dia de Campo da Agência Nativa, realizado nos dias 26 e 27 de novembro. Além de trabalhos publicitários, Luiz Adolfo expôs diversas capas da revista ABCZ com fotos que são de sua autoria.

ABCZ (Uberaba-MG)

setor (contato)	e-mail	telefone (34)
Presidência (Sandra Regina)	• abczpre@abcz.org.br	• 3319 3800
Diretoria (Isa)	• diretoria@abcz.org.br	• 3319 3810
Dir. Comercial e Marketing (Cláudia)	• abczacm@abcz.org.br	• 3319 3820
Superintendência Geral (Agrimedes)	• abczsug@abcz.org.br	• 3319 3818
Sup. Adm. Financeira (Mio)	• abczsaf@abcz.org.br	• 3319 3850
Sup. Técnica (Goretti)	• abczsst@abcz.org.br	• 3319 3920
Sup. Melhoramento Genético (Josina)	• josina@abcz.org.br	• 3319 3930
Comunicação Social (Larissa)	• larissa@abcz.org.br	• 3319 3826
Colégio de Jurados (Moacir)	• colegiojurados@abcz.org.br	• 3319 3924
CDP • Controle Desenv. Ponderal (Ismar)	• abczcdp@abcz.org.br	• 3319 3932
PAD • Prog. Acasal. Dirigido (Ice)	• abczpad@abcz.org.br	• 3319 3934
CEP • Certificado Especial de Produção (Ice)	• abczcep@abcz.org.br	• 3319 3934
PGP • Prova de Ganho em Peso (Bruno César)	• abczpgp@abcz.org.br	• 3319 3935
Controle Leiteiro (Rodrigo)	• abczscl@abcz.org.br	• 3319 3935
ETRs e Filiadas (Carlos Lucas)	• abczcoe@abcz.org.br	• 3319 3940
Departamento de Genealogia (Carlos Lucas)	• abczddg@abcz.org.br	• 3319 3948
Comunicação Elet. Criadores (Deise)	• eletronic@abcz.org.br	• 3319 3948
Secretaria Geral (Kátia)	• abcz@abcz.org.br	• 3319 3834
ABCZ Leilões (Orlando)	• abczleilao@abcz.org.br	• 3319 3881
Sistema Procan (equipe de atendimento)	• procan@abcz.org.br	• 3319 3904
ABCZnet (Leonardo Mio)	• abcznet@abcz.org.br	• 3313 3779
Grife ABCZ (Daniela Miziara)	• griffeabcz@abcz.org.br	• 3319 3822
Museu do Zebu (Márcio Cruvinel)	• museuzebu@ldc.com.br	• 3319 3879
Brazilian Cattle Genetics (Guilherme)	• export@braziliancattle.com.br	• 3319 3958
Certificadora ABCZ (José Olavo Jr.)	• abczcertificadora@abcz.org.br	• 3319 3901
Dep. de Coordenação dos Órgãos Executores (Celso)	• suportecoe@abcz.org.br	• 3319 3942
Comercial Revista ABCZ (Euler)	• revista.comercial@abcz.org.br	• 3319 3966
Relações Públicas (Suraia)	• abczarp@abcz.org.br	• 3319 3974

Escritórios Técnicos Regionais (ETRs) e Filiadas à ABCZ

setor (contato)	e-mail	telefone
Aracaju-SE (José Prudente)	• abczaju@infonet.com.br	• (79) 3179 2293
Araguaína-TO (João Batista)	• etraux@abcz.org.br	• (63) 415 1831
Bauru-SP (Gleida)	• etrbau@abcznet.com.br	• (14) 3214 4800
Belém-PA • Ass. Rural da Pec. Pará (José Carlos)	• arpp@amazonline.com.br	• (91) 243 3373
Belo Horizonte-MG (Saulo)	• abczbhz@uai.com.br	• (31) 3332 6066
Brasília-DF • Ass. Criadores de Zebu do Planalto (Marcelo)	• aczp@linkexpress.com.br	• (61) 468 8200
Campina Grande-PB • Soc. Rural da Paraíba (Fabiano)	• ruralpb@ig.com.br	• (83) 331 3112
Campo Grande-MS (Adriano Garcia)	• abczcgr@vsp.com.br	• (67) 342 1480
Cuiabá-MT (André Lourenço)	• etrcgb@abcz.org.br	• (65) 685 1011
Fortaleza-CE (Célio)	• abczfor@secrel.com.br	• (85) 287 5328
Goiânia-GO (Ednira)	• etrgyn@abcz.org.br	• (62) 203 3415
Ji-Paraná-RO (Guilherme Henrique)	• etrijpr@abcznet.com.br	• (69) 421 4042
Londrina-PR • Soc. Rural do Paraná (Edson)	• registro@sercomtel.com.br	• (43) 3328 2000
Maceió-AL (Ulisses)	• abczmac@uol.com.br	• (82) 221 6021
Montes Claros-MG (Marcos Miguel)	• etrmoc@uol.com.br	• (38) 3222 4482
Natal-RN (Rodrigo)	• abcznat@digicom.br	• (84) 272 2430
Palmas-TO (João)	• etrpmw@abcz.org.br	• (63) 212 1299
Porto Alegre-RS (Edon Rocha)	• abczpoa@nuteccnet.com.br	• (51) 473 7133
Recife-PE • Soc. Nordestina Criadores (Ricardo Ferreira)	• sociedadenedecriadores@ig.com.br	• (81) 3228 4332
Redenção-PA (Aurélio)	• etrrdc@realonline.com.br	• (94) 424 7991
Rio Branco-AC (Inês)	• etrrbr@abcz.org.br	• (68) 221 7928
Rio de Janeiro-RJ (Marcelo)	• abczrj@iis.com.br	• (21) 2224 8404
Salvador-BA (Simeão)	• etrssa@abcz.org.br	• (71) 245 3248
São Luís-MA (Rogério)	• abczslz@elo.com.br	• (98) 247 0979
São Paulo-SP (Daniel)	• abczsao@uol.com.br	• (11) 3129 3729
Teresina-PI (José)	• abcz-the@ig.com.br	• (86) 213 1600
Vitória-ES (Lauro)	• abczvix@uol.com.br	• (27) 3328 9772

**ABCZ
SERVIÇOS**

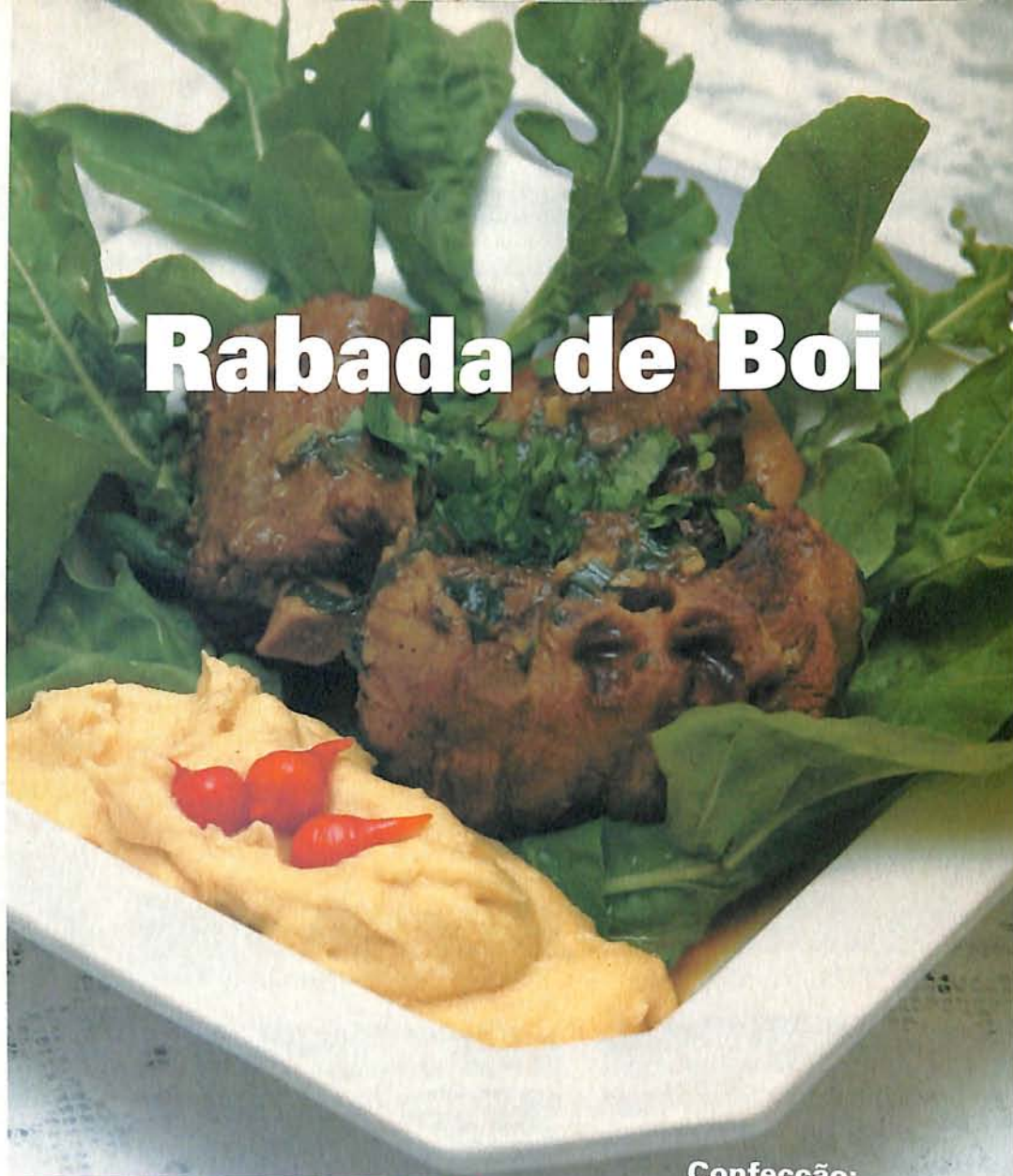
126

André Luiz Pacheco Azevedo	nº 13377
Palmas - TO	
Moacir Gonçalves de Oliveira	nº 13378
Palmas - TO	
Nicolau Humberto Muzzi Dabul	nº 13379
Palmas - TO	
José Maurício Bicalho Dias	nº 13380
Formosa - GO	
Márcia Rubia de Castro	nº 13381
Itaberaí - GO	
Espírito Santo Agropec. Ltda.	nº 13382
Belo Horizonte - MG	
Avelino de Almeida Neto	nº 13383
Belo Horizonte - MG	
José Luiz Guimarães Garcia	nº 13384
Rio de Janeiro - RJ	
Adílio Colombo	nº 13385
São Roque de Canaã - ES	
Edson Tadeu Ceolin	nº 13386
Linhares - ES	
Antonio Carlos Marques	nº 13387
Anápolis - GO	
Chrystiano Cruvinel Câmara	nº 13388
Goiânia - GO	
João Soares de Andrade	nº 13389
Rubiataba - GO	
Alfredo Henrique da Silva Luca	nº 13390
Campinas - SP	
Antonio Manuel Mendes Maia	nº 13391
Quata - SP	
Alessandra Miguel Garambone	nº 13392
Rio de Janeiro - RJ	
Adriano Garcia	nº 13393
Campo Grande - MS	
Emílio D. Celini e outro - Cond.	nº 13394
Orlândia - SP	
Francisco da Cunha Bastos Neto	nº 13395
Aparecida de Goiânia - GO	
Flávio Rosa Naves	nº 13396
Piranhas - GO	
Horácio Alves Ferreira Neto	nº 13397
Campo Grande - MS	
Juarez de Paula	nº 13398
Assis - SP	
Jair de Oliveira Rates	nº 13399
Belo Horizonte - MG	
Renato Pinto Cartafina	nº 13400
Uberaba - MG	
João Jerônimo Alves	nº 13401
Iporá - GO	
Almir Simões Vieira Filho	nº 13402
Imperatriz - MA	

Marcos Secchim Malacarne	nº 13403
Ulianópolis - PA	
Maria Amélia Alves Teixeira	nº 13404
Guanambi - BA	
Agropecuária Magalhães Ltda.	nº 13405
Ipatinga - MG	
Walter Kazuo Nakano	nº 13406
Cuiabá - MT	
Carlos Eduardo Borchardt	nº 13407
Tabaporã - MT	
Valter Cavallaro	nº 13408
Cuiabá - MT	
Caetano Rodolpho Cutolo	nº 13409
São Paulo - SP	
Manoel Gonçalves Neto	nº 13410
Salvador - BA	
Mary Rose Russi Padovan	nº 13411
P. Venceslau - SP	
Ana Blandina de Almeida Prado	nº 13412
São Paulo - SP	
Enrico César Volpon	nº 13413
Presidente Prudente - SP	
Gilberto Gerlácio Lemos	nº 13414
Goiânia - GO	
Gustavo Garcia de Oliveira Leal	nº 13415
Campo Grande - MS	
Gerda Gisela M. Pinto e Silva	nº 13416
Coxim - MS	
Ivan Marcus Vanzin	nº 13417
Campo Grande - MS	
João Amando de Oliveira	nº 13418
Campo Grande - MS	
Luis Fernando M. de Gouvea	nº 13419
São Paulo - SP	
Marcelo Cunha C. de Assunção	nº 13420
Dourados - MS	
Marcelo de Paula C. Oliveira	nº 13421
Campo Grande - MS	
Maura Barbosa de Oliveira	nº 13422
Campo Grande - MS	
Pedro Pedrossian Neto	nº 13423
Miranda - MS	
Max Fabiani	nº 13424
São Paulo - SP	
Waldemar Locatelli	nº 13425
Campo Grande - MS	
Zuleide de Arruda Ferreira	nº 13426
Campo Grande - MS	
Severino Munaro	nº 13427
Campo Grande - MS	
Roberto Pacheco de Angelis	nº 13428
Miranda - MS	

Jair Modesto da Costa	nº 13429
Belo Horizonte - MG	
Luiz Roque Marianelli	nº 13430
Betim - MG	
Nilson Sérgio Fajardo Frias	nº 13431
São Paulo - SP	
Alexandre Toledo Lemes Soares	nº 13432
Presidente Prudente - SP	
Mário Milani	nº 13433
São Bernardo do Campo - SP	
Mário de Camargo	nº 13434
Itapeva - SP	
José Stocco Netto	nº 13435
São Paulo - SP	
Hans Thomas Uebele	nº 13436
Presidente Prudente - SP	
Excegen Genética S/A	nº 13437
Belo Horizonte - MG	
Hélio Martins Borges	nº 13438
Uberlândia - MG	
Marco Aurélio Aliberti Mammana	nº 13439
Naviraí - MS	
Agropecuária Divino Espírito Santo Ltda.	nº 13440
São Paulo - SP	
CFW - Agropecuária Ltda.	nº 13441
Campo Grande - MS	
R R Rações e Biotecnologia - Ltda.	nº 13442
Presidente Kennedy - TO	
Levi Moreira de Souza	nº 13443
Itanhém - BA	
Marilac Jaqueline da Silva	nº 13444
Bom Despacho - MG	
Roberto Sardinha Júnior	nº 13445
Rio de Janeiro - RJ	
Laura da Costa Serran	nº 13447
Uberaba - MG	
Cláudio Mansur Salomão	nº 13448
São Paulo - SP	
Maria Virgínia S. Cohin Ribeiro	nº 13449
Teixeira de Freitas - BA	
Alencar Ribeiro Vaz	nº 13450
Gov. Valadares - MG	
Eduardo do Carmo de Menezes	nº 13451
Maceió - AL	
Fábio Morgan de Castro	nº 13452
Franca - SP	
Humberto Pereira Garcia Júnior	nº 13453
Itumbiara - GO	
Roberto V. Calvo e Outro - Cond.	nº 13454
São Paulo - SP	
Cecília de Arruda B. Quagliato	nº 13456
Ourinhos - SP	

Rabada de Boi



Ingredientes:

1 kg de rabada de boi
1 cebola média
1 colher das de sopa, rasa, de sal
espremido com alho (meio-a-meio)
25 ml de aguardente de cana (cachaça)
e suco de um limão
1 boa pitada de açafrão
2 colheres cheias de banha
1 folha de louro;
salsa, cebolinha e pimenta a gosto
1/2 kg de folhas de agrião



Confecção:

Lave, escorra a rabada e reserve-a coberta por água. Acrescente o limão, a cachaça e leve ao fogo. Ferva, escorra e reserve.

Em uma panela quente colocar a banha, o sal com alho, a cebola picada e por último, o açafrão. Deixe alourar. Adicione a rabada, mexendo bem para uniformizar a cor. Acrescente o louro e vá pingando água aos poucos, até que se forme um caldo denso e a carne esteja cozida.

Apure o tempero. Termine o cozimento acrescentando folhas de agrião cru, em camadas previamente lavadas em água fria.

Adicione a salsa, a pimenta e a cebolinha, uma boa mexida e pronto! Faça acompanhar por uma papa de milho (angu).

Importante: o caldo deve ser abundante e denso.

apoio:



Alberto Sternick é engenheiro civil, ex-presidente do Clube Gourmet de Minas Gerais. Pedidos de receitas ou indicações de restaurantes: albertosternick@uol.com.br

LEILÃO LIQUIDAÇÃO ^{total} PLANTEL NELORE MUNDO ACABADO

2 CHANCES PARA VOCÊ FECHAR O MELHOR NEGÓCIO PARA O SEU PLANTEL

19 E 20 DE FEVEREIRO • 14h

ACRISSUL • CAMPO GRANDE - MS

NELORE ELITE

DIA 19 • SÁBADO

30

DOADORAS PO E POI
TODAS DE CRIADORES
RENOMADOS DO BRASIL.

50

PRODUTOS DE TE
NASCIDOS DE
DOADORAS DESTE PLANTEL.

20

BEZERRAS E NOVILHAS -
ANIMAIS DE PISTA.

NELORE A CAMPO

DIA 20 • DOMINGO

700

FÊMEAS NELORE
E NELORE MOCHO
CONTROLADAS
E REGISTRADAS -
PRENHES E/OU
COM CRIA.

TODOS OS ANIMAIS ESTARÃO NO RECINTO DA ACRISSUL.

INFORMAÇÕES (67) 342-4113

PROMOÇÃO:

MILTON INSUELA PEREIRA

F A Z E N D A
Mundo Acabado
SELEÇÃO DE GADO NELORE

REALIZAÇÃO:



ASSESSORIA:

LUCRE
Assessoria Pecuária
(0xx67) 352-4700

TRANSMISSÃO:

CANAL DO BOI
(67) 321-9098

Ah! Compadre, nem lhe conto

— **U**ai sô! Pra ques banda ocê andava, comprade Tião? Senti sua farta! Perguntou o velho Olegário, sentado num tamborete de couro de gir.

— Ah! Compadre, nem lhe conto! Já ouviu falar daqueles três “k” que mata velho? Pois é, peguei o primeiro. O tal defluxo montou e olhe, quase fui.

— É memo! Respondeu, engolindo a própria risada e mostrando um único dente, o canino do lado esquerdo, que ele chama de rasga bife.

— É sério compadre! São três palavrinhas que começam com “k”: katarro, kaganeira e keda. Não tem jeito. Se não cuidar, viaja mesmo.

— Pois é, inté recebi a revista ABCZ, ô revistinha danada de boa sô, e ocê num tava lá. Pensei inté de mandá ligá pro tar Luciano Bitencourt pra sabê do cê, mais despois arresorvi.

— Não ia me achar, não estava em Uberaba. Fui até a cidade de Corinto, no norte de Minas, visitar o amigo Hipólito, e lá compadre, a danada me pegou, nem mesmo chá de flor de laranjeira com folhas de alfavaca me curou.

— Bão presse trem é uma branquinha curtida no gengibre, Tião.

— Lá vem você com suas receitas. Se extinguir os canaviais, não sei como vai ser.

— De mandioca uai. E fica azulinha qui nem gasolina de avião. O trem desce que desce redondo. O nego chega inté istralá os beijo de tão bão!

— É, mais você não está mais na idade de “istralá os beijo” e muito menos de ficar acendendo essa “Maria fumaça”.

— Que nada Tião. Otro dia fui no dotô e ele disse que toda essa maquinação pra fazer um paiero é o que os piscólogo chama de terapia. E véio como nós, tem que ter terapia.

— Olha aqui, seu velho Olegário, o Ministério da Saúde adverte: fumar causa impotência sexual, alertou Tiaozinho mostrando um maço de cigarros tirado do bolso do professor Aristharco.

— Ah! Ah! Ah ... notro dia sô, fui inté a padaria do seu Joaquim Português comprar

uns palito desse. No qui eu oiei e li essa preocupação, virei correndo pra moça que tava na caixa e disse: ocê num troca por um de câncer?

— E ela? Perguntou Tião.

— Disse que eu era um véio assanhado.

— É isso que dá. Quem conversa de mais, dá bom dia a cavalo.

— Mais sô, retrucou Olegário, e a parentaiada como é que tá.

— Bem obrigado. Só o compadre Heliodoro, aquele que tinha uma pequena nesga de terra na barranca do Velho Chico. Lembra dele?

— Cumo não, sô.

— Morreu.

— Morreu não Tião, discansô. E us minino?

— Estão lá, dividindo os bens e sofrendo a pressão do fazendeiro vizinho que deseja comprar as terras de qualquer jeito para chegar até as margens do rio.

— Ié memo, Tião?

— Se é. Pressão de todos os lados. Você não há de vê que o compadre Heliodoro deixou duas vaquinhas de estimação para os meninos? Para preservar a lembrança do pai, não houve discussão na partilha, mas a que ficou com José Arimatéia teve a vassoura do rabo cortada para melhor identificá-la. Você não há de ver que o vizinho foi lá e cortou a vassoura do rabo da outra?

— Num diga, Tião.

— Pois bem, resolveram então para diferenciá-las, pintar com esmalte vermelho a unha de uma delas. E você não há de ver que o danado do vizinho foi lá e pintou a unha da outra?

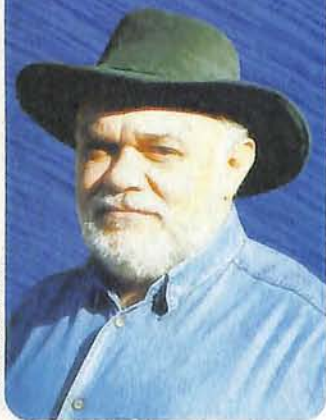
— Que isso, Tião! Isso é intriga das boa, sô.

— Pois é, então resolveram cortar a ponta da orelha de uma delas, para fazer a diferenciação. Você não há de ver que o vizinho foi lá e cortou a ponta da orelha da outra?

— Mais num é possive, Tião! E ocê num feiz nada?

— Fiz... Fui lá analisei e fiz a separação, um ficou com a preta e o outro com a vermelha.

— Mais ocê é inteligente demais, Tião... ♥



Luiz Humberto Carrião é editor da Revista Gir, articulista do Suplemento Ruralbusiness, do Jornal Opção de Goiânia e presidente da Assogir



A ABCZ e associados desejam a todos um ano de 2005
com muita paz, saúde e fartura ...de carne e leite.



Boas Festas! Feliz Ano Novo!

BRAHMAN é PILAR - AAAA

MR PILAR QUITUMBA POI 04

O Nº 1 EM VENDAS DE SÊMEN BRAHMAN NO BRASIL
65 MIL DOSES VENDIDAS

GRANDE CAMPEÃO NACIONAL 98 - 1.220 KG

CRISTA TE BAR



FILHA DO MR PILAR QUITUMBA POI 04

- Campeã Vaca Adulta Expobrahman 2004
- Grande Campeã Expobrahman 2004
- Campeã Vaca Adulta Feapam
- Grande Campeão Feapam
- Reservada Campeã Fêmea Jovem
- Expozebu 2004
- 764 kg



ABS
PEPLAN

Sêmen sexado mediante consulta

BEI BAR



FILHO DO MR PILAR QUITUMBA POI 04

- Campeão Bezerro Expozebu 2002
- Reservado Campeão Touro Jovem Expozebu 2003
- Campeão Senior Expozebu 2004
- 1.310 kg



BRAHMAN PILAR
10 anos de seleção
Tel.: (21) 9501-5215
www.brahmanpilar.com.br
sergio@brahmanpilar.com.br